Vida, do mistério ao mecanismo -Ecos de um evento



Umberto Galimberti:

A dimensão racional da Técnica e a modelagem da vida

Anna Carolina Regner:

O pensamento de Feyerabend revisitado

Timothy Lenoir:

As sociedades de controle e a iminência de um "panóptico global"

Nikolas Rose: Uma nova ontologia

molecular da vida

Jesús Conill:

"Hoje a grande ideologia é a ciência e a técnica"

Dossiê Peirce:

Confira as entrevistas sobre o centenário da morte de Charles Sanders Peirce

Vida, do mistério ao mecanismo – Ecos de um evento

s leitores e leitoras habituais da revista IHU On-Line têm em mãos, nesta semana, uma publicação diferente. A atual edição consta, fundamentalmente, de uma série de reportagens com conferencistas e participantes do XIV Simpósio Internacional IHU: Revoluções tecnocientíficas, culturas, indivíduos e sociedades. A modelagem da vida, do conhecimento e dos processos produtivos na tecnociência contemporânea, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos – IHU e realizado entre os dias 21 e 23 de outubro de 2014. na Unisinos.

Nikolas Rose, professor de Sociologia e diretor do Departamento de Ciências Sociais, Saúde e Medicina do King's College de Londres, proferiu duas conferências na Unisinos em que discutiu o impacto da revolução neurocientífica ('uma segunda criação', segundo expressão usada pelo pesquisador inglês). Segundo ele, "a vida está se movendo do mistério para o mecanismo". O pesquisador ainda concedeu ao IHU uma entrevista especial sobre sua trajetória de vida, como pessoa e intelectual de renome internacional, que o leva dos guetos judeus da capital inglesa à maior escola formadora de médicos da Europa.

A economista política Jennifer Ruger, doutora pela Universidade de Harvard, propõe uma perspectiva mais aberta para pensar os desafios no campo da saúde pública. Ela argumenta que as sociedades precisam "recuperar a dimensão humana da liberdade, das participações humanas e da compreensão do que entendemos como saúde".

Thimoty Lenoir, professor de História e catedrático do Programa de História e Filosofia da Ciência, na *Duke University*, nos Estados Unidos, considera que nossas sociedades deixaram de ser disciplinadoras, conforme apontou Michel Foucault, e se converteram em sociedades do controle, conforme havia previsto Gilles Deleuze.

Jesús Conill, catedrático da Universidade de Filosofia Moral e Política da Universidade de Valencia, autor de Ética y hermenêutica, aponta que "devemos pensar que o marco que orienta a técnica é histórico e sociocultural". Nesse sentido, a cultura entra em um processo de autorreferência, à medida que a tecnologia gera cultura que, por vezes, é produto da própria tecnologia. Já Anna Carolina Regner, pós-doutora pela Universidade de Stanford, na Califórnia, e membro do Colégio de Consultores da Coleção Memória e Saber do CNPq, trouxe à discussão o pensamento de Paul Karl Feyerabend.

Flavia Costa, doutora em Ciências Sociais e pesquisadora no Instituto de *Altos Estudios Sociales* – IDAES da *Universidad de Buenos Aires* – UBA, reflete sobre o processo de homegeneização das sensações impulsionadas pelo avanço da indústria farmacêutica. "Em nossa sociedade contemporânea, parece não haver espaço para as emoções – em especial para as emoções negativas. Ao ser humano, não resta mais a possibilidade de sentir-se triste ou cansado", frisa.

Wilson Engelmann, professor na Unisinos e pesquisador do Latin American Nanotechnology & Society Network, apresentou a conferência As nanotecnologias como um exemplo de tecnociência e seus impactos, visando debater os desafios que envolvem a emergência de uma sociedade cada vez mais tecnificada.

Irene Machado, professora e pesquisadora da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo – USP, traçou um perfil histórico do pensamento vanguardista de McLuhan, que adiantou questões de fundo que se tornaram evidentes em nossas sociedades tecnocientíficas.

Por sua vez, **Umberto Galimberti**, professor titular de História da Filosofia e Psicologia Geral da Universidade de Veneza – Itália, concedeu uma entrevista discutindo os significados da palavra técnica a partir de sua perspectiva teórica contribuindo para uma melhora compreensão da racionalidade tecnocientífica que modela nosso modo de ser e estar no mundo. Segundo ele, é necessária uma "Ética do viandante" – que se difere do "viajante". O viajante vai de um lugar para o outro e todos os interlugares não existem. "Viandante é, ao contrário, aquele que caminha, não tem mapa, e caminhando deve tomar suas decisões."

Complementa, ainda, esta edição um Dossiê sobre os 100 anos da morte do teórico da comunicação e semioticista Charles Sanders Peirce. Contribuem com o debate os professores, Ivo A. Ibri, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP e da Faculdade São Bento; Fernando Andacht, professor do Departamento de Comunicação da Universidade de Ottawa, no Canadá; Anderson Vinícius Romanini, editor científico da revista Semeiosis - Semiótica e Transdisciplinaridade em Revista e diretor de assuntos internacionais do Centro Internacional de Estudos Peirceanos da PUC-SP, Priscila Borges, vice-secretária geral da International Association for Semiotics Studies e professora da Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP; Rodrigo Almeida, doutorando em Filosofia pela PUC-SP; e, por fim, Ronaldo Henn, professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Unisinos.

A todas e a todos uma boa leitura e uma excelente semana!



Instituto Humanitas Unisinos

Endereço: Av. Unisinos, 950, São Leopoldo/RS. CEP: 93022-000

Telefone: 51 3591 1122 – ramal 4128. E-mail: humanitas@unisinos.br.

Diretor: Prof. Dr. Inácio Neutzling. Gerente Administrativo: Jacinto Schneider (jacintos@unisinos.br).

IHU

IHU On-Line é a revista semanal do Instituto Humanitas Unisinos – IHU ISSN 1981-8769.

IHU On-Line pode ser acessada às segundas-feiras, no sítio www.ihu.unisinos.br.

Sua versão impressa circula às terças-feiras, a partir das 8h, na Unisinos.

REDAÇÃO

Diretor de redação: Inácio
Neutzling (inacio@unisinos.br).
Redação: Inácio Neutzling,
Andriolli Costa MTB 896/MS
(andriollibc@unisinos.br),
Márcia Junges MTB 9447
(mjunges@unisinos.br),
Patrícia Fachin MTB 13.062
(prfachin@unisinos.br) e
Ricardo Machado MTB 15.598
(ricardom@unisinos.br).

Revisão: Carla Bigliardi Projeto gráfico: Agência Experimental de Comunicação da Unisinos – Agexcom. Editoração: Rafael Tarcísio

Forneck

Atualização diária do sítio

Inácio Neutzling, César Sanson, Patrícia Fachin, Fernando Dupont, Suélen Farias, Julian Kober, Nahiene Machado e Larissa Tassinari

LEIA NESTA EDIÇÃO

TEMA DE CAPA | Entrevistas

- 5 Entrevista: Umberto Galimberti A dimensão racional da Técnica e a modelagem da vida
- 11 Cobertura: Umberto Galimberti A inquietante insuficiência humana diante da técnica
- **15 Cobertura: Nikolas Rose** Ciências humanas e da vida. Separação e aproximação
- **18** Cobertura: Nikolas Rose Uma nova ontologia molecular da vida
- **21 Perfil:** Nikolas Rose, um amigo crítico das ciências
- **Cobertura: Jennifer Prah Ruger** A recuperação das dimensões humanas na reconfiguração do conceito de saúde
- **Cobertura: Thimoty Lenoir** As sociedades de controle e a iminência de um "panóptico global"
- 31 Cobertura: Jesús Conill "Hoje a grande ideologia é a ciência e a técnica"
- **34 Cobertura: Anna Carolina Regner** O pensamento de Feyerabend revisitado
- 37 Cobertura: Flavia Costa "Vivemos uma hipocondria generalizada"
- **39 Cobertura: Wilson Engelmann** A singularidade está próxima. O que fazer?
- **42 Cobertura: Irene Machado** A experiência sensorial dos meios e o surgimento da tecnocultura

DESTAQUES DA SEMANA

- 46 Destaques On-Line
- **48 Dossiê Peirce:** Quem foi Charles Peirce?
- **48 Dossiê Peirce: Fernando Andacht** O realismo peirceano contra a semiose infinita
- **Dossiê Peirce: Anderson Vinícius Romanini** Semiose e Vida
- **Dossiê Peirce: Priscila Borges** Classificar borboletas? O signo e a relação na obra de Charles S. Peirce
- **Dossiê Peirce: Rodrigo Almeida** Pragmatismo e Pragmaticismo O embate peirceano
- **Ossiê Peirce: Ronaldo Henn** O acontecimento jornalístico a partir da semiótica de
- **Dossiê Peirce: Ivo A. Ibri** A representatividade brasileira nos estudos peirceanos

IHU EM REVISTA

- **Publicação em Destaque:** Alimento e Nutrição no Contexto dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio
- 71 Retrovisor



twitter.com/_ihu



http://bit.ly/ihuon



www.ihu.unisinos.br



youtube.com/ihucomunica

Tema de Capa

Destaques da Semana

IHU em Revista

A dimensão racional da Técnica e a modelagem da vida

Para o filósofo italiano Umberto Galimberti, compreender os significados da palavra técnica nos ajuda a entender como esta racionalidade modela nosso modo de ser e estar no mundo

POR RICARDO MACHADO

olhar quase sereno de Umberto Galimberti esconde um sujeito que não tem nada de comedido quando se trata de defender suas posições teóricas e sua análise sobre as sociedades tecnocientíficas. Em quase uma hora de entrevista concedida pessoalmente à IHU On-Line, durante sua visita ao Instituto Humanitas Unisinos - IHU, o italiano tratou de defender seu conceito de técnica de forma entusiástica. objetiva e contundente. "Não temos que entender a palavra técnica como máquinas, isso é tecnologia. Temos que entender a palavra técnica como um tipo de racionalidade, que consiste em alcançar os máximos objetivos com o emprego mínimo dos meios", explica Galimberti.

"Tudo aquilo que não entra neste tipo de racionalidade é expulso das nossas vidas. Somente o mundo da vida prevê o irracional, como o amor, o sentimento, a dor, e tudo isso, do ponto de vista técnico, é insignificante e é visto como um elemento de distúrbio", aponta o professor. Na opinião de Galimberti, o momento de transição que vivemos jogou fora tudo aquilo que não parte de uma visão calculista/utilitarista do mundo. "A técnica não é uma entidade, é uma racionalidade de visão generalizada. É por isso que eu entendo o que é útil e necessário, mas não compreendo o que é bom, o que é belo, o que é verdadeiro, o que é santo e o que é justo. Todos esses valores se perdem e resta somente o valor da utilidade", lamenta.

Para o teórico, a cultura do domínio judaico-cristã venceu a cultura grega e é por isso que a ciência e a técnica que conhecemos são manifestações desse domínio, pois surgem no impulso destas tradições. A questão que se impõe, entretanto, é: "O Ocidente vai sobreviver até o fim do cristianismo? Ou vice-versa, o cristianismo vai sobreviver ao fim do Ocidente? Em todo caso, a ciência e a técnica são produtos da cultura de domínio", provoca. O autor ainda sustenta que não há, sequer, o desejo humano de se opor à técnica. "Não há uma oposição, porque os homens desejam a técnica mesmo que tenham medo dela. Podemos atingir um objetivo se tivermos um meio técnico de alcançá-la. Mesmo que tenhamos medo do aparato técnico, nós o desejamos", argumenta.

Umberto Galimberti é italiano e professor titular de História da Filosofia e Psicologia Geral da Universidade de Veneza — Itália. É discípulo e tradutor das obras de Karl Jaspers e Heidegger, a quem dedicou três de suas obras, além de ser estudioso de Antropologia Filosófica e Psicologia Analítica. Atualmente, é colunista de um dos maiores jornais da Itália, o *La Repubblica*. É reconhecido por seu conhecimento circular notável, do mito à Ciência, da Filosofia à História, da Psicologia à Sociologia, da Filosofia da língua à Teologia, da Antropologia à Introdução da técnica, até a obscuridade e o relacionamento técnico dramático do homem.

Será publicado, em breve, o texto "O Homem na Idade da técnica", no Cadernos IHU ideias. O professor tem 17 obras publicadas, inclusive algumas editadas em francês, espanhol, alemão, grego, português e japonês. Entre elas estão Cristianesimo. La religionedalcielovuoto (Milano: Editora Feltrinelli, 2012), Il viandante della filosofia (com Marco Alloni. Roma: Editora Aliberti, 2011) e Psiche e Techne. O homem na idade da técnica (São Paulo: Paulus, 2005).

Confira a entrevista.

IHU On-Line - A técnica em nosso tempo foi ontologizada? Ela se tornou um ente superior? Por quê?

Umberto Galimberti - Não temos que entender a palavra técnica como máquinas, isso é tecnologia. Temos que entender a palavra técnica como um tipo de racionalidade, que consiste em alcançar os máximos objetivos com o emprego mínimo dos meios. Tudo aquilo que não entra neste tipo de racionalidade é expulso das nossas vidas. Somente o mundo da vida prevê o irracional, como o amor, o sentimento, a dor, e tudo isso, do ponto de vista técnico, é insignificante e é visto como um elemento de distúrbio. A técnica não é uma entidade, é uma racionalidade de visão generalizada. É por isso que eu entendo o que é útil e necessário, mas não compreendo o que é bom, o que é belo, o que é verdadeiro, o que é santo e o que é justo. Todos esses valores se perdem e resta somente o valor da utilidade.

IHU On-Line - Em que sentido a técnica, invenção humana, saiu do controle do seu criador?

Umberto Galimberti – Nós usamos instrumentos técnicos, mas não temos condições de possuir suas técnicas. O celular contém uma concentração de inteligência humana que supera as minhas competências cognitivas e de conhecimento. Eu posso usar os instrumentos técnicos, mas não tenho o conhecimento técnico destes aparatos. A técnica já superou a capacidade individual de conhecimento.

IHU On-Line - Por que a técnica é o destino das sociedades ocidentais avançadas? Estamos diante de um beco sem saída?

Umberto Galimberti — Estamos, sim, diante de um beco sem saída e é inútil que tenhamos esperança, porque a ciência e a técnica nasceram no ocidente por meio do impulso da cultura judaico-cristã. No Gênesis, Deus diz a Adão: vais dominar a terra e os animais; os peixes nas águas

e os pássaros no céu. Mas os gregos não pensavam assim. Platão¹, por exemplo, disse "não pensa, homem mesquinho, que esta natureza foi criada para ti. Tu serás justo e vais te ajustar de forma harmônica à natureza". A cultura do domínio é a cultura judaico-cristã, ela venceu a cultura grega e é por isso que a ciência e a técnica, que são a manifestação desse domínio, nasceram através do impulso desta tradição. Como o Ocidente é cristão, também os ateus são cristãos, os agnósticos são cristãos, porque o cristianismo não é somente uma religião, é uma cultura. O problema que temos é: o Ocidente vai sobreviver até o fim do cristianismo? Ou vice-versa, o cristianismo vai sobrevier ao fim do Ocidente? Em todo caso, a ciência e a técnica são produtos da cultura de domínio.

IHU On-Line - A partir desse cenário, como podemos compreender que nos tornamos objetos do grande sujeito da história no qual se converteu a técnica?

Umberto Galimberti – Porque o homem foi sempre pensado como o padrão do universo. Quando a ci-ência foi criada, em 1600, Descartes²

dizia que através da ciência o homem se torna o dominador do mundo. Isso porque a essência do humanismo é a essência da técnica. Entretanto, a técnica quando se desenvolveu e difundiu a cultura da racionalidade utilitarista, reduziu o homem a um operador da técnica. Assim, qualquer trabalho, na fábrica ou no escritório, é responsável pelo protocolo, através das ordens dos superiores. Não é responsável pelos fins de suas atividades, é uma engrenagem do aparato não diferente dos instrumentos que utiliza. Ele não é mais um sujeito de vida, e sim um funcionário da técnica que utiliza. Isso determina também a queda da moral tradicional, porque a moral estabelecia o que é justo e injusto, o que é bom e o que é ruim e depois previa, também, o perdão.

A técnica é mais feroz que a moral, porque se a eficiência e a produtividade não são respeitadas, se está fora do sistema técnico e, automaticamente, do sistema social. Nesse sentido podemos ser imorais porque entra uma sanção técnica mais feroz que a moral.

IHU On-Line - Quais são as implicações éticas fundamentais desse cenário?

Umberto Galimberti - Nós não temos uma moral à altura da Idade da Técnica. Porque a moral cristã é moral da intenção, que te considera bom ou ruim conforme as intenções pela qual os sujeitos agem. Por meio dessa moral nasceu todo o sistema jurídico ocidental, dependendo das intenções de meu delito vou ter um ou outro tipo de condenação; trata-se de uma perspectiva que está relacionada à ética da intenção. Na idade da técnica não é importante o objetivo de por que se faz determinada ação, mas são importantes as consequências das ações. A Oppenheimer³ não interessava suas

¹ Platão (427-347 a.C.): filósofo ateniense. Criador de sistemas filosóficos influentes até hoje, como a Teoria das Ideias e a Dialética. Discípulo de Sócrates, Platão foi mestre de Aristóteles. Entre suas obras, destacam-se A República (São Paulo: Editora Edipro, 2012) e Fédon (São Paulo: Martin Claret, 2002). Sobre Platão, confira a entrevista As implicações éticas da cosmologia de Platão, concedida pelo filósofo Marcelo Perine à edição 194 da revista IHU On-Line, de 04-09-2006, disponível em http://bit.ly/ pteX8f. Leia, também, a edição 294 da revista IHU On-Line, de 25-05-2009, intitulada Platão. A totalidade em movimento, disponível em

² René Descartes (1596-1650): filósofo, físico e matemático francês. Notabilizouses sobretudo pelo seu trabalho revolucionário da Filosofia, tendo também sido famoso por ser o inventor do sistema de coordenadas cartesiano, que influenciou o desenvolvimento do cálculo moderno. Descartes, por vezes chamado o fundador da filosofia e matemática modernas, inspirou os seus contemporâneos e gerações de filósofos. Na opinião de alguns comentadores, ele iniciou a formação daquilo a que hoje se chama de racionalismo continental (supostamente em oposição à escola que predominava nas ilhas bri-

tânicas, o empirismo), posição filosófica dos séculos XVII e XVIII na Europa. (Nota da IHU On-Line)

³ Julius Robert Oppenheimer (1904-1967): foi um físico norte-americano. Dirigiu o Projeto Manhattan para o desenvolvimento da bomba atômica durante a

intenções quando inventaram a bomba atômica. Importante é o contrário, conhecer as consequências da bomba atômica. Nem mesmo a moral laica está à altura desta razão. Quando Kant⁴ gueria fundar uma moral apenas sobre a razão prescindindo das religiões, que não podem criar uma moral universal, ele dizia que era preciso tratar o homem como um fim e não como um meio. Hoje esta moral não tem como funcionar, porque na Idade da Técnica tudo é mais complicado. Afinal, o ar é um fim ou um meio a ser protegido? A água é um fim ou somente um meio? A fauna, a flora, a biosfera, a atmosfera são fins ou são meios que devem ser salvaguardados? Nós não temos uma ética que tenha se responsabilizado pela natureza, nós temos a ética para reduzir o conflito entre os homens, mas não para proteger a natureza.

Segunda Guerra Mundial, no laboratório nacional de Los Alamos, no Novo México. Oppenheimer nasceu no seio de uma família judia. Estudou na EthicalCultureSociety, onde chegou a realizar uma completa formação tanto em matemática e ciências como em literatura grega e francesa. (Nota da IHU On-Line)

A ética vai funcionar se ela se tornar psique. Se eu estuprar uma moça vou ser percebido como culpado, mas se eu poluo como serei considerado? Max Weber⁵ formulou a ética da responsabilidade e disse que era necessário considerar a consequência das ações (até o ponto que essas consequências possam ser previsíveis). O problema é que as consequências da ciência e da técnica não são previsíveis. Aquilo que consideramos como o fim da ciência e da técnica são os resultados dos procedimentos. Não se trata de afirmar algo como "temos que curar o câncer". A ciência não funciona assim. A tecnociência opera a partir da seguinte lógica: "deve-se estudar certo aminoácido por 20 anos"; "estude esta proteína por dez anos". Se perguntássemos qual é o objetivo, o cientista responderia "não sei". Ele argumentaria que é necessário conhecer tudo aquilo que é possível e se com o resultado desses conhecimentos tivermos uma vantagem para a humanidade, ok, mas este não é o obietivo e sim o resultado final de uma série de procedimentos. Ninguém projetou a clonagem humana, apenas viu-se que era possível.

IHU On-Line - Qual é o nexo entre a radicalização da técnica enquanto uma das faces do niilismo diagnosticado por Nietzsche?

Umberto Galimberti - Nietzsche⁶ definia o niilismo nos seguintes termos: falta de objetivo, falta de resposta ao "por que", todos os valores se perdem. Que os valores percam os próprios "valores" não é importante. Porque eles não são entidades metafísicas que descem do céu, são coeficientes sociais nos quais as populações tentam viver da melhor maneira possível. O mais decisivo nesse aspecto é que não há objetivo, porque a técnica não tem objetivos, não tem como objetivo o bem-estar da humanidade, ela não salva, não redime, a técnica funciona. Aquilo que ela determina não é um bem--estar da sociedade, mas, sim, seu próprio desenvolvimento. A técnica quer a si mesma e o seu desenvolvimento independente das condições dos humanos. Dessa forma, o futuro se torna imprevisível e nesse senti-

6 Friedrich Nietzsche (1844-1900): filósofo alemão, conhecido por seus conceitos além-do-homem, transvaloração valores, niilismo, vontade de poder e eterno retorno. Entre suas obras figuram como as mais importantes Assim falou Zaratustra (9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998), O anticristo (Lisboa: Guimarães, 1916) e A genealogia da moral (5. ed. São Paulo: Centauro, 2004). Escreveu até 1888, quando foi acometido por um colapso nervoso que nunca o abandonou até o dia de sua morte. A Nietzsche foi dedicado o tema de capa da edição número 127 da IHU On-Line, de 13-12-2004, intitulado Nietzsche: filósofo do martelo e do crepúsculo, disponível para download em http://bit. ly/Hl7xwP. A edição 15 dos Cadernos IHU em formação é intitulada O pensamento de Friedrich Nietzsche, e pode ser em http://bit.ly/HdcqOB. acessada Confira, também, a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista IHU On-Line, de 10-05-2010, disponível em http://bit.ly/162F4rH, intitulada O biologismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado, na qual discute ideias de sua conferência "A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche e a questão da biopolítica", parte integrante do Ciclo de Estudos Filosofias da diferença - Pré-evento do XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governobiopolítico da vida humana. Na edição 330 da revista IHU On-Line, de 24-05-2010, leia a entrevista Nietzsche, o pensamento trágico e a afirmação da totalidade da existência, concedida pelo Prof. Dr. Oswaldo Giacoia e disponível para download em http:// bit.ly/ngUxGO. Na edicão 388, de 09-04-2012, leia a entrevista O amor fati como resposta à tirania do sentido, com Danilo Bilate, disponível em http://bit. ly/HzaJpJ. (Nota da IHU On-Line)

⁴ Immanuel Kant (1724-1804): filósofo prussiano, considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, representante do Iluminismo. Kant teve um grande impacto no romantismo alemão e nas filosofias idealistas do século XIX, as quais se tornaram um ponto de partida para Hegel. Kant estabeleceu uma distinção entre os fenômenos e a coisa-emsi (que chamou noumenon), isto é, entre o que nos aparece e o que existiria em si mesmo. A coisa-em-si não poderia, segundo Kant, ser objeto de conhecimento científico, como até então pretendera a metafísica clássica. A ciência se restringiria, assim, ao mundo dos fenômenos, e seria constituída pelas formas a priori da sensibilidade (espaço e tempo) e pelas categorias do entendimento. A IHU On-Line número 93, de 22-03-2004, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra do pensador com o título Kant: razão, liberdade e ética, disponível para download em http:// bit.ly/ihuon93. Também sobre Kant foi publicado o Cadernos IHU em formação número 2, intitulado Emmanuel Kant -Razão, liberdade, lógica e ética, que pode ser acessado em http://bit.ly/ ihuem02. Confira, ainda, a edição 417 da revista IHU On-Line, de 06-05-2013, intitulada A autonomia do sujeito, hoje. Imperativos e desafios, disponível em http://bit.ly/ihuon417. (Nota da IHU On-Line)

⁵ Max Weber (1864-1920): sociólogo alemão, considerado um dos fundadores da Sociologia. Ética protestante e o espírito do capitalismo (Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2004) é uma das suas mais conhecidas e importantes obras. Cem anos depois, a IHU On-Line dedicou-lhe a sua 101ª edição, de 17-05-2004, intitulada Max Weber. A ética protestante e o espírito do capitalismo 100 anos depois, disponível para download em http://bit.ly/ihuon101. De Max Weber o IHU publicou o Cadernos IHU em formação nº 3, 2005, chamado Max Weber - o espírito do capitalismo, disponível em http://bit.ly/ihuem03. Em 10-11-2005, o professor Antônio Flávio Pierucci ministrou a conferência de encerramento do I Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia, promovido pelo IHU, intitulada "Relações e implicações da ética protestante para o capitalismo". (Nota da IHU On-Line)

do falta o objetivo, falta a resposta ao "por que" — por que estou no mundo, por que estou nessa situação de operador da técnica —, nós não temos nada onde nos agarrar, o que seria o próprio niilismo.

IHU On-Line - Em que medida é preciso repensar e até mesmo refundar conceitos como a política, a ética e a religião tomando em consideração o paradigma da técnica em nosso tempo?

Umberto Galimberti – Em relação à política, Platão pensava que a política deveria ser o local da decisão. Ele mesmo chamava a política de técnica régia. A técnica sabe como são feitas as coisas e a política sabe se é necessário e como se deve fazer. A política seria, então, o local da decisão. Hoje a política, ao contrário, não é local onde se decidem as coisas, porque para tomar decisões a política olha para a economia, e a economia para fazer suas coisas olha para os objetos tecnológicos. Nós temos, portanto, a política e a economia e a economia e a técnica. A política aparece na televisão, mas não é mais onde se decidem as coisas. Em relação às religiões, parece que ainda tem futuro, mas somente como um contraponto à racionalidade técnica, porque tudo aquilo que não tem a ver com a racionalidade técnica encontra no cenário religioso um local onde pode ter algum sentido. Porém, este sentido só é entendido na irracionalidade da religião, pois a religião é um local irracional, onde tem consolação, esperança, confiança, que são todos cenários excluídos do horizonte técnico. Mas na luta entre religião e técnica a técnica vencerá.

IHU On-Line - Em que aspectos a desconstrução que o senhor propõe de mitos como o da neutralidade, da instrumentalidade e da não humanidade da técnica representam uma falsa e alienante oposição homem versus máquina?

Umberto Galimberti – Não há uma oposição, porque os homens de-

sejam a técnica mesmo que tenham medo dela. Podemos atingir um objetivo se tivermos um meio técnico de alcancá-la. Mesmo que tenhamos medo do aparato técnico, nós o desejamos. Por exemplo, há 25 anos houve a Queda do Muro de Berlim, e o fim do regime da União Soviética não foi porque as pessoas tinham fome, porque eram controladas, porque não podiam sair do país, não foram as razões humanísticas que determinaram o fim do regime. Em 1960, a técnica da União Soviética era igual ou um pouco superior à técnica de seu antagonista que era os Estados Unidos. De fato, os soviéticos já haviam lançado seu Sputnik⁷ ao espaço e, obviamente, o Comunismo não poderia acabar naquela época. Quando, em 1989, a técnica da União Soviética era infinitamente inferior à americana, o Comunismo caiu. Agora a técnica é a condição para realizar os objetivos, então todos desejam a técnica.

IHU On-Line - Qual é o nexo que une a hiper-racionalidade contemporânea, o surgimento e a consolidação da técnica?

Umberto Galimberti – A técnica com sua hiper-racionalidade determina também nosso modo de pensar. Heidegger⁸ disse de forma opor-

7 Sputnik - Satélite: foi o nome do programa que produziu a primeira série de satélites artificiais soviéticos, concebida para estudar as capacidades de lançamento de cargas úteis para o espaço e para estudar os efeitos da ausência de peso e da radiação sobre os organismos vivos. Serviu também para estudar as propriedades da superfície terrestre com vista à preparação do primeiro voo espacial tripulado. Foi lançado pela União Soviética em 4 de outubro de 1957 na Unidade de teste de foguetes da União Soviética. (Nota da IHU On-Line)

tuna que o inquietante não é que o mundo se transforme em um grande aparato técnico, o mais inquietante é que não estamos preparados para essa grande transformação do mundo. E ainda mais inquietante é que não temos um pensamento alternativo ao modelo calculista/cartesiano de racionalidade. A técnica não oferece somente instrumentos técnicos, mas nos faz pensar desta forma. Uma vez eu estava em um trem e havia uma moça com uma harpa, um instrumento grande que atrapalha, e um senhor muito distinto começou a conversar com ela, conversaram por meia hora, a moça se sentiu gratificada por alguém interessado por sua arte, depois, no final, este mesmo senhor perguntou: "Onde estão os negócios desta arte?". Isso nos faz entender que pensamos somente com a categoria do cálculo.

IHU On-Line - Em que medida a ética do *viandante* serve como contraponto ao status da técnica em nosso tempo?

Umberto Galimberti – A ética do viandante é uma ideia que ainda deve se tornar um livro. O viandante não é o viajante. O viajante vai de um lugar para o outro e todos os interlugares não existem. Viandante é, ao contrário, aquele que caminha, não tem mapa, e caminhando deve tomar suas decisões. Se chega diante de uma montanha, por exemplo, ele deve decidir se vai transpor a montanha ou contorná-la. Se tiver um rio, terá que ver por onde poderá passar. Se atualmente vivemos em um cenário onde não temos mais princípios, não temos mais regras morais, temos que utilizar

ser acessado em http://bit.ly/ihuem12. Confira, também, a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista IHU On-Line, de 10-05-2010, disponível em http://bit.ly/ihuon328, intitulada O biologismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado, na qual discute ideias de sua conferência "A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche e a questão da biopolítica", parte integrante do ciclo de estudos Filosofias da diferença - pré-evento do XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governobiopolítico da vida humana. (Nota da IHU On-Line)

⁸ Martin Heidegger (1889-1976): filósofo alemão. Sua obra máxima é O ser e o tempo (1927). A problemática heideggeriana é ampliada em Que é Metafísica? (1929), Cartas sobre o humanismo (1947), Introducão à metafísica (1953). Sobre Heidegger, confira as edições 185, de 19-06-2006, intitulada O século de Heidegger, disponível em http://bit. ly/ihuon185, e 187, de 03-07-2006, intitulada Ser e tempo. A desconstrução metafísica, em http://bit.ly/ ihuon187. Confira, ainda, Cadernos IHU em formação nº 12, Martin Heidegger. A desconstrução da metafísica, que pode

a ética do viandante, que é a da contínua decisão, mas nela existe um critério, que não é o critério do bem, mas do menor mal. Neste sentido, esta será a ética do futuro, causada pelo colapso de todas as éticas por causa da técnica.

Houve uma época em que se nascia conforme a natureza, hoje as pessoas podem nascer por meio da técnica, assim como se pode morrer. A técnica modifica também todas as regras éticas. A ética diante da técnica se torna patética porque pergunta à técnica o que ela pode fazer, mas sabe que ela não faz tudo aquilo que pode. Isso nunca foi visto na história.

IHU On-Line - O senhor aponta a experiência totalitária do Nazismo como consumação da Idade da Técnica, rumo ao niilismo. As outras experiências totalitárias, de estado de exceção, que vivemos em nosso tempo continuam corroborando sua ideia? Por quê?

Umberto Galimberti – Eu iniciei a Idade da Técnica com as experiências nazistas. Tínhamos as tecnologias e as armas, mas a experiência nazista inventou um modelo que se tornou o modelo da técnica. Günther Anders⁹, que era marido de Hannah Arendt¹⁰,

9Günther Anders (1902-1992): pseudônimo de Günther Stern. Foi um jornalista, filósofo e ensaísta alemão de origem judaica. Doutorou-se em Filosofia, em 1923, sob a orientação de Edmund Husserl, tendo sido aluno de Heidegger e Cassirer. Foi colega de Hannah Arendt, com quem foi casado entre 1929 e 1936. (Nota da IHU On-Line)

fala muito bem sobre isso. Há uma bela entrevista de uma iornalista húngara, que faz 170 perguntas a um diretor do campo de concentração de Treblinka¹¹ e questiona ao nazista o que ele sentia quando fazia aquele trabalho. Ele não responde inicialmente, mas no final, contrapõe: "Que tipos de pergunta você está fazendo para mim? Eu não tinha o dever de sentir alguma coisa, minha tarefa era eliminar 3 mil pessoas até o fim da tarde, porque às 17 horas chegava outra carga que precisava ser eliminada até o dia seguinte. Este era o meu trabalho e eu o fazia muito bem". Deste ponto de vista, o diretor era um ótimo trabalhador. Isso porque, na Idade da Técnica, as pessoas não são responsáveis por suas ações, mas devem prestar contas da responsabilidade à empresa onde trabalham, aos equipamentos, mas não pelo que se faz. A responsabilidade se limita aos superiores. "Eu não sou responsável por minhas ações, mas pela boa execução das minhas ações." O conteúdo não interessa. O bem e o mal se tornam o bem feito e o mal feito.

Trabalhadores ou delinguentes

A Itália é o primeiro país que construiu perfeitas minas anti-homens. Como chamamos este operário que fez estas minas, trabalhador ou delinquente? Eu acredito que devemos chamá-lo de operário. Se eu oferecer um trabalho que pague mais, ele vai exercer este outro trabalho. Mas por que devemos considerá-lo um bom operário? Porque ele faz bem, tecnicamente, seu trabalho, mas não é o responsável por ele. A técnica,

Simone Weil e Edith Stein. Três mulheres que marcaram o século XX, disponível em http://bit.ly/ihuon168, e a edição 206, de 27-11-2006, intitulada O mundo moderno é o mundo sem política. Hannah Arendt 1906-1975, disponível em http:// bit.ly/ihuon206. (Nota da IHU On-Line) 11Treblinka: quarto dos campos de extermínio, onde os judeus foram mortos em câmaras de gás alimentadas por motores a explosão. Estava localizado nos arredores da cidade de Treblinka, Polônia. Também foi o primeiro campo onde ocorreu a cremação dos cadáveres a fim de ocultar o número de pessoas mortas. (Nota da IHU On-Line)

portanto, reduz a responsabilidade humana. Recordo que, antes da Guerra do Iraque, uma agência do banco nacional do trabalho no Canadá estava ligada ao tráfico de armas que fornecia armamento ao Saddam12. O empregado daquela banca é culpado ou não? No primeiro momento ele pode saber, mas se ele sabe não é de sua competência. Eis a limitação da ética que opera na técnica. E o trabalho, que é uma palavra nobre e tem uma grande importância, não é levado em consideração. Quando Bush¹³ dizia "nós iremos embora do Iraque quando tivermos acabado nosso trabalho". que tipo de trabalho era este? É o de matar os outros. Quando Günther Anders dizia que havia escrito uma carta ao piloto que jogou a bomba sobre Hiroshima e perguntou o que ele sentia quando apertou o botão, ele respondeu: "Nada, isso era o meu trabalho!". O trabalho se tornou uma coisa neutra em relação ao conteúdo. a avaliação de se é bem ou mal feito diz respeito aos protocolos.

IHU On-Line - É possível vislumbrar uma síntese da dualidade homem e técnica? O que pode emergir a partir dela?

Umberto Galimberti – Sim, uma síntese no sentido de que o homem foi absorvido pela técnica. Por exemplo, eu considero Mussolini¹⁴,

¹⁰ Hannah Arendt (1906-1975): filósofa e socióloga alemã, de origem judaica. Foi influenciada por Husserl, Heidegger e Karl Jaspers. Em consequência das perseguições nazistas, em 1941, partiu para os Estados Unidos, onde escreveu grande parte das suas obras. Lecionou nas principais universidades deste país. Sua filosofia assenta numa crítica à sociedade de massas e à sua tendência para atomizar os indivíduos. Preconiza um regresso a uma concepção política separada da esfera econômica, tendo como modelo de inspiração a antiga cidade grega. A edição mais recente da IHU On-Line que abordou o trabalho da filósofa foi a 438, A Banalidade do Mal, de 24-03-2014, disponível em http://bit. ly/ihuon438. Sobre Arendt, confira ainda as edicões 168 da IHU On-Line, de 12-12- 2005, sob o título Hannah Arendt,

¹² Saddam Hussein Abdal-Majid al-Tikriti (1937-2006): político e estadista iraquiano, uma das principias lideranças do mundo árabe. Foi presidente do Iraque no período de 1979 a 2003, acumulando o cargo de primeiro-ministro nos períodos de 1979-1991 e 1994-2003. (Nota da IHU On-Line)

¹³George W. Bush (1946): foi o 43° presidente dos Estados Unidos, sucedendo Bill Clinton em 2001. Em 2009, foi sucedido por Barack Obama. Foi governador do Texas entre 1995 e 2000. (Nota da IHU On-Line)

¹⁴ Benito Mussolini [Benito Amilcare Andrea Mussolini] (1883-1945): jornalista e político italiano, governou a Itália com poderes ditatoriais entre 1922 e 1943, autodenominando-se Il Duce, que significa em italiano "o condutor". Baseando-se numa filosofia política teoricamente socialista, conseguiu a adesão dos militares descontentes e de grande parte da população, alargou os quadros e a dimensão do partido. Após um período de grandes perturbações políticas e sociais,

Stalin¹⁵ e Hitler¹⁶ figuras do humanismo. Onde os homens decidem todas as coisas. Hoje, isso não é mais possível. Não podem mais nascer homens que salvem ou destruam um país. Hoje o que existe é o aparato técnico,

quando alcançou grande popularidade, guindou-se a chefe do partido, e em 1922 organizou a famosa marcha sobre Roma, um golpe de propaganda. Usando as suas milícias para instigar o terror e combater abertamente os socialistas, conseguiu que os poderes investidos o nomeassem para formar governo. Foi nomeado Primeiro Ministro pelo rei Vítor Manuel III, alcançando a maioria parlamentar e, consequentemente, poderes absolutos. (Nota da IHU On-Line)

15 Josef Stalin (1878-1953): ditador soviético, líder máximo da URSS de 1924 a 1953 e responsável pela condução de uma política nomeada como stalinismo. Chegou a estudar em um colégio religioso de Tbilisi, capital georgiana, para satisfazer os anseios de sua mãe. que queria vê-lo seminarista. Mas logo acabou enveredando pelas atividades revolucionárias contra o regime czarista. Passou anos na prisão e, quando libertado, aliou-se a Vladimir Lenin e outros camaradas, que planejavam a Revolução Russa. Stalin ocupou o posto de Secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética entre 1922 e 1953 e, por conseguinte, o de chefe de Estado da URSS durante cerca de um quarto de século. Sobre Stalin, confira a entrevista concedida pelo historiador brasileiro Ângelo Segrillo à edição 265 da IHU On-Line, Nazismo: a legitimação da irracionalidade e da barbárie, analisando a obra Prezado Sr. Stalin (Rio de Janeiro: Zahar, 2008), de autoria de Susan Butler, disponível em http://bit.ly/1j3t54H. (Nota da IHU On-Line)

16 Adolf Hitler (1889-1945): ditador austríaco. O termo Führer foi o título adotado por Hitler para designar o chefe máximo do Reich e do Partido Nazista. O nome significa o chefe máximo de todas as organizações militares e políticas alemas, e quer dizer "condutor", "guia" ou "líder". Suas teses racistas é antissemitas, bem como seus objetivos para a Alemanha, ficaram patentes no seu livro de 1924, MeinKampf (Minha Luta). No período da ditadura de Hitler, os judeus e outros grupos minoritários "indesejados", considerados como ciganos e negros, foram perseguidos e exterminados no que se convencionou chamar de Holocausto. Cometeu suicídio no seu Quartel-General (o Führerbunker) em Berlim, com o Exército Soviético a poucos quarteirões de distância. A edição 145 da IHU On-Line, de 13-06-2005, comentou, na editoria Filme da Semana, o filme dirigido por Oliver Hirschbiegel, A Queda - as últimas horas de Hitler, disponível em http://bit.ly/ihuon145. A edição 265, intitulada Nazisimo: a legitimação da irracionalidade e da barbárie, de 21-07-2008, trata dos 75 anos de ascensão de Hitler ao poder, disponível em http://bit.ly/ihuon265. (Nota da IHU On-Line)

e o homem é o representante deste aparato técnico. Obama¹⁷ não pode decidir. Ele representa o conjunto de interesses técnicos interpretados como vantajosos. O humanismo acabou, temos que nos dar conta, como já havia defendido Heidegger, Jaspers¹⁸, Günther Anders. O homem se salva na vida privada. Para falar de um modo simples, somente no final de semana, quando encontra a si mesmo, porque nos outros momentos ele é um funcionário do aparato, mas no final de semana o homem escapa de si mesmo como escapa do pior inimigo, ele se distrai. Está terminando uma época histórica, que é a da primazia do homem sobre a terra. Agora temos a superioridade dos aparatos sobre a terra, da racionalidade elementar, o máximo dos objetivos e uso mínimo dos meios. Uma vez, por exemplo, os celulares eram grandes máquinas que tinham somente uma função, hoje são pequenos e têm mil funções. Esta é a essência da técnica.

IHU On-Line – O que, nesses quase 10 anos de *Psique e Techne: o Homem na Idade da Técnica*, mudou no seu pensamento acerca das sociedades tecnocientíficas?

Umberto Galimberti – Meu primeiro livro, que escrevi em 1975, quando tinha 33 anos, era intitulado *A queda do Ocidente (Il tramonto dell'occidente* - Milano: Feltrinelli Editore, 2005), e acredito que tenhamos

chegado agora a esta queda. Com a palavra Ocidente, refiro-me à América do Norte e à Europa, mas a realidade do Brasil é diferente, ainda que vocês corram o risco de entrar na racionalidade ocidental a que me refiro e, por isso, eu sinto agui um mundo e uma vida que se move. O mundo da vida, pela técnica, não é interessante. Se eu digo "te amo", do ponto de vista técnico já foi dito tudo, não tenho nada mais a acrescentar, mas do ponto de vista da vida, há milhares de palavras para serem ditas. Todas estas palavras do ponto de vista da racionalidade técnica são inúteis e insignificantes, redundantes, e existe um conflito muito difícil entre a técnica e a vida. E quando nós observamos quem vence, considerando que a terra é vista do ponto de vista técnico - como já dizia Heidegger, em 1927 -, mudamos a percepção da natureza, pois quando as pessoas vão à floresta para ver as árvores, veem móveis, e quando estão diante de um rio não veem a natureza, mas a energia elétrica, se estivermos sob a terra veremos o subterrâneo; o planeta é percebido como matéria-prima. E é nesse sentido que o filósofo alemão dizia que "chegará o dia em que o homem será a matéria--prima mais importante", não como sujeito da história, mas como matéria-prima da utilização pelo próprio homem. Depois disso temos ainda muito do mundo que ainda não é técnico, mas aqui não há como fazer previsões. Veja que a China e a Índia estão se tornando técnicas e a ideia de que a humanidade pode reapropriar a si mesma, e de que pode usar a técnica a seu serviço, não é mais possível. A técnica não é mais um instrumento nas mãos do homem, mas o homem se tornou um funcionário do aparato técnico.

IHU On-Line - Gostaria de acrescentar algum aspecto não questionado?

Umberto Galimberti – Estou contente de estar muito velho, assim não vou poder presenciar o fim do humanismo.

¹⁷Barack Obama [Barack Hussein Obama II] (1961): advogado e político estadunidense. É o 44º presidente dos Estados Unidos, desde 2009. Sua candidatura foi formalizada pela Convenção do Partido Democrata, em 2008. (Nota da IHU On-Line)

¹⁸ Karl Jaspers (1883-1969): filósofo existencialista alemão. Acreditava que a filosofia não é um conjunto de doutrinas, mas uma atividade por meio da qual cada indivíduo pode se conscientizar da natureza de sua própria existência. Escreveu vários livros, entre os quais Filosofia (1932), O alcance perene da filosofia (1948) e O caminho para a (1949). Jaspers começou sabedoria a ensinar Psiquiatria na universidade de Heidelberg em 1913, tornando-se professor de Filosofia em 1921. Em 1948, passou a ensinar Filosofia na universidade de Basileia, na Suíça. (Nota da IHU On-

A inquietante insuficiência humana diante da técnica

Pela primeira vez no Brasil, o filósofo italiano Umberto Galimberti fechou a primeira noite de conferências do Instituto Humanitas Unisinos – IHU

POR RICARDO MACHADO



"Inquietante não é o fato de que o mundo se transforme num grande aparato técnico, o mais inquietante é que não estejamos preparados para isso. Há ainda um terceiro grau de inquietude, o de que não temos uma alternativa ao pensamento calculista, por isso na Idade da Técnica não sabemos o que é bom, o que é bonito, o que é santo, apenas o que é útil", finalizou Umberto Galimberti, parafraseando Heidegger¹, na conferência

1 Martin Heidegger (1889-1976): filósofo alemão. Sua obra máxima é *O ser e o tempo* (1927). A problemática heideggeriana é ampliada em *Que é Metafísi*- ca? (1929), Cartas sobre o humanismo (1947), Introdução à metafísica (1953). Sobre Heidegger, confira as edições 185, de 19-06-2006, intitulada O século de Heidegger, disponível em http://bit.ly/ ihuon185, e 187, de 03-07-2006, intitulada Ser e tempo. A desconstrução da metafísica, em http://bit.ly/ihuon187. Confira, ainda, Cadernos IHU em formação nº 12, Martin Heidegger. A desconstrução da metafísica, que pode ser acessado em http://bit.ly/ihuem12. Confira, também, a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista IHU On-Line, de 10-05-2010, disponível em http://bit.ly/ihuon328, intitulada O biologismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado, na qual discute ideias de sua conferência "A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche e a questão da biopolítica", parte integrante do ciclo de estudos Filosofias da diferença - pré"O ser humano na idade da técnica: niilismo e esperança". O evento foi realizado na quarta-feira, 21-10-2014, no Auditório Central da Unisinos.

Diante de um auditório lotado, o debate em torno das sociedades tecnocientíficas reuniu estudantes da graduação ao doutorado, bem como contou com a presença de diversos professores pesquisadores brasileiros e de outros países. A soma entre um público numeroso e qualificado mais

⁻evento doXI Simpósio Internacional IHU: O (des)governobiopolítico da vida humana. (Nota da IHU On-Line)

a palestra de Galimberti foi a equação perfeita para o encerramento do primeiro dia de eventos no Instituto Humanitas Unisinos – IHU. A conferência integrou a programação do XIV Simpósio Internacional IHU: Revoluções tecnocientíficas, culturas, indivíduos e sociedades. A modelagem da vida, do conhecimento e dos processos produtivos na tecnociência contemporânea.

Homem e Técnica

"Estamos persuadidos de que a técnica está na mão dos homens, mas na verdade os homens é que estão a serviço da técnica" — esta foi a primeira frase de Umberto Galimberti ao abrir sua conferência. Entretanto, ele explicou que a "técnica", enquanto conceito, não é um aparato, como um celular, por exemplo, mas um "modo de pensar, que consiste em alcançar o máximo dos objetivos com o uso mínimo dos meios. A técnica é a forma mais pobre de pertencimento à razão".

Técnica, os gregos e a racionalidade judaico-cristã

De acordo com o conferencista, para os gregos a natureza não era uma criatura divina, mas sim uma base imutável. "Platão² disse: 'Não pense que o universo foi feito para o homem. O próprio Heráclito sustentava que o homem deveria compreender as leis da natureza e a partir daí criar as próprias'", ressaltou Galimberti.

Em contrapartida, a tradição judaico-cristã tem uma posição antagônica. "A tradição judaica, e depois a cristã, não vê esse problema, porque veem Deus como quem delegou

2 Platão (427-347 a.C.): filósofo ateniense. Criador de sistemas filosóficos influentes até hoje, como a Teoria das Ideias e a Dialética. Discípulo de Sócrates, Platão foi mestre de Aristóteles. Entre suas obras, destacam-se A República (São Paulo: Editora Edipro, 2012) e Fédon (São Paulo: Martin Claret, 2002). Sobre Platão, confira a entrevista As implicações éticas da cosmologia de Platão, concedida pelo filósofo Marcelo Perine à edição 194 da revista IHU On-Line, de 04-09-2006, disponível em http://bit.ly/pteX8f. Leia, também, a edição 294 da revista IHU On-Line, de 25-05-2009, intitulada Platão. A totalidade em movimento, disponível em http://bit. ly/xdSEVn. (Nota da IHU On-Line)

a Adão o domínio sobre os animais e sobre a terra, como consta no Gênesis. E, desde então, a categoria do domínio se tornou a racionalidade ocidental", aponta.

Essência do humanismo

"Podemos dizer que a essência do humanismo não são as obras literárias, mas a essência do humanismo é a ciência, porque ela dá ao homem a dominação da terra. E isso está ligado à mensagem bíblica, à redenção", esclarece o italiano. O professor ainda explicou que a "técnica é a essência do olhar científico. A ciência não observa o mundo para contemplá-lo, mas para dominá-lo", avalia. "Um bosque para o poeta e para o marceneiro são coisas absolutamente diferentes para cada um dos dois. Um vê o sublime, o outro vê móveis", complementa.

De aprendizes a juízes

Galimberti lembrou que para Kant³ a Revolução Copernicana levou à transformação do homem aprendiz para o homem juiz. "Antes os homens se comportavam como alunos para aprender a pegar tudo aquilo que a natureza ensinava, mas depois passa-

3 Immanuel Kant (1724-1804): filósofo prussiano, considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, representante do Iluminismo. Kant teve um grande impacto no romantismo alemão e nas filosofias idealistas do século XIX, as quais se tornaram um ponto de partida para Hegel. Kant estabeleceu uma distinção entre os fenômenos e a coisa-em-si (que chamou noumenon), isto é, entre o que nos aparece e o que existiria em si mesmo. A coisa-em-si não poderia, segundo Kant, ser objeto de conhecimento científico, como até então pretendera a metafísica clássica. A ciência se restringiria, assim, ao mundo dos fenômenos, e seria constituída pelas formas a priori da sensibilidade (espaço e tempo) e pelas categorias do entendimento. A IHU On-Line número 93, de 22-03-2004, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra do pensador com o título Kant: razão, liberdade e ética, disponível para download em http://bit. ly/ihuon93. Também sobre Kant foi publicado o Cadernos IHU em formação número 2, intitulado Emmanuel Kant - Razão, liberdade, lógica e ética, que pode ser acessado em http://bit.ly/ihuem02. Confira, ainda, a edição 417 da revista IHU On-Line, de 06-05-2013, intitulada A autonomia do sujeito, hoje. Imperativos e desafios, disponível em http://bit.ly/ ihuon417. (Nota da IHU On-Line)

ram a se comportar como juízes para resolver a que a natureza iria servir. Esse é o grande evento de 1600. Depois, do ponto de vista técnico, nada de grande ocorreu", afirma.

Heterogênese dos fins

"Marx⁴ disse: Todos nós consideramos o dinheiro como instrumento para satisfazer as necessidades e produzir os bens, mas se ele cresce a ponto de tornar-se o fim com o qual tudo deve ser medido, estamos diante da heterogênese dos fins. O dinheiro deixa de ser apenas o meio e passa a ser também o fim, tornando-se a condição universal para alcançar todos os objetivos. Com a técnica ocorre a mesma coisa", explica.

O professor considera o exemplo da antiga União Soviética como emblemático para pensarmos a técnica na segunda metade do século XX. "Em 1960, quando a técnica da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas – URSS era equivalente ao seu opositor, Estados Unidos, ela não poderia cair como potência, afinal haviam enviado o Sputnik⁵ ao espaço. Mas quando, em 1989, a técnica da URSS era infi-

4 Karl Marx (Karl Heinrich Marx, 1818-1883): filósofo, cientista social, economista, historiador e revolucionário alemão, um dos pensadores que exerceram maior influência sobre o pensamento social e sobre os destinos da humanidade no século XX.A edição número 41 dos Cadernos IHU ideias, de autoria de Leda Maria Paulani, tem como título A (anti) filosofia de Karl Marx, disponível em http://bit.ly/173lFhO. Também sobre o autor, confira a edição número 278 da IHU On-Line, de 20-10-2008, intitulada A financeirização do mundo e sua crise. Uma leitura a partir de Marx, disponível em http://bit.ly/ihuon278. Leia, igualmente, a entrevista Marx: os homens não são o que pensam e desejam, mas o que fazem, concedida por Pedro de Alcântara Figueira à edição 327 da IHU On-Line, de 03-05-2010, disponível em http://bit.ly/ ihuon327. (Nota da IHU On-Line)

5 Sputnik - Satélite: foi o nome do programa que produziu a primeira série de satélites artificiais soviéticos, concebida para estudar as capacidades de lançamento de cargas úteis para o espaço e para estudar os efeitos da ausência de peso e da radiação sobre os organismos vivos. Serviu também para estudar as propriedades da superfície terrestre com vista à preparação do primeiro voo espacial tripulado. Foi lançado pela União Soviética em 4 de outubro de 1957 na Unidade de teste de foguetes da União Soviética. (Nota da IHU On-Line)

nitamente inferior à de seu oponente e tinha pouca contribuição à idade da técnica, não poderia deixar de cair", explica Galimberti. "O regime não acabou porque as pessoas passavam fome, ou porque as pessoas tinham outras dificuldades, tais como a questão da liberdade. Não tinha nada que ver com questões humanistas, tinha a ver com a técnica", complementa.

Política e democracia

Segundo o conferencista, para Platão, na Grécia Antiga, a política era técnica, pois era o marco de onde se decidiam as coisas. "Hoje a política não é mais onde se decidem as coisas, mas o local de operação da lógica econômica. Então, é na técnica onde se decidem as coisas. O que os políticos fazem é somente representação, e é por isso que eles vão para a televisão e para as mídias, porque não têm nada mais para fazer", aponta.

"Não sei se a democracia hoje tem algum espaço. Ela foi criada por Platão, mas ele a achava pouco aplicável mesmo aos gregos, pois os considerava pessoas de pouca educação facilmente manipuláveis pelos sofistas", destaca. Para Galimberti, na Idade da Técnica não é possível a democracia simplesmente porque os consensos são construídos por meios técnicos,

por meio dos aparatos de comunicação em larga escala.

O começo da idade da técnica

Ao contrário do que se pode supor levianamente, a Idade da Técnica não começou com a Revolução Industrial no século XIX, nem mesmo na Primeira Guerra Mundial, no século XX, conforme o conferencista. "A idade da técnica começou com os nazistas, pois colocaram em circulação uma mentalidade potente da técnica. E isso consiste em que as pessoas não são julgadas pelo conteúdos de suas ações, mas se são boas ou más nas atividades que executam. É uma questão de eficiência", esclarece.

"Na Itália existem as melhores minas anti-homens do mundo. Mas quem faz esse trabalho deve ser classificado como operário ou como deliquente?", provoca Galimberti. "O aparato técnico é feito por sub-aparatos, cujos operadores nem sempre sabem de suas consequências. As pessoas são 'responsáveis' somente em relação a seus superiores, mas a questão técnica não é de suas competências", exemplifica.

Por fim, trouxe o exemplo do soldado que, via de regra, é considerado "bom", no sentido de eficiente, à medida que mata mais. "Günther Anders⁶, marido de Hannah Arendt⁷, perguntou ao soldado que disparou a bomba atômica o que ele sentia, e ele respondeu, tempos depois: It was my job! (Era o meu trabalho)", finaliza.

6 Günther Anders (1902-1992): pseudônimo de Günther Stern. Foi um jornalista, filósofo e ensaísta alemão de origem judaica. Doutorou-se em Filosofia, em 1923, sob a orientação de Edmund Husserl, tendo sido aluno de Heidegger e Cassirer. Foi colega de Hannah Arendt, com quem foi casado entre 1929 e 1936. (Nota da IHU On-Line)

7 Hannah Arendt (1906-1975): filósofa e socióloga alemã, de origem judaica. Foi influenciada por Husserl, Heidegger e Karl Jaspers. Em consequência das perseguições nazistas, em 1941, partiu para os Estados Unidos, onde escreveu grande parte das suas obras. Lecionou nas principais universidades deste país. Sua filosofia assenta numa crítica à sociedade de massas e à sua tendência para atomizar os indivíduos. Preconiza um regresso a uma concepção política separada da esfera econômica, tendo como modelo de inspiração a antiga cidade grega. A edição mais recente da IHU On-Line que abordou o trabalho da filósofa foi a 438. A Banalidade do Mal. de 24-03-2014, disponível em http://bit. ly/ihuon438. Sobre Arendt, confira ainda as edições 168 da IHU On-Line, de 12-12-2005, sob o título Hannah Arendt, Simone Weil e Edith Stein. Três mulheres que marcaram o século XX, disponível em http://bit.ly/ihuon168, e a edição 206, de 27-11-2006, intitulada O mundo moderno é o mundo sem política. Hannah Arendt 1906-1975, disponível em http:// bit.ly/ihuon206. (Nota da IHU On-Line)

Quem é Umberto Galimberti

Umberto Galimberti (foto) é italiano e professor titular de História da Filosofia e Psicologia Geral da Universidade de Veneza – Itália. É discípulo e tradutor das obras de Karl Jaspers e Heidegger, a quem dedicou três de suas obras, além de ser estudioso de Antropologia Filosófica e Psicologia Analítica. Atualmente, é colunista de um dos maiores jornais da Itália, o *La Repubblica*. É reconhecido por seu conhecimento circular notável, do mito à Ciência, da Filosofia à História, da Psicologia à Sociologia, da Filosofia da língua à Teologia, da Antropologia à Introdução da técnica, até a obscuridade e o relacionamento técnico dramático do homem. Será publicado, em breve, o texto "O Homem na Idade da técnica", no **Ca**-



dernos IHU ideias. O professor tem 17 obras publicadas, inclusive algumas editadas em francês, espanhol, alemão, grego e português. Entre elas estão *Cristianesimo*. *La religionedalcielovuoto* (Milano: Editora Feltrinelli, 2012), *Il viandante della filosofia* (com Marco Alloni. Roma: Editora Aliberti, 2011) e *Psiche e Techne. O homem na idade da técnica* (São Paulo: Paulus, 2005).

Ecos do evento

"Penso que a crítica ao modelo industrial contemporâneo da produção técnica calculista onde o homem deixa de ser homem para ser uma peça do maquinário é incrível. O exemplo que ele trouxe dos nazistas para finalizar nos leva a pensar sobre a função do técnico trabalhista hoje em dia diante de seu próprio trabalho." **Leonardo Guaragni**, Graduado em Filosofia





"Galimberti encerrou a palestra falando sobre a não existência de alternativas ao mundo da técnica. Acho que isso nos levou a pensar como que a gente lidará com outros valores que não sejam os calculistas, da eficiência e de eficácia, mas que sejam valores humanos para se pensar em outras coisas." **Liana Keitel**, psicóloga

"Uma questão que ele colocou é que a moral não limita a técnica, aliás, nada limita a técnica. Até poderia fazer um questionamento e fiquei refletindo se a Constituição dentro da cooriginalidade entre direito e moral não seria uma limitadora da técnica dentro do espaço geográfico específico." Xana Campos Valerio, advogada



Galeria de fotos







Ciências humanas e da vida – Separação e aproximação

O sociólogo britânico reflete sobre a relação entre Sociologia e Biologia, que se distanciaram ao longo dos séculos, mas que hoje parecem convergir para um lugar comum

POR ANDRIOLLI COSTA | FOTOS: ANDRIOLLI COSTA



Sociólogo e pesquisador de longa data da área da Saúde e da Medicina, o britânico Nikolas Rose acredita no estabelecimento de um diálogo mais profícuo entre as ciências da vida e as ciências sociais humanas. Sociologia e Biologia, afinal, se estabeleceram como disciplina ao mesmo tempo, em meados do século XIX. No entanto, em pouco tempo a razão empirista e cientificista fez com que uma se distanciasse da outra — e assim permanecessem.

Professor do King'sCollege de Londres, um dos maiores centros de formação médica da Europa, Rose fala em uma amizade crítica entre elas. "É uma amizade, e não uma parceria, porque eu posso ser seu amigo sem esperar algo em troca", explica ele. A crítica, no caso, vem de uma postura de mútua colaboração, e não de um entusiasmo ingênuo que leva a uma "virada neurológica das humanidades", por exemplo, ou da recusa ao progresso científico. Para Rose, é pre-

ciso "parar de analisar as regras e tomar parte no jogo".

Tal amizade é construída a partir da percepção de que não há diferença entre o "lado de dentro e o lado de fora". O ser humano, tal como é, não é resultado apenas da ação biológica, das ligações cromossômicas, da herança genética. Seu contexto histórico-cultural de inserção, suas experiências de vida, suas relações consigo e com o outro também são fundamentais para definir o que será ativado ou

desativado na estrutura genômica (a chamada "epigenética").

Rose palestrou na última sextafeira (17) no Auditório Central da Unisinos, durante o XVII Colóquio Filosofia Unisinos: Filosofia e Bioética - Entre o cuidado e administração da vida. Seu tema, como não poderia deixar de ser, foi As Ciências Humanas na Era da Biologia. Sobre o assunto, ele afirma: "O fato de o ser humano ser um primata iá diz muito sobre o seu modo de se relacionar com o mundo, das associações que fará com outros humanos e assim por diante", relata ele, destacando um elemento primordial que mostra a ligação entre as duas ciências. Mas não é a única.

Para ele, as ciências da moral humana e da ordem social frequentemente se diferenciam daqueles das coisas vivas. No entanto, ao mesmo tempo, a ordem social e a ordem moral frequentemente são compreendidas em termos quase biológicos: "seja importando metáforas, como a 'dege"O vitalismo, para mim, é um lembrete da essencialidade do vivo"

neração', seja com estilos de pensamento, como a evolução''.

No próprio século XIX, a preocupação com a questão das populações também foi uma grande interface entre as ciências da vida e as sociais. O crescimento populacional, a natalidade e a mortalidade, a teoria malthusiana e a eugenia vinculam de imediato preocupações biopolíticas.

"Eu trabalho há quase uma década com neurocientistas e posso dizer que neste espaço de tempo a ontologia do ser humano mudou, assim como a própria biologia", defende Rose. Esta não é mais considerada com fatalismo, como determinadora de um destino inexorável para o indivíduo, mas como um horizonte de possibilidades.

As próprias descobertas científicas modificaram sua própria ontologia. Passamos, assim, da "neuro--fixidez" para a neuroplasticidade. Da morte dos neurônios para a neurogênese, da unidade do organismo para o conceito de microbiomas existentes em cada ser vivo. "Na era da biologia, o que existia era a visão molecular da vida. Não mais mistério, mas mecanismo." Com a abertura para o contexto, o cultural, a emoção e o sensível, no entanto, essa redução perde espaço para um neovitalismo. "O vitalismo, para mim, é um lembrete da essencialidade do vivo", defende.

Quem é Nikolas Rose

Nikolas Rose é professor de Sociologia e diretor do Departamento de Ciências Sociais, Saúde e Medicina do King'sCollege de Londres. Rose é codiretor do Centro de Biologia Sintética e Inovação (CSynBI), uma importante colaboração de pesquisa entre o King'sCollege e o Imperial College de Londres.

Biólogo, psicólogo e sociólogo, Rose cofundou duas influentes revistas radicais nos anos 1970 e 1980, desempenhando um papel fundamental na introdução do pensamento crítico pós-estruturalista francês para o público anglófono e ajudou a desenvolver novas abordagens para a análise e a estratégia políticas.



Publicou amplamente sobre vários campos e disciplinas, e sua obra foi traduzida para 13 idiomas. É ex-editor administrativo e coeditor-chefe da revista interdisciplinar *BioSocieties*. Seu último livro, escrito com Joelle Abi-Rached, intitula-se Neuro: The New Brain Sciences and the Management of Life (Princeton: University Press, 2013), obra debatida no Evento Abrindo o Livro do IHU, no dia 09-10-2014. Uma entrevista sobre o livro pode ser lida no link http://bit.ly/ihuon455.

XIV Simpósio Internacional IHU

O professor apresentou a conferência A biopolítica no século XXI: cidadania biológica e ética somática, no dia 22-10-2014, na Unisinos. O evento integrou a programação do XIV Simpósio Internacional IHU — Revoluções Tecnocientíficas, Culturas, Indivíduos e Sociedades. A modelagem da vida, do conhecimento e dos processos produtivos na tecnociência contemporânea.

Ecos do Evento

"Nikolas Rose discute da perspectiva da sociologia a relação entre a vida humana e a sociedade. Ele articula questões da biopolítica e mostra a relação entre o poder e o controle da vida nas sociedades contemporâneas. Isso abre espaço tanto para o cuidado da vida quanto para sua instrumentalização." Castor Ruiz, professor do PPG de Filosofia da Unisinos





"Rose traz uma abordagem provocativa, que nos convoca a ter outra postura diante dos avanços da biologia. As Ciências Sociais, no geral, são bastante críticas quanto aos avanços científicos. No entanto, é preciso pensar sobre elas para ter outros olhares sobre a vida humana e a saúde coletiva." Tonantzin Gonçalves, professora do PPG de Saúde Coletiva da Unisinos

Leia mais...

- Biopolítica e complexidade. Da cidadania biológica à ética somática. Entrevista com Nikolas Rose publicada na edição 456 da IHU On-Line, de 20-10-2014, disponível em http://bit.ly/ihuon456.
- Neurociência e gestão da vida. Um olhar sobre a obra de Nikolas Rose. Entrevista com Eduardo Zanella e Miguel Herrera publicada na edição 455 da IHU On-Line, de 29-09-2014, disponível em http://bit.ly/ihuon455.
- A vida nas interfaces das mutações tecnocientíficas e suas repercussões sobre a subjetividade. Entrevista com José Roque Junges publicada na edição 454 da IHU On-Line, de 15-09-2014, disponível em http://bit.ly/ihuon454.

Galeria de fotos







Uma nova ontologia molecular da vida

"A vida está se movendo do mistério para o mecanismo. Há uma nova ontologia molecular da vida", destaca o sociólogo

POR MÁRCIA JUNGES | FOTOS: JULIAN KOBER



A impressão de uma mão artificial, a criação de vida sintética, o transplante completo de face, uma nova droga que ajuda a controlar a dependência de bebida alcoólica e até mesmo a invenção de medicamentos como o Viagra. Essas invenções nos mostram que algo muito sério está em curso no mundo em que vivemos. "A vida está se movendo do mistério para o mecanismo. Há uma nova ontologia molecular da vida", observa o biólogo, psicólogo e sociólogo britânico Nikolas Rose, docente no

King'sCollege, em Londres, Inglaterra. Trata-se de um estilo molecular de pensamento. As reflexões foram estabelecidas na conferência da manhã de quarta-feira, 22-10-2014, no XIV Simpósio Internacional IHU: Revoluções tecnocientíficas, culturas, indivíduos e sociedades. A modelagem da vida, do conhecimento e dos processos produtivos na tecnociência contemporânea.

Rose aprofundou a discussão de que estamos numa era de controle biológico. Em sua fala, mencionou o controle dos corpos, das almas, e a ética somática na era do controle biológico. Retomando pensamento do filósofo francês Gilles Deleuze¹, afirmou que deixamos a era da disci-

¹ Gilles Deleuze (1925-1995): filósofo francês. Assim como Foucault, foi um dos estudiosos de Kant, mas tem em Bérgson, Nietzsche e Espinosa poderosas interseções. Professor da Universidade de Paris VIII, Vincennes, Deleuze atualizou ideias como as de devir, acontecimentos, singularidades, conceitos que nos impelem a transformar a nós mesmos, incitando-nos a produzir espaços de criação e de produção de acontecimentos-outros. (Nota da IHU On-Line)

plina para nos assentarmos na era do controle. "Devemos perceber como se articulam forças de constrangimento e libertação em nosso tempo. Não estamos falando de disciplina, mas de controle nas sociedades em que vivemos", completou.

As evidências empíricas de controle sobre o corpo são inúmeras. Lembremos, por exemplo, do episódio da clonagem da ovelha Dolly. "Em tese, podemos fazer o que queremos. A vida é limitada apenas pelas regras da lógica e da regulação ética de que impõe o que podemos ou não fazer."

Segundo Rose, nossa ideia de vida está mudando, permanece em mutação. Contudo, as categorias de normal e patológico, na perspectiva estudada por Canguilhem², continuam sendo divisões do controle biológico ao qual estamos submetidos. Podemos trazer nosso futuro ao presente através da preempção oferecida pelas opções médicas. Fala-se, inclusive, na emergência de uma nova forma de vida, que nos transforma, e múltiplas transformações *in loco* dão conta disso.

Cidadania biológica

Outro aspecto que gerou grande interesse na plateia foi a discussão sobre a cidadania biológica, completando aspectos como afiliações, obrigações e direitos em termos de nossa biologia. Isso é uma constante atualmente. Temos uma transformação da forma passiva de direitos para uma nova relação entre a expertise biomédica, novos modos de governo de si mesmo (na pessoa dos pioneiros éticos) e, igualmente, novas forças de exclusão e de cidadania de grupos na

formação de aparatos políticos, ciência e comércio.

Além da patologia

O redesenho dos indivíduos a partir do conhecimento científico foi um dos dados de grande repercussão abordados por Nikolas Rose. Hoje são realidade ambições antes impensadas como o "scan me", o "decode me", o "the book of me", "personalise me", o "know me" e outras prudências biológicas individualizadas. Trata-se de fantasias de controle e conhecimento, pontuou o pesquisador. Uma medicina personalizada, preditiva e preventiva continua a embalar os sonhos dos sujeitos de nosso tempo. Nesse sentido, é emblemático o caso da atriz hollywoodiana Angelina Jolie, que após descobrir que, por herança genética, teria grandes probabilidades de desenvolver câncer de mama, decidiu realizar uma dupla mastectomia. "Nossa vida está repleta de uma racionalidade biopolítica saturada pelas antecipações de futuro, como esperança, expectativa, desejo e ansiedade."

Na segunda parte de sua exposição, Nikolas Rose discutiu como as mentes também se tornaram mecanismos, a exemplo dos corpos em nosso tempo. Primeiro eram os padres e poetas os engenheiros das almas, agora são os cientistas que ocupam tal posto, advertiu. Sinal disso é que a neurociência emerge com força total no começo do século XXI. O cérebro pode ser manipulado no nível molecular, e há uma proliferação de ciências de recorte "psi": neuropsiquiatria, neurociência, neuropolítica, neurodireito, neuroeconomia, neuromarketing, neuroeducação, entre outras.

Ao final da conferência, Rose ponderou que estamos numa era em que podemos governar nosso corpo através do nosso cérebro. Retomou as três perguntas fundamentais de Kant³, provocando a plateia: "O que posso saber? O que devo fazer? O que posso esperar?" Um novo pastorado para a administração de nossas capacidades, retomando Michel Foucault⁴ em *Segurança*, *território*, *população*?

nos e a coisa-em-si (que chamou noumenon), isto é, entre o que nos aparece e o que existiria em si mesmo. A coisa-em-si não poderia, segundo Kant, ser objeto de conhecimento científico, como até então pretendera a metafísica clássica. A ciência se restringiria, assim, ao mundo dos fenômenos, e seria constituída pelas formas a priori da sensibilidade (espaço e tempo) e pelas categorias do entendimento. A IHU On-Line número 93, de 22-03-2004, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra do pensador com o título Kant: razão, liberdade e ética, disponível para download em http://bit.ly/ ihuon93. Também sobre Kant foi publicado o Cadernos IHU em formação número 2, intitulado Emmanuel Kant - Razão, liberdade, lógica e ética, que pode ser acessado em http://bit.ly/ihuem02. Confira, ainda, a edição 417 da revista IHU On-Line, de 06-05-2013, intitulada A autonomia do sujeito, hoje. Imperativos e desafios, disponível em http://bit.ly/ ihuon417. (Nota da IHU On-Line)

4 Michel Foucault (1926-1984): filósofo francês. Suas obras, desde a História da Loucura até a História da sexualidade (a qual não pôde completar devido a sua morte) situam-se dentro de uma filosofia do conhecimento. Suas teorias sobre o saber, o poder e o sujeito romperam com as concepções modernas destes termos, motivo pelo qual é considerado por certos autores, contrariando a própria opinião de si mesmo, um pós-moderno. Seus primeiros trabalhos (História da Loucura, O Nascimento da Clínica, As Palavras e as Coisas, A Arqueologia do Saber) seguem uma linha estruturalista, o que não impede que seja considerado geralmente como um pós-estruturalista devido a obras posteriores, como Vigiar e Punir e A História da Sexualidade. Foucault trata principalmente do tema do poder, rompendo com as concepções clássicas do termo. Para Foucault, o poder não somente reprime, mas também produz efeitos de saber, constituindo verdades, práticas e subjetividades. Em várias edições, a IHU On-Line dedicou matéria de capa a Foucault: edição 119, de 18-10-2004, disponível em http://bit. ly/ihuon119; edição 203, de 06-11-2006, disponível em http://bit.ly/ihuon203; edição 364, de 06-06-2011, intitulada 'História da loucura' e o discurso racional em debate, disponível em http:// bit.ly/ihuon364; edição 343, O (des) governobiopolítico da vida humana, de 13-09-2010, disponível em http://bit.ly/ ihuon343, e edição 344, Biopolitica, estado de exceção e vida nua. Um debate, disponível em http://bit.ly/ihuon344. Confira ainda a edicãonº 13 dos Cadernos IHU em formação, disponível em http:// bit.ly/ihuem13, Michel Foucault. Sua contribuição para a educação, a política e a ética.(Nota da IHU On-Line)

Georges Canguilhem (1904-1995): filósofo e médico francês. Especialista em epistemologia e história da ciência, publicou obras importantes sobre a constituição da biologia como ciência, sobre medicina, psicologia, ideologias científicas notadamente е ética, normal etlepathologique connaissance de lavie. Discípulo de Bachelard, inscreve-se Gaston tradição da epistemologia histórica francesa e terá uma notável influência sobre Michel Foucault. Sua tese principal é de que a vida não pode ser deduzida a partir de leis físico-químicas, ou seja, é preciso partir do próprio ser vivo para compreender a vida. Assim, o objeto de estudo da biologia é irredutível à análise e a decomposição lógico-matemática. (Nota da IHU On-Line)

³ Immanuel Kant (1724-1804): filósofo prussiano, considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, representante do Iluminismo. Kant teve um grande impacto no romantismo alemão e nas filosofias idealistas do século XIX, as quais se tornaram um ponto de partida para Hegel. Kant estabeleceu uma distinção entre os fenôme-

Ecos do evento

"Eu acho bem importante essa discussão, mas eu não compartilho da ideia biologicista de entender a psiquê. Está certo que o cérebro cria a mente, mas alguns dispositivos de linguagem e formação de signos vão além. O pensamento vai muito além de sinapse nervosa. Eu acho interessante ele conciliar as teorias de beleza com essa nova neurociência." **Murilo Benites dos Santos**, psicologia





"A palestra foi muito interessante. O que mais me chamou a atenção foi essa questão do controle biológico e genético com a desconexão das pessoas com seus processos naturais e a questão de racionalizar as coisas, querer brincar de Deus, coisa que na realidade não está certo. Eu não conhecia o trabalho de Rose e esse primeiro contato foi muito importante." **Juliana Antunes**, Psicologia

"Eu achei a palestra bem interessante porque ele (Nikolas Rose) quis mostrar a nova tecnologia sobre a neurociência e para meu curso de biomedicina deu para ter uma base maior do que são esses estudos que ele nos apresentou hoje. É muito importante a Unisinos trazer um palestrante de fora, abrindo essa oportunidade." **Dandara dos Santos**, Biomedicina





"Toda a discussão e problematização que Rose vem fazendo a respeito da neurociência para o campo da educação é muito pertinente no sentido de que cada vez mais nós somos invadidos por esse discurso da neurociência como direcionador das nossas práticas pedagógicas. Mas nós podemos problematizar isso para ter mais possibilidades de continuar pensando a educação a partir de outros lugares também". **Maurício Ferreiro**, professor de Pedagogia

Leia os Cadernos IHU Ideias no site do IHU

WWW.IHU.UNISINOS.BR

Nikolas Rose, um amigo crítico das ciências

Dos guetos judeus às Universidades de Londres, da mosca-da-fruta à biopolítica, o pesquisador de um dos maiores centros de formação médica da Europa propaga a amizade crítica entre os saberes em uma trajetória científica tão coerente quanto sua postura de vida

POR ANDRIOLLI COSTA | FOTOS: ANDRIOLLI COSTA



O ano é impreciso, mas nos aproximávamos da década de 1930, e o jovem Lionel Rosemberg tinha dificuldades em arranjar emprego. O primeiro de sua família a conseguir um diploma na Universidade de Londres, tendo cumprido todos os requisitos para o

título de bacharel em Química, parecia incapaz de atingir os parâmetros exigidos pelas escolas que procurava. A dificuldade nada tinha a ver com sua formação ou conhecimento, mas com suas raízes. O nome, Rosemberg, entregava a ascendência de seus pais

— judeus alemães e poloneses que deixaram seus países de origem para buscar nova vida na Inglaterra.

Neste período, havia cerca de 250 mil judeus espalhados pelo território inglês, especialmente nos subúrbios das metrópoles. O forte antissemitismo cobrou seu preço, e a assimilação da cultura local foi a saída encontrada pelas famílias. Assim, Lionel Rosemberg se tornou Lionel Rose – e conseguiu finalmente o emprego desejado. Não foram muitos anos até que ele, de sobrenome novo, conhecesse e se casasse com a jovem Ruth – cujo nome de batismo, para surpresa dos que a conheciam, também era Rose.

"Minha mãe, Ruth, não gostava do seu nome e resolveu trocá-lo. Foi um golpe de sorte, pois, caso contrário, depois de casada se chamaria Rose Rose", brinca o sociólogo, biólogo e psicólogo britânico Nikolas Rose, ajeitando os cabelos grisalhos que lhe caem na altura dos ombros. Aos 67 anos de idade, Rose — o filho — recebeu a IHU On-Line no hotel, em São Leopoldo, RS, para relembrar elementos que, mesmo perdidos num passado recente, dizem muito sobre o presente do pesquisador.

Referência em sua área, Nikolas é hoje diretor do Departamento de Ciências Sociais, Saúde e Medicina do King'sCollege de Londres — um dos maiores centros de formação médica em toda a Europa. Este departamento, relativamente novo, investe na formação política, social e humana numa perspectiva interdisciplinar. Algo que o pesquisador busca fazer em todas as universidades em que passa. "Quando estive na Universidade de Brunel, em Londres, mesclamos o departamento de Biologia, Psicologia e Antropologia, produzindo um departamento de Ciências Humanas", recorda. Algo semelhante ocorreu em Goldsmith e, com alguma dificuldade, na London School of Economics. Para Nikolas Rose, a divisão disciplinar é criação da Academia, mas o enfrentamento da realidade exige um diálogo aberto entre as ciências.

A abertura para outros saberes e o pensamento crítico foram os legados deixados por Lionel para os filhos, Nikolas e Steven Rose — um dos mais renomados bioquímicos da Inglaterra. Em seu site¹, Steven recorda-se de observar escondido o pai discursar em praça pública contra Oswald Mosley, responsável por fortalecer o fascismo na Inglaterra com a fundação da British Union of Fascists. Nikolas, nove anos mais jovem, não chegou a acompanhar a cena ao vivo, mas também recorre a ela para construir a imagem do pai. Foi ainda graças a Lionel, que tinha grandes amigos entre os militares, que a família pôde visitar e conhecer diversos países da Europa. Longe das temporadas de turistas, tinham contato com o povo. Desde cedo, o pesquisador soube dizer "sim ao estrangeiro".

Discordâncias

Nem sempre, no entanto, reinou a concordância na casa dos Rose. Nikolas relembra que, mesmo seus pais não sendo exatamente judeus "fundamentalistas", o casal era sionista. "Eram socialistas sionistas. Acreditavam na criação de uma terra para os judeus. Algo que tanto eu quanto Steven sempre fomos muito críticos". Os irmãos Rose não aceitavam a ideia da imposição do Estado de Israel sobre o território palestino. De formas diferentes, se voltaram para o ateísmo. A crítica em questão não era ao iudaísmo como religião ou prática de vida, mas contra a política adotada — e que hoje permanece igualmente truculenta.

Pelo próprio histórico de sua família, Nikolas reconhece os impactos causados pelo antissemitismo no povo judeu. E isso não se restringe apenas às dificuldades de seus pais de se adaptarem em Londres. "Dos parentes da minha avó materna, todos — exceto um — morreram em Auschwitz", lembra ele. Desde criança, seus avós repetidamente lhe mostravam fotos dos campos de concentração. Um de seus tios, médico, acompanhou as tropas aliadas na li-

bertação dos outros campos e sempre lhe contava relatos dos mais terríveis.

As recordações da infância são vivas, e dizem de um presente que não foi vivido, mas compartilhado pela experiência. A força deste retorno ao passado lhe embarga a voz, mas em nada muda sua opinião. Nikolas defende um estado conjunto, onde as religiões e etnias possam conviver harmoniosamente. Ao invés disso, os ataques mútuos culminaram, finalmente, na recente ofensiva israelense.

"Fico surpreso que o mundo tenha assistido passivo ao ataque contra a Palestina. Para mim, aqueles foram crimes de guerra." Para ele, é certo que as ações terroristas do Hamas devem ser punidas, mas o terrorismo seria o reflexo óbvio da política de Israel. "Compreendo que os judeus, empunhando suas metralhadoras sob o peito, olham para trás dizendo 'nunca mais'. Porém, esta não é a resposta."

Ciência Radical

O pensamento crítico de Nikolas ganhou espaço, definitivo, durante a graduação. Aos 18 anos de idade, já em 1965, deixou os subúrbios londrinos para cursar um joint degree em Biologia e Psicologia na Universidade de Sussex, em Brighton, uma cidade à beira-mar na costa sul da Inglaterra. "Era uma Universidade nova e bastante radical. Havia muita atividade política. Eram tempos empolgantes, aqueles." Em noites regadas a bebida, folkmusic e muito Gramsci, um Nikolas Rose de cabelo comprido e barba farta se engajava no movimento marxista.

"Havia muitos protestos contra a Guerra do Vietnã, e eu lembro que quando ela acabou nós gritamos: 'Vitória da FLN!'" — uma referência à Frente Nacional para a Libertação do Vietnã. "Isto é, passamos do pensamento de que deveríamos ter paz, para o argumento de que os comunistas do Sul deveriam vencer."

¹ Ver http://www.stevenroseonline.net (Nota da IHU On-Line)

Em grupos de estudos da faculdade, lia Marx, Lenin e Mao. No entanto, Nikolas não era um extremista. Definia-se como um "eurocomunista", inspirado pelo pensamento gramsciniano e pela experiência na *Red Bologna*, na Itália, onde o partido comunista chegou ao poder sem o uso da violência. "Nós éramos contra a imposição totalitária de qualquer regime, e muito críticos à política da União Soviética."

O que o grupo dos acadêmicos de Sussex acreditava era que a força da voz das ruas era tão forte que seria capaz de mudar o pensamento e as políticas governamentais. "Nós defendíamos um acesso universal à educação, melhoria no sistema de saúde e distribuição de renda", pontua. "Para ser honesto, queríamos levar para a Europa muito daquilo que o Brasil tem conseguido nos últimos anos."

Como não podia deixar de ser, toda a agitação política influenciou na pesquisa desenvolvida na universidade. "Meu professor, o brilhante biólogo John Maynard Smith, pesquisava a mosca-da-fruta. Mas eram os anos 60, havia todo aquele movimento nas ruas, e eu não acreditava que a *Drosophila* possuía a resposta para o que estávamos vivendo." Foi assim que Nikolas Rose abandonou seu interesse pelo comportamento animal, para se voltar de vez para o comportamento humano, centrando-se na psiquiatria.

O espírito inquieto, no entanto, permanecia ativo. Nikolas questionava a visão normativa e impositiva da psiquiatria. "Nessa época o movimento antipsiquiatria era muito forte, e Foucault foi introduzido na Inglaterra — com a *História da Loucura* — como um antipsiquiatra. Ele era muito mais do que isso, e lê-lo foi uma experiência marcante." Foi esta a semente que instaurou a biopolítica em sua produção acadêmica.

"Nós acreditávamos que mudanças a nível do pensamento possuíam grandes consequências políticas. Para agir diferente era preciso pensar diferente. E, para tanto, era preciso romper com o senso comum e com aquilo que lhe era posto como dado", pontua. O marxismo não parecia mais capaz de dar as respostas que procurava, então Nikolas e seu grupo se voltou mais para o estruturalismo francês e o pensamento lacaniano. "Basicamente buscamos Foucault, e seguimos outra linha."



Nikolas Rose desconcerta-se um pouco ao lembrar que, no fim da graduação, encontrou-se desempregado por um tempo. "Alguns anos, talvez." Vivendo de trabalhos espaçados e aulas numa turma de "crianças desajustadas", investiu na produção de revistas radicais que uniam discussões marxistas, feministas e críticas voltadas à questão psiquiátrica. Os movimentos encontravam eco em diversos pontos de Londres, e uma complexa rede de editoras e livrarias radicais distribuíam o material produzido por ele em todo o País.

Pouco depois, ingressou no mestrado no InstituteofEducation, da Universidade de Londres e, de lá, conseguiu emprego na Sociedade Nacional para a Prevenção da Crueldade contra Crianças. Seu primeiro trabalho como professor universitário, no entanto, não viria antes dos 34 anos de idade, em 1981, e apenas após a conclusão de seu doutorado — também no Institute. "Eu recebi bolsa de três anos para fazer o doutorado, mas demorei 10 anos para finalizar. Durante esse tempo, quando o dinheiro acabou, trabalhei de motorista de van



ou carregador de malas", recorda ele. O balanço final, entretanto, é positivo. "Eu não me envergonho e nem me arrependo de nada disso. Esses trabalhos me permitiram adquirir muitas habilidades interessantes e conhecer o mundo fora da academia. Conhecer pessoas com outra experiência de mundo, e me desarraigar da Universidade." E finaliza: "Também tive muito apoio da minha namorada que, hoje, é minha esposa".

O pesquisador continua, tamborilando suavemente os dedos sobre a mesa, sem fazer trepidar o gravador e nem arranhar a grossa aliança que carrega na mão esquerda. Na parte interna do anel, o nome da companheira que conheceu justamente durante a pós-graduação: Diana Rose. Hoje, marido e mulher são colegas no King'sCollege e dividem seu tempo entre aulas, conferências e férias em uma casinha do campo na França, próximo à Toulouse.

Diana é filósofa e psicóloga social, e dá aulas no departamento de Serviços de Saúde e Pesquisa de População. "Outra coisa que você precisa saber sobre minha adorável esposa é que ela foi diagnosticada com o que chamamos transtorno bipolar", des-

taca o professor. Juntos há quase 40 anos, passando por momentos bons e "não tão bons", Nikolas ressalta a trajetória da esposa com admiração. "Devido a sua condição, disseram que ela nunca deveria clinicar novamente. Ela então voltou à Universidade, fez mestrado, doutorado, desenvolveu suas pesquisas para dar voz a outros 'sobreviventes psiquiátricos'."

Este ano, o Instituto de Psiquiatria do King's concedeu a Diana um título único em todo o mundo: professora em User Led Research2. O termo indica um tipo especial de pesquisa sobre o tratamento de doença mental, guiada e orientada pelos próprios pacientes ou pessoas com histórico de condições psiguiátricas. "Consiste, basicamente, em aceitar que pessoas que vão passar por algum tipo de tratamento deveriam ter alguma voz sobre como isso será feito", destaca Nikolas. Assim, Enquanto Foucault dizia que existe um monólogo sobre a loucura a partir da medicalização, experiências como essas do Reino Unido mostram que a loucura pode "falar de volta". Pode dizer sobre esses serviços, e sobre como podem melhorar. "Se a psiquiatria afirma agir em benefício dos pacientes, deve ao menos deixá-los ter voz."

Neuro

Movido, parte pelo histórico da esposa — que o colocou em contato com diversas pessoas com problemas mentais; dos próprios colegas da academia — sofrendo frequentemente de *mental breakdows*, e por sua própria inquietação natural, Nikolas tem dedicado os últimos anos de sua vida a pesquisar o cérebro humano. "Na década de 1990 eu desenvolvia um trabalho sobre governabilidade e que fazia muito sucesso. No entan-

to, eu fiquei entediado. Sentia como se já tivesse dito tudo o que podia e estava me repetindo", esclarece o professor.

Começou então a buscar compreender a genealogia da psiquiatria contemporânea, e percebeu algo intrigante. Após os experimentos nazistas, durante quase 50 anos a psiquiatria se afastou da biologia. No entanto, recentemente, havia uma biologia psiquiátrica ganhando força. Este trabalho deu origem ao livro A política da própria vida. Biomedicina, Poder e Subjetividade no Século XXI (São Paulo: Paulus, 2013). O livro mais recente foi uma progressão lógica — Neuro: The New BrainSciencesandthe Management of Life (Princeton: University Press, 2013) tenta compreender a neurociência na contemporaneidade. (Para saber mais ler a entrevista A vida nas interfaces das mutações tecnocientíficas e suas repercussões sobre a subjetividadepublicada na edição 454 da IHU On-Line, de 15-09-2014, disponível em http://bit.ly/ ihuon454)

A virada no ramo de pesquisa dos últimos anos tornou a aproximar, em certa maneira, os irmãos Rose; ambos interessados, por caminhos diferentes, em pensar os novos poderes e significâncias da compreensão do cérebro — e suas implicações para nossa sociedade. Enquanto Nikolas discutia Marx com os colegas da Universidade, Steven já era doutor, assumindo como professor fundador de Biologia e Neurobiologia da OpenUniversity, uma grande universidade radical focada no ensino a distância. No entanto, não era apenas a idade e a fundamentação teórica que distanciava os irmãos, mas a própria visão ontológica da Ciência.

"Meu irmão é um homem brilhante e muito mais high-profile do que eu na Inglaterra", destacaNikolas. Conhecido inicialmente pelo livro The Chemistryof Life, Steven mais tarde se centrou na questão da memória, em que se tornou referência. No entanto, segundo Nikolas, o pesquisador aposentado sempre foi "muito, muito crítico sobre a grande ciência". Ele ressalta: "Assim como eu, Steven é ciente da relação problemática da ciência com a política, sobre o uso de tecnologia para fins militares ou para promover a desigualdade. No entanto, ele parece dedicar sua atenção para repetidamente apontar o lado negro".

O sociólogo compreende a importância de estar consciente sobre os problemas da ciência, assim como da existência daqueles que nos lembram disso. No entanto, apontar as coisas boas que se podem tirar dos avanços sempre foi uma preocupação de Nikolas. "Pela primeira vez na vida estamos nos mesmos comitês, nas mesmas conferências, e isso é um pouco engraçado", diverte-se. "É um homem muito 'adorável', meu irmão."

Ainda se recuperando do último livro, Nikolas Rose sente que está próximo para finalmente enfrentar o tema da psiquiatria na próxima publicação. "Quero entender do meu ponto de vista a experiência que meus amigos e familiares têm do ponto de vista deles." O professor para por um tempo, alisando os botões da camisa. "Para ser honesto mesmo, penso que do ponto de vista deles é o mais importante. Quando me perguntam qual a grande evolução da psiguiatria nos últimos anos, eu não direi que é o avanço do conhecimento do cérebro, mas o diálogo com o paciente", provoca. Promover esta mudança ainda se coloca como um desafio contemporâneo.

- E você ainda acredita que é possível mudar a vida a partir do pensamento?,pergunto eu.

"Eu espero que sim", sorri. Talvez o otimismo não exista como antes, mas ainda são tempos empolgantes.

² Ver World'sfirst Professor in User Led Research, publicada no site do King'sCollege em 17-03-2014, disponível em http://bit.ly/dianarose

A recuperação das dimensões humanas na reconfiguração do conceito de saúde

POR RICARDO MACHADO | FOTOS: RICARDO MACHADO



Recuperar a dimensão humana da liberdade, das participações humanas e da compreensão do que entendemos como saúde. Em síntese, esses foram os grandes eixos de abordagem da conferência da professora e pesquisadora dos Estados Unidos Jennifer PrahRuger, que apresentou a palestra "Paradigma de capacitação em saúde", na noite da quarta-feira, 22-102014, no Auditório Central da Unisinos. "O conceito que apresento tem a ver com uma capacitação em saúde que busca valorizar a liberdade das pessoas para desenvolverem a própria realização humana e uma vida boa", aponta.

O evento integrou a programação do XIV Simpósio Internacional IHU: Revoluções tecnocientíficas, culturas, indivíduos e sociedades. A modelagem da vida, do conhecimento e dos processos produtivos na tecnociência contemporânea.

Florescimento humano

De acordo com a pesquisadora, há aspectos que são fundantes da construção de uma racionalidade mais comprometida com uma perspectiva mais global do que é saúde. "É preciso, ao pensarmos no paradigma da capacitação em saúde, termos em conta as dimensões da liberdade — da liberdade substantiva, inclusive —, do bemestar social, do florescimento do humano", sustenta.

Teoria de Escolhas Sociais

"O paradigma da capacitação prioriza as capacidades universais. É lógico que nós precisamos de um padrão compartilhado, mas, por outro lado, é muito difícil alcancá--lo porque há muitas discordâncias. Em termos desta transposicionalidade, recorremos a uma concepção da saúde que reflita uma dimensão global das capacidades de saúde", argumenta Jennifer. Para a professora, ainda que haja particularidades, que devem ser preservadas, há, de modo geral, uma capacidade globalmente consensuada de que todos temos capacidade de construirmos modelos de saúde coletiva compatíveis com os desafios de nosso tempo.

Responsabilidade individual e coletiva

Na opinião da conferencista, a capacitação em saúde deveria ser o aspecto central da avaliação das políticas públicas de atendimento às populações. "A capacitação inclui o papel de agente de um indivíduo ou grupo de perseguir objetivos valiosos e criar, eficazmente, a própria saúde. A responsabilidade individual e a responsabilidade coletiva são muito importantes para um paradigma de ética coletiva", propõe.

Desigualdade

"O pilar da desigualdade tem a ver com a tarefa filosófica e pragmática de construir uma medida a fim de comparar e avaliar um sistema. Para isso precisamos de um critério, no nosso caso o paradigma de capacitação em saúde", sustenta Jennifer. Nesse sentido, ela argumenta que a busca por justiça social implica o estabelecimento de objetivos que visem diminuir as distâncias entre quem está em um nível aceitável de acesso à saúde e de quem não tem acesso à saúde. "Construir po-

líticas públicas éticas implica estabelecer objetivos para reduzir o não alcance à saúde coletiva a um nível aceitável", complementa.

Recursos públicos

A realidade em que Jenniger-Ruger se debruça para realizar sua análise é os Estados Unidos, uma das principais potências mundiais. Entretanto, ela reconhece que a questão dos recursos públicos é problemática e é preciso eficiência nos gastos. "Tanto a igualdade quanto a eficiência são recursos importantes. Mesmo nos países mais ricos, os recursos são escassos, a questão que se coloca é: qual é o benefício de cada um desses investimentos?", avalia.

Ética dos determinantes sociais da saúde

"Estamos longe de compreender os mecanismos da sociedade que influenciam na saúde", destaca Jennifer. "É preciso avançar em relação às políticas públicas e avançar em outros âmbitos, como educação, responsabilidade social, preservação ambiental. É importante compreender a necessidade de componentes justos e resultados justos e é muito desafiante combinar as duas coisas", complementa.

A partir desta dinâmica, o paradigma da capacitação em saúde implica uma abordagem científica que integra tanto noções conceituais como procedimentais de inclusão dos indivíduos que são impactados pelas políticas públicas da área da saúde. "Os indivíduos que são impactados pelas decisões de políticas públicas precisam fazer parte destas decisões. Os médicos ou especialistas podem assistir no processo, mas as definições devem ser tomadas por quem é impactado por elas", propõe.

Busca de uma racionalidade ética

"Em termos desta abordagem científica, os médicos e os especialistas são tão importantes quanto os 'não-médicos'. Eles compartilham seus conhecimentos uns com os outros e com as pessoas leigas para atingir uma racionalidade ética em equilíbrio com a racionalidade técnica. É importante que essas duas partes trabalhem em conjunto", frisa Jennifer.

Segundo a professora, a ideia é que o processo de trabalhar em conjunto também molda valores que impactam nas diferentes partes envolvidas. "Há um valor de aprendizado nesse processo", diz. "A política em saúde é avaliada, em última análise, em termos de consequências. Se as pessoas não estão envolvidas, a capacidade das pessoas de atingir resultados que elas valorizem diminui", complementa.

Governança compartilhada

Superar uma condição cultural de individualidade e partir de uma perspectiva compartilhada de ação é o que propõe a governanca compartilhada na área da saúde. "Isso é um dos pilares do paradigma da capacitação em saúde e implica que os indivíduos e as instituições trabalhem em conjunto parapermitir que as pessoas sejam saudáveis", ressalta. "A governança compartilhada promove consensos e oferece um método de alcancar esse consenso, e inclui isso ao processo de tomadas de decisões, e não em um sistema hierárquico, porque promove a deliberação por meio do compartilhamento", sustenta.

Ética e normas morais

"O alcance da equidade em saúde exige a redistribuição de recursos e isso exige compromissos éticos de todas as pessoas porque a redistribuição precisa ser voluntária. Os indivíduos precisam internalizar a norma moral pública para que as pessoas sejam atendidas", defende a conferencista. "Existe pouca razão para crer que a saúde ótima em uma parte do mundo não pode ser alcancada em outras partes. O local onde uma pessoa nasce não sugere que ela tenha que ser doente. Avaliar e compreender o abismo e diferenca vai nos dar mais ferramentas para compreender as violações aos direitos humanos", finaliza.

Quem é Jennifer Ruger

Jennifer PrahRuger é graduada em Economia Política pela Universidade da Califórnia-Berkeley. É mestre pela Universidade de Oxford, pela Escola de Direito e Diplomacia Fletcher e pela Universidade Yale. Possui doutorado pela Universidade de Harvard e pós-doutorado pelo Centro de População e Desenvolvimento de Estudos de Harvard. Trabalhou como economista de saúde do Banco Mundial e atualmente é membro do Instituto de Conselho de Medicina em Saúde Global. Participou ainda do Instituto do Comitê de Medicina para avaliar o Plano de Emergência do presidente dos EUA para o combate à AIDS (PEPFAR). É autora de Health and Social Justice (Oxford: University Press, 2009).



Leia mais...

• *Globalismo provincial e uma visão sistêmica da saúde*. Entrevista com Jennifer Ruger, publicada na edição 456 da **IHU On-Line**, de 20-10-2014, disponível em http://bit.ly/1z50QOZ.

Galeria de fotos







As sociedades de controle e a iminência de um "panóptico global"

POR MÁRCIA JUNGES | FOTOS: JULIAN KOBER



A sociedade da disciplina teorizada por Michel Foucault¹ se converteu

em sociedade do controle, conforme anos mais tarde havia previsto Gilles

1 Michel Foucault (1926-1984): filósofo francês. Suas obras, desde a História da Loucura até a História da sexualidade (a qual não pôde completar devido a sua morte) situam-se dentro de uma filosofia do conhecimento. Suas teorias sobre o saber, o poder e o sujeito romperam com as concepções modernas destes termos, motivo pelo qual é considerado por certos autores, contrariando a própria opinião de si mesmo, um pós-moderno. Seus primeiros trabalhos (História da Loucura, O Nascimento da Clínica, As Palavras e as Coisas, A Arqueologia do Saber) seguem uma linha estruturalista, o que não impede que seja considerado geralmente como um pós-estruturalista devido a obras posteriores, como Vigiar e Punir e A História da Sexualidade. Foucault trata principalmente do tema do poder, rompendo com as concepções clássicas do termo. Para Foucault, o poder não somente reprime, mas também produz efeitos de saber, constituindo verdades, práticas e subjetividades. Em várias edições, a IHU On-Line dedicou matéria de capa a Foucault: edição 119, de 18-10-2004, disponível em http://bit. ly/ihuon119; edição 203, de 06-11-2006, disponível em http://bit.ly/ihuon203; edição 364, de 06-06-2011, intitulada 'História da loucura' e o discurso racional em debate, disponível em http:// bit.ly/ihuon364; edição 343, O (des) governo biopolítico da vida humana, de 13-09-2010, disponível em http://bit.ly/ ihuon343, e edição 344, Biopolítica, estado de exceção e vida nua. Um debate, disponível em http://bit.ly/ihuon344. Confira ainda a edição nº 13 dos Cadernos IHU em formação, disponível em http:// bit.ly/ihuem13, Michel Foucault. Sua contribuição para a educação, a política e a ética. (Nota da IHU On-Line)

Deleuze². Nesse novo modelo social o que é importante não é mais a assinatura ou o número que dizem respeito ao indivíduo, mas o código que lhe é correspondente. "O controle é feito por códigos de linguagem numérica. Não mais nos encontramos na dualidade massa-indivíduo que ca-

² Gilles Deleuze (1925-1995): filósofo francês. Assim como Foucault, foi um dos estudiosos de Kant, mas tem em Bérgson, Nietzsche e Espinosa poderosas interseções. Professor da Universidade de Paris VIII, Vincennes, Deleuze atualizou ideias como as de devir, acontecimentos, singularidades, conceitos que nos impelem a transformar a nós mesmos, incitando-nos a produzir espaços de criação e de produção de acontecimentos outros. (Nota da IHU On-Line)

racterizava a economia de fabricação fordista."

Conforme Deleuze, as pessoas se tornaram "divíduos", destacou o filósofo norte-americano Thimoty Lenoir em sua conferência na manhã de quarta-feira, 23-10-2014. A atividade integrou a programação do XIV Simpósio Internacional IHU: Revoluções tecnocientíficas, culturas, indivíduos e sociedades. A modelagem da vida, do conhecimento e dos processos produtivos na tecnociência contemporânea, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos – IHU de 21 a 23-10-2014.

Os métodos de controle se tornaram eletrônicos, através de códigos que monitoram estados de afeto, desejo e sentimento, abaixo do nível do indivíduo consciente. Isso é central para as formas de controle que Deleuze imaginou. Trata-se de uma mutação no capitalismo que sai do fordismo e vai para uma modalidade que não focaliza mais tanto a produção, mas compra de produtos acabados. "A fábrica cedeu lugar à corporação global, e nesse cenário o marketing se tornou indispensável", disse o pesquisador. Retomando outra afirmação de Deleuze em 1990, Lenoir mencionou que a operação dos mercados é o instrumento social de controle e a forma impudente dos nossos "mandachuvas".

Neurogravação

Nos últimos 25 anos uma série de ferramentas em bioengenharia e neuroengenharia, redes sem fio, analítica de banco de dados em larga escala e tecnologias de vigilância apareceram e conseguem converter indivíduos em um conjunto de 'divíduos', gerando a transição da sociedade disciplinar para a de controle deleuziana.

A interface direta entre cérebros e máquinas já acontece, e Lenoir deixa isso evidente em sua exposição. "Somos montagens de 'divíduos' para sermos coerentes com esse referencial de pensamento", acrescentou. Implantes óticos e cocleares (de ouvidos), por exemplo, são uma realidade, e outras formas de implantes neurais também já são feitos para ajudar o aspecto sensorial da existência. "Uma série de desenvolvimentos científicos

estão levando essa área a um ponto impensado antigamente."

Contudo, as mudanças que Lenoir discutiu fundamentalmente começam com o desenvolvimento, no final dos anos 1990, de novas técnicas de neurogravação. Até o final dos anos 1980 a teoria principal sobre o cérebro tratava da localização de áreas que estão dedicadas a certas funções cognitivas como a visão. Contudo, é preciso pensar não somente nas mudanças práticas trazidas pela técnica, mas o que a revolução tecnocientífica representa como um todo, observou.

Mente coletiva

Lenoir relembrou que Miguel Nicolelis³, o neurocientista brasileiro que pesquisa na Universidade de Duke, EUA, se tornou mundialmente famoso pelos experimentos conduzidos para que um macaco movimente objetos com o comando da mente. Essa técnica demonstra que é possível criar corpos expandidos a partir da interação entre cérebro e máquina. Outra descoberta é que é possível, também, compartilhar estados cerebrais, algo que já se dá em laboratório com experiências realizadas com ratos. O rato que tem somente a experiência da exploração irá passar a cooperar com o rato decodificador do mecanismo, segundo o protocolo colocado em prática por Nicolelis. Com esse conjunto de experiências, que pode ser feito em vários ratos e cobaias em circuito fechado, pode-se falar, inclusive, sobre uma mente coletiva. Há colaboração entre os ratos para que todos façam a mesma coisa, de modo simultâneo.

Simuladores de voo e direção de carros já são ativados pelo impulso cerebral. Extrair imagens da mente também é algo que já é possível realizar. Lenoir compartilhou inúmeras imagens que foram mapeadas a partir do cérebro dos voluntários na pesquisa. Evidentemente, há impasses éticos em todos os experimentos, e no momento da abertura às perguntas, a plateia se mostrou muito incomodada com esses limites, como na questão da subjetividade das pessoas frente ao avanço da tecnociência, e do uso de animais não humanos em pesquisas.

Outro tema abordado foi a descoberta pela optogenética da existência de uma proteína em algas verdes que reage com a luz azul. A proteína é extraída das plantas e, a seguir, é retirado um gene que é preso às células específicas de neurônios. Ao ligar essa luz, íons entram na célula neural de modo que esta dispare. Outro conjunto de proteína atua de forma oposta, quando a luz amarela desativa o neurônio. A partir disso, pesquisa-se que tipo de próteses cerebrais poderiam ser construídas e utilizadas para trazer resultados a enfermidades como o Mal de Parkinson. Conforme Lenoir, "várias intervenções pertinentes e importantes para a devolução da qualidade da vida das pessoas afetadas pela doença estão no horizonte dessas pesquisas".

Panóptico global

A temática da computação onipresente trouxe outras inquietações e preocupações ao debate. Segundo Lenoir, em breve haverá chips em tudo o que compramos, e todas as coisas serão mapeadas por um código de rastreamento, o IP: "Nos EUA isso já é uma realidade que está chegando aos supermercados via internet".

Nesse sentido, outro exemplo é a interface gestual portátil através do qual se pode utilizar todo tipo de dados com uma câmara com conexão neurológica. A ideia é se livrar da tela do computador e carregar a máquina dentro do corpo. Será possível atualizar sua passagem aérea através de uma espécie de "sexto sentido". Empresas norte-americanas como a Mindsign e a NeuroFocus são espe-

³ Miguel Nicolelis (1961): médico e cientista brasileiro. Lidera um grupo de pesguisadores da área de neurociências na Universidade Duke, nos EUA, que estuda as tentativas de integrar o cérebro humano com as máquinas (neuropróteses ou interfaces cérebro-máquina). O objetivo das pesquisas é desenvolver próteses neurais para a reabilitação de pacientes que sofrem de paralisia corporal. Atuando na área de fisiologia de órgãos e sistemas, Nicolelis é responsável pela descoberta de um sistema que possibilita a criação de braços robóticos controlados por meio de sinais cerebrais. O trabalho está na lista do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT) sobre as tecnologias que vão mudar o mundo. (Nota da IHU On-Line)

cialistas em mapear as informações de comportamento de consumo e comercializá-las para fins de marketing e neuromarketing.

"Rastrear, mapear e projetar as coisas sobre outros tipos de superfície. O desejo de fazer com que isso aconteça é avassalador. Levantamentos mostram que 90% das pessoas querem estar on-line e mapear dados sobre sua saúde, compartilhando-os em seguida", mencionou

Lenoir. E acrescentou: "Sem dúvida é surpreendente que as pessoas queiram divulgar esses dados de si mesmas. Há uma codificação e rastreamento de 'divíduos' a serviço do capitalismo digital global. Assim, devemos estar conscientes dos pontos positivos dessas invenções e do perigo de vivermos sob um panóptico global" – uma referência ao conceito de Jeremy

Bentham⁴, retrabalhado por Foucault em *Vigiar e Punir* (Petrópolis: Vozes, 1987).

4 Jeremy Bentham (1748-1832): filósofo, jurista e reformador social britânico. É reconhecido como o fundador do utilitarismo moderno, que prega o desenvolvimento de ações com a máxima eficiência para o bem-estar social e a felicidade. Foi também o primeiro a utilizar o termo deontologia, para se referir ao conjunto de princípios éticos a serem aplicados às atividades profissionais. (Nota da IHU On-Line)

Quem é Thimoty Lenoir?

É professor de História e catedrático do Programa de História e Filosofia da Ciência, na Duke University, nos Estados Unidos, autor de *A Estratégia da Vida. Teleologia e Mecânica na Biologia Alemã do século XIX* (Dordrecht and Boston: D. Reider, 1982); editado como brochura pela University of Chicago Press, 1989, que examina o desenvolvimento das teorias não darwinianas da evolução, particularmente no contexto germânico durante o século XIX.

Atualmente pesquisa sobre a introdução de computadores na pesquisa biomédica desde início de 1960 até 1990, particularmente o desenvolvimento de computadores gráfi-



cos, tecnologia de visualização médica, o desenvolvimento da realidade virtual e sua aplicação em cirurgia. Com fundos da Fundação Alfred P. Sloan, construiu dois projetos web sobre história da interação humana por computador e sobre história da bioinformática. Lenoir foi membro da Fundação John Simon Guggenheim e por duas vezes membro do Instituto de Estudos Avançados em Berlim. É cofundador e editor da série *Escrevendo ciência (Writing Science)*, da Stanford University Press. Lenoir foi nomeado membro emérito [Bing Fellow] por Excelência no Ensino entre 1998–2001.

Ecos do evento

"Destaco as possibilidades que se abrem com o estudo do cérebro humano para outras atividades. O mais interessante é a gente ver que o futuro está no presente. Tem muita coisa do futuro que estamos conhecendo a partir dos conhecimentos cerebrais. Então acredito que em breve teremos novas tecnologias até o momento completamente imagináveis". Jorge Luiz dos Santos Júnior, economista





"Entendo que o tema tratado é muito interessante porque é uma parte importante da convergência tecnológica. Como é que essas questões relativas às ciências cognitivas podem ter sido desenvolvidas para que se tenha a possibilidade para avançar nessa convergência tecnológica." **Paulo Roberto Martins**, sociólogo, 63 anos

"Trata-se de uma palestra muito interessante, porque Lenoir traz uma série de informações a respeito de coisas que pensávamos existir somente no campo da ficção científica. É muito interessante para instigar esse tipo de discussão em sala de aula, e como professor é ótimo para trazer aos alunos a importância de se tornar alfabetizados dentro dessa área do conhecimento." Lino Pino de Oliveira Júnior, professor de neuroanatomia e neurofisiologia, 58 anos



"Hoje a grande ideologia é a ciência e a técnica"

POR MÁRCIA JUNGES | FOTOS: LARISSA TASSINARI



Uma "maneira muito peculiar" de se entender a razão. Assim o filósofo Jesús Conill classificou a tecnociência em nosso tempo na conferência proferida na tarde de terça-feira, 21-10-2014, na Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no Instituto Humanitas Unisinos - IHU. Intitulada "Os marcos e ferramentas éticas nas tecnologias de gestão", a atividade integrou o XIV Simpósio Internacional IHU: Revoluções tecnocientíficas, culturas, indivíduos e sociedades. A modelagem da vida, do conhecimento e dos processos produtivos na tecnociência contemporânea, que ocorreu de 21 a 23 de outubro de 2014.

Devemos pensar que o marco que orienta a técnica é histórico e sociocultural. A tecnologia gera cultura e, por vezes, é produto desta. Há uma interação. "A tecnologia gera cultura, mas por vezes se trata de uma produção do que significa a cultura. O humanismo criou a ciência e a técnica, e o meio criou o humanismo. A atual tecnologia crê que se descobriu a si mesma. Vivemos um imperialismo da tecnologia, que para alguns destrói a cultura e o humanismo", ponderou Conill.

Portanto, quando se fala de cultura tecnocientífica ou tecnológica é preciso pensar o marco que fundamenta o tipo de pensamento que sustenta a sociedade tecnocientífica na qual vivemos. Que tipo de ética pode estar funcionando no desenvolvimento contemporâneo no que a técnica se transformou? Isso tem significado para nos entendermos como seres humanos e nossas possibilidades e limites?

"Hoje a tecnologia está transformando o modo de nos entendermos a nós próprios. Já vivemos situações em que a tecnologia reverte sobre o ser humano e o transforma. Vamos defender uma posição humanizadora, trans, pós ou desumanizadora da tecnologia?", seguiu questionando o pesquisador. "Que consequências isso terá para as áreas do conhecimento?".

Em sua fala, Conill continuou a desassossegar a plateia: "É preciso defender uma humanização no processo de historicização da tecnologia? Há antagonismos entre tecnologia, desumanização e humanização? A tecnologia quer fazer um ser humano 'melhor?' Lembremo-nos que o ser humano pode desumanizar-se, já o tigre não pode 'destigrar-se'".

Tecnologia como força de produção

Para entender o problema do marco que norteia o pensamento contemporâneo cuja tecnociência é preponderante, é preciso nos perguntarmos se sempre fez sentido a presença da técnica e da tecnologia. Se recuperarmos nossa memória histórica e pensarmos como se vivia na Grécia antiga, já naquele tempo se precisava do técnico para resolver questões. A técnica é uma forma de logos para produzir um saber-fazer produtivo. O marco clássico nos ajuda a entender por contraste. É preciso que sejamos conscientes das características da mentalidade do nosso tempo, e por isso devemos ter o sentido crítico e o discernimento, observa o professor.

Já o marco contemporâneo pode ser caracterizado pelo crescente poder da tecnologia, que agora é força de produção. Na Grécia a técnica era um saber-fazer, e agora é um saber--fazer produtivo, transformador dos lugares onde surge a riqueza. A diferença entre o pensamento clássico dominante é que o marco filosófico é ontológico, no qual o importante é o desvelamento do Ser. A tecnologia moderna não desvela o Ser, não ajuda a descobrir o Ser, não é uma revelação ou caminho da ontologia. O que ela desvela é a força. Quem estuda técnica não se ocupa da ontologia. Há uma dimensão velada, não explícita, que alguns filósofos interpretam através da tecnologia. Segundo Conill, "cada vez mais se pergunta coisas do tipo 'para que serve a ética, para que serve a filosofia".

A tecnologia é a maneira da razão para dizer o que funciona ou parece que é assim. Cada vez mais isso configura nosso modo de viver, pensar e sentir. Nos séculos XIX e XX as ideologias eram marcadas pela política e pela economia. Hoje a grande ideologia é a ciência e a técnica.

Transvaloração dos valores

A mídia vende um sem número de expectativas. Além dela, a medicina aparece em nosso tempo como detentora da cura para todas as doenças, que serão extirpadas com a promessa de vida saudável e higienizada. Essa tecnorracionalização permeia nosso cotidiano e nem nos damos conta disso. Há um incremento e poder da tecnologia, que se tornou o grande aparato da tecnocracia. Nos cursos de formação técnica não entram mais conteúdos humanistas, de questionamento, observa Conill. Nas instituições em geral, inclusive nas universidades, se reproduz uma tecnoestrutura, liderada por tecnocratas responsáveis pela gestão do empreendimento. Isso cria grandes problemas de abstração, criando falácias de realidade - nos distanciamos tanto da realidade que criamos movimentos tecnocráticos autocompreendidos como possíveis de realizar todos os problemas, sem capacidade de acessar o real. Segundo Conill, "vivemos uma ausência de ordem comum - a comunitas é anterior às partes".

Modernamente não somos um todo do qual fazemos parte, pela emergência da liberdade individual: vivemos a ficção de uma sociedade individual. Cremos estabelecer relações com os demais quando queremos, bem como as rompemos quando estas não nos servem mais, objetou o conferencista. O contratualismo é a figura preponderante do pensamento moderno. Se estabelecem ou rompem contratos à vontade. O desmembramento da comunidade vem se dando cada vez mais. "O crescimento do poder da tecnociência e a ausência de ordem comum ou compartilhada são dois grandes eixos modernos", acrescentou.

É preciso desvelar os valores existentes por trás das tecnologias. Recuperando uma ideia tributária a Friedrich Nietzsche¹, filósofo alemão do século XIX, hoje se fala em transvaloração de valores, e não na perda ou não existência de valores que norteiam a tecnociência. "Necessitamos uma hermenêutica que mostre os valores que estão operando em nosso tempo. Por isso refiro-me à necessidade de uma transvaloração dos valores. Necessitamos de uma nova ética, que não se confunda com a religião, que esteja à altura da modernidade e da vida contemporânea. Esta ética não deve ser meramente individual, porque estamos praticando-a institucional, social e profissionalmente. Ela não pode ficar só na intenção. Por isso penso que uma 'ética da responsabilidade' seja o caminho, na qual devem ser educados os profissionais", frisou Conill.

Para o professor, o mercado financeiro neoliberal se converteu no modelo da economia atualmente. Um total de 90% da movimentação da economia se dá pela financeirizacão, pelas financas, e não pelos bens e serviços. "Trata-se de uma perversão da economia e da estrutura econômica. As conivências entre política e economia são de tão alto grau que o esquema da economia colonizada pela política não dá conta de explicar o que acontece em nosso tempo. Basta pensar em quem nomeia o presidente de instituições financeiras como o FMI, por exemplo. Não são políticos que fazem isso? Devemos pensar meios de impossibilitar tais conivências...".

de Friedrich Nietzsche, e pode ser acessada em http://bit.ly/HdcqOB. Confira, também, a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista IHU On-Line, de 10-05-2010, disponível em http://bit.ly/162F4rH, intitulada O biologismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado, na qual discute ideias de sua conferência A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche e a questão da biopolítica, parte integrante do Ciclo de Estudos Filosofias da diferença - Pré--evento do XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana. Na edição 330 da Revista IHU On-Line, de 24-05-2010, leia a entrevista Nietzsche, o pensamento trágico e a afirmação da totalidade da existência, concedida pelo Prof. Dr. Oswaldo Giacoia e disponível para download em http:// bit.ly/ngUxGO. Na edicão 388, de 09-04-2012, leia a entrevista O amor fati como resposta à tirania do sentido, com Danilo Bilate, disponível em http://bit.ly/Hza-JpJ. (Nota da IHU On-Line)

¹ Friedrich Nietzsche (1844-1900): filósofo alemão, conhecido por seus conceitos além-do-homem, transvaloração dos valores, niilismo, vontade de poder e eterno retorno. Entre suas obras figuram como as mais importantes Assim falou Zaratustra (9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998), O anticristo (Lisboa: Guimarães, 1916) e A genealogia da moral (5. ed. São Paulo: Centauro, 2004). Escreveu até 1888, guando foi acometido por um colapso nervoso que nunca o abandonou até o dia de sua morte. A Nietzsche foi dedicado o tema de capa da edição número 127 da IHU On--Line, de 13-12-2004, intitulado Nietzsche: filósofo do martelo e do crepúsculo, disponível para download em http://bit. ly/Hl7xwP. A edição 15 dos Cadernos IHU em formação é intitulada O pensamento

Quem é Jesús Conill?

Jesús Conill estudou nas Universidades de Valencia, Espanha, e München, Alemanha. Atualmente é catedrático da Universidade de Filosofia Moral e Política da Universidade de Valencia. Além disso, realizou estudos e pesquisas de extensão nas Universidades de München, Bonn, Frankfurt e Main, na Alemanha; St. Gallen, na Suíça; e Notre Dame, nos Estados Unidos. É autor, entre outras obras, de Ética hermenêutica (Madrid: Tecnos, 2006), Horizontes de economía ética. Aristóteles, Adam Smith, Amartya Sen (Madrid: Tecnos, 2004), Ética de los medios. Una apuesta por la ciudadanía



audiovisual (coeditor, junto com Vicent Gozálvez – Barcelona: Gedisa, 2004).

Ecos do evento

Eu tinha o hábito de pensar que temos uma politica e economia separadas de um conjunto de valores, e Conill diz o contrário; que não se trata de um rompimento com um conjunto de valores, mas sim a economia e a tecnociência como um valor em si. Então não se trata de não ter valores, mas de termos a tecnociência e a economia como valores superiores." Alécio Bloss, graduando em Filosofia





"Sou professor do ppg de Bioética na PUC do Paraná, e esse tema da ética com a técnica e da ética com a ciência é parte da minha pesquisa. O palestrante fez um apanhado interessante, pegando desde a concepção de técnica no mundo antigo até a contemporaneidade, quando elas se separam e se tornam independentes." Anor Sganzerla, doutor em Filosofia

"Enquanto na modernidade havia uma grande luta para que separar valores e questões subjetivas da razão, segundo a palestra, isso se mostrou ilusório. É ilusório pensar que você pode simplesmente deixar valores e a subjetividade de lado. Ou, pensar como se a razão só se efetivasse anulando totalmente a questão dos valores". Bianca Maranhão, mestranda em Comunicação





"Gostei da explicitação de muitos pontos pertinentes, relacionados tanto as questões tecnológicas e tecnocráticas, bem como questões econômicas, trazendo questões filosóficas e contemporizando isso com a nossa situação atual. O que mais considerei pertinente foi a inter-relação entre as tecnologias e o poder tecnocrático." Sandro Frohlich, doutorando em Filosofia

Leia mais...

• A manutenção da subjetividade humana diante do impulso tecnocientífico instrumental. Entrevista com Jesús Conill publicada na edição 456 da IHU On-Line, de 20-10-2014, disponível em http://bit.ly/1pIIVW3.

O pensamento de Feyerabend revisitado

POR RICARDO MACHADO | FOTOS: SUELEN FARIAS



Encerrando a última manhã de conferências do XIV Simpósio Internacional IHU: Revoluções tecnocientíficas, culturas, indivíduos e sociedades. A modelagem da vida, do conhecimento e dos processos produtivos na tecnociência contemporânea, a professora e pesquisadora Anna Carolina Regner apresentou a conferência "Paul Feyerabend: racionalidade única, irracionalidade ou

múltiplas racionalidades?". O evento ocorreu na quinta-feira, 23-10-2014, às 10h45min, no Auditório Central da Unisinos.

Segundo a conferencista, o pensamento de Feyerabend¹ orbitou em torno de quatro eixos principais: razão, racionalismo, tradições e ciência.

(uma coleção de artigos publicados em 1987). Feyerabend tornou-se famoso pela sua visão pouco canônica da ciência e por sua suposta rejeição da existência de regras metodológicas universais. É uma figura influente na filosofia da ciência, e também na sociologia do conhecimento científico. A edição 204 do Cadernos IHU Ideias traz o texto As origens históricas do racionalismo, segundo Feyerabend, de autoria de Miguel Ângelo Flach, disponível em http://bit.ly/1tr9sxR. (Nota da IHU On-Line)

¹ Paul Karl Feyerabend (1924-1994): foi um filósofo da ciência austríaco que viveu em diversos países como Reino Unido, Estados Unidos, Nova Zelândia, Itália e Suíça. Seus maiores trabalhos são Against Method (publicado em 1975), Science in a Free Society (publicado em 1978) e Farewell to Reason

"Falar de valores é uma maneira de descrever o tipo de vida que se quer levar ou que se pensa que deveria ser levada", explica Anna Carolina. A normatividade em Feyerabend vem dos valores, e as questões remanescentes estão no trânsito dos valores. "Há uma dimensão mais fundamental que é a distinção que se pretende ser epistemológica entre razão e irracionalidade, porém separar fatos, valores e racionalidades é um artifício", pondera a professora.

Contra o método

"Porque Feyerabend critica a si próprio em diferentes edições de Contra o método, ele se mantém dinâmico. O autor sustenta que para salvar os valores de humanidade é preciso dar um peso à razão, não por merecimento intrínseco à razão, mas para preservar nossa humanidade", exemplifica a professora. De acordo com Anna Carolina, Feyerabend tenta em Contra o método mostrar duas perspectivas: a irracionalidade do racionalismo e razoabilidade das contrarregras. "O que poderíamos discutir com Feyerabend hoje é se ele não tinha uma posição muito dicotômica com a racionalidade e a irracionalidade", contrapõe.

Críticas dinâmicas

A dinamicidade do pensamento de Feyerabend tem a ver com uma postura de atualização das perspectivas críticas mesmo quando tratava de uma mesma obra. Por exemplo, na primeira edição de *Contra o método*, em 1951, ele tinha como eixo central de crítica o chamado "positivismo lógico". Nas edições da década de 1970, o autor focou sua tese na contraposição ao racionalismo crítico, proposto por Karl Popper,² e o racionalismo de Imre Lakatos. Já na última versão, de 1993, sua crítica era ao racionalismo como tradição.

Naturalismo e racionalismo

"No naturalismo a experiência tem dominância na razão no sentido de modificá-la, ou seja, quando a razão não condiz com a experiência devemos mudar a razão", explica muito objetivamente a professora. "A posição de Feyerabend era de uma relação entre duas dimensões da prá-

2 Karl Popper (1902-1994): filósofo austríaco-britânico. Destacou-se como filósofo social e político e como defensor da democracia liberal. É conhecido como o criador do conceito de *falseabilidade*, que a coloca como uma característica fundamental para a demarcação científica de uma teoria. De acordo com este pensamento, uma teoria só será científica se puder ser falseada, isto é, colocada a prova diante da experiência. (Nota da IHU On-Line)

xis: a diferente e a familiar. A grande questão, portanto, não é se há universais ou particulares, mas como se dá essa relação", complementa. Para a pesquisadora, ao nos colocarmos diante dos enunciados — que é da ordem do universal — precisamos vê-los situados — ou seja, na ordem do particular.

Disputa, discussão e controvérsia

Pensar pressupõe mais de um nível de argumentação e contraposições. Entretanto, Anna Carolina lembrou que quando o paradigma do debate se estabelece a partir da disputa não há nada de comum entre as partes; quando se estabelece em uma discussão não há nada de novo; mas na controvérsia há a possibilidade da troca aberta, isto é, significa que não temos nada previamente formulado.

"A identidade só se impõe na diferença, aí podemos distinguir. Esta distinção das diferenças nos ajuda a compreender a diversidade cultural", explica. "Feyerabend, em sua autobiografia, nas obras finais, vai dizer o seguinte: assassinato é assassinato e ponto. Não existe diferença. E ele fala isso ao mesmo tempo em que fala de natureza humana", finaliza.

Quem é Anna Carolina Regner

Graduada em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica – PUCRS, doutora em Educação pela UFRGS e pós-doutora pela Universidade de Stanford, na Califórnia, nos Estados Unidos. Integra o Colégio de Consultores da Coleção Memória e Saber do CNPq e é membro do Conselho científico de várias revistas nacionais e estrangeiras. Foi diretora da Coleção Filosofia e Ciência da editora Unisinos. É autora junto com outros organizadores de History and Philosophy of science in the South Cone (Londres: College Publications, 2013), Ciências da vida: estudos filosóficos e históricos (Campinas: Associação de Filosofia e História da Ciência do Cone Sul (AFHIC), 2006) e A filosofia e a ciência redesenham horizontes (São Leopoldo: Editora da Unisinos, 2005).



Ecos do evento

"Em que sentido a ciência é irracional? Para muitas pessoas a ciência é o exemplo máximo de racionalidade, e Feyerabend nos ajudou a ver que a ciência não é racional no sentido de seguir regras que sempre deem, mas que há uma racionalidade que aumenta a flexibilidade, que aumenta as contestações e que aumenta as improvisações. A professora Ana conseguiu lembrar os pontos em que o autor se manteve repensando até o final da vida" Alberto Cupani, professor na Universidade Federal de Santa Catarina — UFSC





"A meu ver, a palestra foi muito interessante. Eu que já tive a oportunidade de ter aula com a professora Ana Carolina lembrei que ela abordava Feyerabend nas aulas de filosofia da ciência. E hoje refrescar a memória das racionalidades e irracionalidades foi muito importante. Ela tem um pensamento muito claro e foi válido para recuperar aquilo que ela passava em aula e trazer alguns apontamentos novos". Neilor Schuster – Estudante de Teologia

"Hoje, mais uma vez vim assistir a palestra da professora Anna Carolina, palestra esta que é sempre muito esclarecedora. Ela que é uma conhecedora profunda do assunto, ilumina o nosso conhecimento sobre um tema que é central na obra de Feyerabend: o tema da racionalidade científica, o tema da razão. Enfim, ver a Anna Regner falar é sempre muito bom". Luiz Henrique Lacerda Abrahão, professor no Centro Federal de Ensino Tecnológico de Minas Gerais – CEFET/MG





"Anna Regner é uma especialista da obra de Feyerabend e sem dúvida é sempre bom ouvi-la. O ponto mais importante abordado nesta palestra é a relação entre a razão e prática, que são duas instâncias que estão sempre em interação. É até difícil falar exatamente o que é uma ou o que é outra porque Feyerabend lutou justamente contra esse purismo da razão como 'a razão' e tratar de mostrar que a razão é alguma coisa contra, ou seja, é sempre dado esse encontro". Antônio Carlos de Madalena Genz, professor de Filosofia

Leia mais...

- *Uma nova relação entre regras e práticas*. Entrevista à revista **IHU On-line**, ed. 419, de 20-05-2013, disponível em http://bit.ly/1pEWHJ7.
- *Ciência para a felicidade humana*. Entrevista à revista **IHU On-line**, ed. 403, de 24-09-2012, disponível em http://bit.ly/1CKjSrx.
- "Somos melhores depois de Darwin", publicado nas **Notícias do Dia** no site do Instituto Humanitas Unisinos IHU, em 17-03-2009, disponível em http://bit.ly/1zms5pk.

Galeria de fotos





"Vivemos uma hipocondria generalizada"

POR ANDRIOLLI COSTA | FOTOS: LARISSA TASSINARI



Em nossa sociedade contemporânea, parece não haver espaço para as emoções — em especial para as emoções negativas. Ao ser humano, não resta mais a possibilidade de sentir-se triste ou cansado. O mero vislumbre dessas sensações gera a urgência da medicação, dos psicofármacos. "Vivemos uma era de hipocondria generalizada", alerta a cientista social Flavia Costa.

O sentir-se mal com o corpo torna-se, assim, apenas sensação provisória. Se antes era possível aplicar correções mínimas, com produtos cosméticos ou ortopédicos, hoje as novas tecnologias, em relação ao corpo, orientam uma nova modelagem de si mesmo, um novo cuidado de si. "A biotecnologia aparece facilitando condições deste ser corrigido, transformado, otimizado."

Estas ideias foram apresentadas pela professora Flavia Costa na conferência Corporeidade e biotecnologias, no dia 22-10-2014, como parte da programação do XIV Simpósio Internacional IHU — Revoluções Tecnocientíficas, Culturas, Indivíduos e Sociedades. A modelagem da vida, do conhecimento e dos processos produtivos na tecnociência contemporânea.

Tributária da obra de diversos pensadores, Costa retoma o italiano Giorgio Agamben. Ele reflete que a base da democracia moderna não é o homem livre, com "suas prerrogativas e os seus estatutos. (...) O corpus é o novo sujeito da política". Esta relação biopolítica ganha suas dimensões a partir do estabelecimento de uma visão tecnificada do corpo e do eu. Pensa-se a eficiência, a performance, a financeirização.

"Facebook e Apple¹ se oferecem para pagar congelamento de óvulos de suas funcionárias. O motivo é para que elas não precisem engravidar tão cedo – deixando de render o quanto poderiam no trabalho, sem perder qualidade de material genético", menciona a professora. O congelamento custa cerca de 10 mil dólares, com a manutenção custando 500 dólares por ano. De acordo com a empresa, até 20 mil dólares podem ser gastos por funcionário.

"A tecnologia opera de maneira direta sobre a vida e a morte. Mais do que isso, operam inclusive sobre protovidas", destaca Costa, referindo-se a moléculas, genes, células-tronco ou

¹ Ver a matéria Facebook and Apple Cover Egg Freezing Costs for Employees, publicada pela NBC News em 14-10-2014, disponível em http://bit.ly/npffacap.

mesmo ao material reprodutor. "Isso apenas se fortalece à medida que os novos processos capitalistas estimulam a marcha de processos de subjetivação."

Corpo e corporalidade

A professora chama a atenção para duas distinções fundamentais. Enquanto "corporeidade" diz respeito àquilo que o corpo é, "corporalidade" é a reflexão que fazemos sobre o corpo. Em um mundo onde princesas têm seu sangue enviado para bancos de células de cordão umbilical², ou em

2 Ver a matéria Royal baby reignites

que homens e mulheres investem fortunas para transformar-se em bonecos de plástico, quais os limites para a atuação humana? Qual é a reflexão sobre o corpo a que nos propomos?

Filósofo e doutor em Teologia, o professor José Roque Junges, do programa de pós-graduação em Saúde Coletiva da Unisinos, fez uma intervenção. Retoma, deste modo, a obra Adeus ao corpo (Campinas: Papirus, 2009), de David Le Breton. Para o an-

debate on storing cord blood, pulicada no The Guardian, em 27-02-2006, disponível emhttp://bit.ly/1rrPBHv (Nota da IHU On-Line) tropólogo francês, o discurso científico contemporâneo vislumbra o corpo como mero suporte, algo que pode e deve ser aprimorado, o qual a tecnociência parte em socorro. Seria a tese de Breton confirmada pela visão de corpo de Rose? Para a professora, a resposta é imprecisa. "Breton, como antropólogo, pensa o corpo como experiência", pontua ela. Já o indivíduo somático de Rose — cuja conduta de vida atribui um lugar central à existência corporal, tem uma concepção muito mais biológica.

Quem é Flavia Costa?

Flavia Costa é doutora em Ciências Sociais pela *Universidad* de Buenos Aires (UBA). Professora e pesquisadora da Faculdade de Ciências Sociais da UBA e do *Instituto de Altos Estudios Sociales* (IDAES) da *Universidad Nacional de General San Martín* (UNSAM). Costa é editora da revista eletrônica *Papeles de trabajo* e é uma das tradutoras para o espanhol dos livros de Giorgio Agamben.



Ecos do Evento

"Eu gostei muito, porque trabalho em uma linha muito parecida com a dela, que é a da discussão da prevenção, dos estilos de vida saudáveis, da ideia de risco como normativa para orientar as pessoas como devem viver. Sobretudo a forma como somos obrigados a construir uma ideia de corpo no qual ficamos prisioneiros, que não é algo que te emancipe." Luis David Castiel, professor na Fundação Oswaldo Cruz





"Gostei bastante da palestra. Acho muito interessante essa visão de que o corpo e as pessoas são extremamente medicalizados. Então não se pode mais ser triste, não se pode mais ser fraco, enfim... Se dá muito valor para um lado só da humanidade, ou da potencialização do homem e, ao mesmo tempo que se presta atenção no dever de ser potente, se proíbe a não potência – ou a impotência, no caso – como se fosse um controle sobre o corpo, e isso na verdade, como ela demonstrou, é em prol de corpos para consumo, para mercado." Daniel Agostini, mestrando em Direito na Unisinos

"Achei o tema e as questões que ela colocou muito interessantes. Não é minha área, mas buscamos sempre conhecimentos diferentes que possam acrescentar na nossa formação. Acho importante não só como profissional, mas como pessoa, e acho que esse tipo de conhecimento acrescenta para que nos tornemos profissionais mais críticos em relação à saúde." Sônia Regina Colli, graduanda em Ed. Física



Leia mais...

• *Capitalização*, *estetização*, *realização*. *Corporalidades e a modelagem de si*. Entrevista com Flavia Costa publicada na edição 456 da IHU On-Line, de 20-10-2014, disponível em http://bit.ly/12s8fui.

A singularidade está próxima. O que fazer?

Wilson Engelmann, pesquisador de Direito e Nanotecnologias, reflete sobre os desafios que envolvem a emergência de uma sociedade cada vez mais tecnificada

POR ANDRIOLLI COSTA | FOTOS: NAHIENE M. ALVES



Integrante da coordenação do Programa de Pós-Graduação em Direito da Unisinos, Wilson Engelmann sobe no palco para sua palestra acompanhado por uma bolsa de pano a tiracolo. É o "kit nano", explica ele. Presente de seus alunos. De dentro, retira pouco a pouco diversos objetos. Embalagens dos mais variados tipos de detergentes, xampus, band-aids. Há ainda pomadas e creme para unha encravada. Não se trata de algum tipo de *necessaire* exótica; todos aqueles

produtos apresentados possuíam nanopartículas em sua composição.

Ao ultrapassarmos o universo do micro para chegar ao nano, a pequenez infinitesimal fica difícil de ser visualizada mesmo mentalmente. "Aos que gostam de matemática, podemos dizer que uma partícula nano é calculada na base do10⁻⁹", esclarece o professor. Ao contrário do que pensa o senso comum, no entanto, os nanomateriais não são exclusivamente fabricados pela ciência humana. Também existem aqueles de origem

natural, como o sal marinho ou a fuligem. Ainda assim, é com a emergência de uma sociedade tecnocientífica que a presença de nanopartículas em nossas vidas se tornou ainda mais presente. A singularidade — ou seja, a integração entre homem e tecnologia — está próxima. O que fazer a partir disso torna-se a grande questão de nossos tempos.

Com esta preocupação em mente, Engelmann ministrou, nesta terça-feira (21), a conferência "As nanotecnologias como um exemplo de tecnociência e seus impactos". O evento fez parte das programações do XIV Simpósio Internacional IHU — Revoluções Tecnocientíficas, Culturas, Indivíduos e Sociedades. A modelagem da vida, do conhecimento e dos processos produtivos na tecnociência contemporânea, e ocorreu no Auditório Maurício Berni, no centro 4 da Unisinos. A palestra integrou ainda o XI Seminário Internacional Nanotecnologias, Sociedade e Meio Ambiente, organizado pelo Programa de Pós-Graduação em Direito da Unisinos.

Na medida do nanômetro, diversos elementos com os quais temos contatos diários passam a exercer outras ações. Desta forma, a tecnologia passou a ser utilizada pelos mais diversos ramos da indústria, de cosméticos aos esportes e muito mais. "Nos bebedouros é utilizado o sulfato de titânio para prover ação bactericida. O mesmo acontece em alguns preservativos, que utilizam nanopartículas de prata para diminuir a contaminação." No entanto, ainda que tamanha variedade de produtos já esteja disponível no mercado, o professor alerta: "Não temos uma legislação sobre nanotecnologia, mas já existem produtos assim no mercado. Precisamos aguardar um desastre para mudar isso?".

Atualmente dois projetos de lei envolvendo a temática estão tramitando no Congresso, ambos de autoria do deputado Sarney Filho¹. Eles versam sobre a necessidade de acesso à informação, e exigem – entre outras demandas – a rotulagem e identificação de todos os produtos com uso de nanotecnologia. Tal como o "T", que indica o uso de produtos transgênicos.

"A nanotecnologia promete uma série de avanços e não somos contra esses avanços, assim como não somos contra os transgênicos. O que devemos ter em vista é a precaução. Todo produto tecnológico é potencialmente nocivo e cabe ao produtor provar a segurança do novo produto", argumentou o deputado ao justificar o projeto – que ainda não tem data para votação. Ainda assim, Engelmann é reticente. "O processo legislativo é lento. Na área de tecnologia, quando a lei nasce, já surge ultrapassada."

O professor menciona Umberto Galimberti², um dos conferencistas do

1 José Sarney Filho: Advogado e político brasileiro, atualmente filiado ao Partido XIV Simpósio, para pensar a relação do homem com a técnica nas sociedades contemporâneas. "O autor se pergunta: será que devemos fazer algo, apenas porque somos tecnicamente capazes de fazê-lo?" Esse é um dilema da tecnocultura, que impele o "progresso", numa lógica desenvolvimentista, sem se preocupar com o outro, com o ambiente, com a coletividade.

Sem ferramentas jurídicas para nortear o uso destas tecnologias, a própria indústria dá indicativos de seus usos – um risco de grande insegurança. Para que o Direito não fique supérfluo, ele propõe: "É preciso promover a inovação no direito e do direito". A primeira proposta versa sobre a possibilidade de que ele próprio se atualize. A segunda, que o Direito se recontextualize e busque no diálogo com outras ciências o pluralismo necessário para compreender e enfrentar os desafios que estão por vir.

colunista de um dos maiores jornais da Itália, o *La Repubblica*. Será publicado, em breve, o texto "O Homem na Idade da técnica", no Cadernos IHU ideias. O professor tem 17 obras publicadas, inclusive algumas editadas em francês, espanhol, alemão, grego e português. Entre elas estão *Cristianesimo*. La religione dal cielo vuoto (Milano: Editora Feltrinelli, 2012), Il viandante della filosofia (com Marco Alloni. Roma: Editora Aliberti, 2011) e Psiche e Techne. O homem na idade da tecnica (São Paulo: Paulus, 2005) (Nota da IHU On-Line).

Quem é Wilson Engelmann

Wilson Engelmann possui graduação, mestrado e doutorado em Direito pela Unisinos. Atualmente é professor na mesma universidade. Líder do Grupo de Pesquisa JUSNANO (CNPq/Unisinos), é ainda pesquisador do Latin American Nanotechnology & Society Network, no México. Organizou este ano o livro *Responsabilidade Civil e Nanotechologias* (São Paulo: Atlas, 2014) e é autor



das obras *Direito natural, ética e hermenêutica* (Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2007), *Para entender o princípio da igualdade* (São Leopoldo: Sinodal, 2008) e *Crítica ao positivismo jurídico: princípios, regras e o conceito de Direito* (Porto Alegre: Sérgio Antonio Fabris Editor, 2001).

Verde (Nota da IHU On-Line). 2 Umberto Galimberti: Italiano e professor titular de História da Filosofia e Psicologia Geral da Universidade de Veneza - Itália. É discípulo e tradutor das obras de Karl Jaspers e Heidegger, a quem dedicou três de suas obras, além de ser estudioso de Antropologia Filosófica e Psicologia Analítica. Atualmente, é

Ecos do Evento

"O modo como a nanotecnologia é aplicada, para mim, foi uma novidade. Eu acreditava que seu uso não era uma coisa tão cotidiana, mas pelo que ouvimos ela está mais presente do que nunca e falta regulamentação para isso. Busquei aqui reflexões filosóficas, orientadas na linha do pensamento, para abrir um pouco o Jeque de estudos." José Maria, estudante de especialização em Bioética





"Achei a palestra sensacional! Acho que é fundamental esse pioneirismo; ter a disciplina no direito se aprofundando nessas questões da tecnociência. O professor Wilson tem o mesmo interesse numa área que eu também tenho: a questão do humano e do pós-humano. O que está em jogo ai é o novo em direito, o novo direito. Vai ter que ser criado um direito para acompanhar essas novidades que estão acontecendo". Alexandre Quaresma, escritor e pesquisador de tecnologias e impactos sociais e ambientais

"Discordo da posição do professor de que os pesquisadores que fazem estudo com material para cosméticos. Segundo ele, não haveria problema porque são materiais biodegradáveis, então, não fazem mal pra saúde. Ele tentou generalizar o conceito que tais substâncias não são tóxicas, como se todo produto, pelo falo de ser solúvel, pelo falto da nanopartícula se desmanchar" Arline Arcuri, química, pesquisadora da Fundacentro





"O pensamento de Wilson é um desafio dentro do próprio meio, porque o Direito é uma área muito conservadora em tudo. A proposta que ele traz é transformadora dentro do Direito e quando você traz essa proposta em um setor que está acomodado e a sua perspectiva é de desacomodar, o retorno muitas vezes é incomodo." Tânia Elias Magno da Silva, Professora de mestrado e doutorado na Universidade Federal de Sergipe

Leia mais...

- *Nanotecnologias*, *o cuidado com o ser humano e o meio ambiente*, entrevista publicada na edição 372 da **IHU On-Line**, de 05-09-2011, disponível em http://bit.ly/ihuon372.
- *O ser humano como o limite das nanotecnologias*, entrevista publicada na edição 346 da **IHU On-Line**, de 04-10-2010, disponível em http://bit.ly/ihuon346.
- Wilson Engelmann, perfil publicado na edição 344 da IHU On-Line, de 21-09-2010, disponível em http://bit.ly/ihuon344.

Galeria de fotos





A experiência sensorial dos meios e o surgimento da tecnocultura

POR RICARDO MACHADO | FOTOS: LARISSA TASSINARI



Nas sociedades tecnocientíficas contemporâneas, falar de tecnocultura é falar de uma dimensão muito familiar a todos nós, mas para Marshal McLuhan,¹ que escreveu seu primeiro livro ainda na década de 1950, a questão não era tão clara

1 Herbert Marshall McLuhan (1911-1980): sociólogo canadense. Fez, em suas obras, uma crítica global de nossa cultura, apontando o fim da era do livro, com o domínio da comunicação audiovisual. Seus principais livros são A galáxia de Gutenberg (1962) e O meio é a mensagem (1967). Confira a edição 357 da IHU On-Line, de 11-04-2011, intitulada 100 anos de McLuhan: um teórico de vanguarda, disponível em http://bit.ly/oZJlrh. (Nota da IHU On-Line)

assim. Para traçar um perfil do pensamento vanguardista do teórico da comunicação canadense, a professora e pesquisadora da Universidade de São Paulo - USP Irene Machado apresentou a conferência "McLuhan, tecnocultura e midiatização no contexto das revoluções tecnológicas", na tarde da quarta-feira, 22-10-2014, na sala 1F 102, da Unisinos. O evento integrou a programação do XIV Simpósio Internacional IHU: Revoluções tecnocientíficas, culturas, indivíduos e sociedades. A modelagem da vida, do conhecimento e dos processos produtivos na tecnociência contemporânea,

promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos – IHU.

"McLuhan não viveu a tecnocultura como vivemos hoje, mas o preâmbulo dessa transformação de estar no mundo, de se relacionar e de se conhecer. Ele dizia que vivemos numa época de cibernetização da cultura", explica Irene. McLuhan havia compreendido que a eletricidade tinha promovido uma transformação radical da experiência humana com o mundo, mas não no sentido mais cartesiano do termo, ela tratava de outra dimensão, que era do ambiente de informação.

Ambiente de informação

"Ambiente de informação é uma outra forma de perceber a força da eletricidade nos processos de formação de cultura, mas não exatamente como uma descoberta da eletricidade; não se trata da eletricidade meramente como transmissão de impulsos elétricos, mas, do ponto de vista histórico, ela tem a finalidade de promover a comunicação", esclarece a professora.

Embrião da tecnocultura

Teoria da Informação e Cibernética são conceitos que começam a ser trabalhados em 1948, termos que surgem no pós-guerra e que estão, também, relacionados à quebra dos códigos de transmissão de dados e às tecnologias de comunicação, que serão, depois, impulsionadas pela Guerra Fria. Nesse contexto há um nome que é muito importante na vanguarda do pensamento tecnológico, Alan Turing.² "Ele [Turing] não foi somente um engenheiro que quebrou os códigos do nazismo, mas aquele que se indagou, talvez pela primeira vez, da possibilidade de as máquinas pensarem", aponta Irene.

Tecnocultura

Uma vez mais, durante sua conferência, a pesquisadora chamou atenção para o fato de que falar de tecnocultura não era algo simples na época de McLuhan. "Não era de tecnocultura que se falava, mas de cultura, e o de-

safio era, afinal de contas, como esses meios de comunicação se relacionam com o processo cultural", lembra. A conferencista ressaltou que a sociedade que vivemos atualmente não se constitui a partir de um movimento de ruptura, mas de constante movimentação. "Só vai fazer sentido falarmos de revolução se inserirmos essas transformações em um processo de mudança que vai ocorrendo de forma paulatina."

Transformação

"Se quiséssemos entender esse processo de mudança, era necessário incorporá-lo nos processos educativos. Trata-se sempre da importância dos meios tecnológicos em meios culturais ocupando sentido nos processos de comunicação. A partir do momento que esses meios são acolhidos como formas sociais históricas, levam-nos à compreensão de que cada um age dentro de seus espaços", explica.

Metodologia de pesquisa

De acordo com Irene, McLuhan não estava interessado em um trabalho de pesquisa dedutivo, mas indutivo, hipotético-poiético. "O método comparativo sugere que a linguagem icônica nos convida a uma relação mais aberta em relação à linguagem mais alfabética", exemplifica. "A Gestalt está na base da imagem que, depois, vai aparecer no cinema, no quadrinho e até mesmo na fotografia. Estamos diante de uma imagem que tem todo o seu processo de construção, mas que está submetida a outros processos de produção de níveis de sentido diferenciados", complementa.

Morfogênese das máquinas

O termo morfogênese em biologia está relacionado à modelagem dos organismos, como se constituem. Entretanto, ao pensar nessa perspectiva a partir da tecnocultura, é preciso resgatar o pensamento de Turing. "Ele foi o primeiro a falar sobre a morfogênese das máquinas. Nos meios tecnológicos, o conceito de linguagem não é o mesmo aplicado à linguagem humana, pois é preciso pensá-la como códigos dentro de um sistema de informação estabelecido para isso", ressalta. "Quando falamos em algoritmos não estamos falando em números, mas em um padrão. É nesse sentido que o conceito de linguagem é estudado. O conhecimento não se dá no contato com os objetos, mas da interpretação deles", sustenta.

Nova experiência

"A descida do homem à lua marcou muito o trabalho de McLuhan. A câmera apontando para a terra trouxe a reflexão: afinal estamos aqui ou lá? Isso os conduziu à noção de intervalo. É interessante porque essa perspectiva acaba prenunciando essa noção de mundo virtual que no final de contas é a mesma que McLuhan percebeu neste evento", esclarece a pesquisadora.

No fechamento de sua conferência, Irene frisou que, naquilo que convencionamos chamar de tecnocultura, é interessante pensarmos o reordenamento do campo da informação geopolítica, que passa a ser orientada pelos satélites. "Vivemos em um espaço fronteiriço, como uma espécie de processo complexo de mudança contínua que aumenta enormemente os poderes de percepção do homem", finaliza.

Quem é Irene Machado

Irene de Araújo Machado é graduada em Letras pela Universidade de São Paulo — USP. Realizou mestrado em Comunicação e Semiótica na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo — PUC-SP e doutorado no Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas — FFL-CH-USP. Atualmente é Professora Associada da Escola de Comunicações e Artes da USP. É autora, entre outras obras, de Vieses da comunicação: explorações de Marshall McLuhan (São Paulo: Anna-Blume, 2014), Semiótica da cultura e semiosfera (São Paulo: Anna-Blume, 2007) e Escola de semiótica: a experiência de Tártu-Moscou para o estudo da cultura (São Paulo: Ateliê Editorial, 2003).



² Alan Mathison Turing (1912-1954): matemático inglês. Idealizou a "máquina de Turing", antecessora dos computadores, capaz de calcular qualquer função matemática mediante um determinado conjunto de instruções (Nota do IHU On-Line)

Ecos do Evento

"Éu gostei de como a conferencista faz um apanhado histórico desde os primeiros contatos das sociedades com o computador e a questão da cibercultura e da midiatização. O que acrescentou na minha área foi compreender a midiatização do conhecimento através desses novos meios, e a questão da influência deles na nossa transmissão de conhecimento." Giovana Viana, mestranda em tecnologia aplicada à educação





"O autor McLuhan foi o primeiro autor internacional que eu entrei em contato na comunicação e o título da palestra já me chamou atenção. O tema em si foi o que me convidou para vir nessa palestra em especifico, mas o evento eu venho todos os anos, então é muito especial estar aqui." Adriane Roso, Professora de psicologia na Universidade Federal de Santa Maria

"Eu estou trabalhando dentro dessa área, no sentido de mundo globalizado, nesse conceito de Aldeia Global com os terceiros anos do ensino médio. Além disso, trabalhamos um pouco a história das comunicações, das tecnologias, a partir do McLuhan e alguns conceitos dele. Não trabalhei em um sentido de revoluções tecnocientificas, foi mais no sentido de todas essas mudanças que ocorrem atualmente." José Leon, professor de filosofia



Leia mais...

• 100 anos de McLuhan: um teórico de vanguarda. Edição 357 da IHU On-Line, de 11-04-2011, disponível em http://bit.ly/1DSEJeH.

Galeria de fotos





Tema de Capa

Destaques da Semana

IHU em Revista

Destaques On-Line

Confira as entrevistas do dia publicadas no sítio do IHU na semana de 20 a 24-10-2014.

Dois partidos, um modelo econômico: O desenvolvimento às avessas

Entrevista especial com Reinaldo Gonçalves, economista e professor da UFRJ Publicada em 20-10-2014

Acesse pelo link: http://bit.ly/ihu201014

Na "essência", pontua o economista Reinaldo Gonçalves, as mudanças na política econômica brasileira, com a reeleição de Dilma ou a eleição de Aécio no segundo turno das eleições presidenciais deste ano, serão somente de "aparência", porque o "Modelo Liberal Periférico" continuará sendo "aprofundado e ampliado qualquer que seja o resultado das eleições". Crítico do modelo econômico e político adotado no país nos últimos 20 anos, o economista salienta que "o argumento de que há dois modelos em disputa" nas propostas do PT e do PSDB, sendo, o primeiro, o "neodesenvolvimentismo" e, o segundo, o "neoliberalismo", "reflete ignorância, ilusão ou má-fé". E alfineta: "Esse argumento só serve aos grupos dirigentes do PT e do PSDB e seus aliados".

"O lulismo é a baliza desta eleição"

Entrevista especial com Bruno Lima Rocha, professor de jornalismo e doutor em Ciência Política

Publicada em 21-10-2014

Acesse pelo link: http://bit.ly/ihu211014

O resultado do primeiro turno das eleições presidenciais e o crescimento de Aécio Neves nas intenções de voto para o segundo turno são consequência, em parte, "de uma grande crise de projeto" que assola "as estruturas permanentes do movimento popular brasileiro", à medida que os movimentos sociais "não aderem plenamente

ao lulismo (pois este implica em pacto social) e tampouco rompem com o mesmo governo", avalia Bruno Lima Rocha. O professor esclarece ainda que PT, PSB e PC do B compõem o grupo do que denomina de "ex-esquerda" brasileira, porque abriram mão da luta de classes e abandonaram "bandeiras e grupos de alianças históricas. O PSB traiu seu aliado mais importante, e o PT fez o mesmo ao aproximar-se de oligarcas para ter maioria no Congresso".

Nanotecnologia e segurança do trabalho: impactos toxicológicos e psicológicos

Entrevista especial com Arline Arcuri, membro do Conselho Científico do Departamento Intersindical de Estudos e Pesquisas de Saúde e dos Ambientes – DIESAT Publicada em 22-10-2014

Acesse pelo link: http://bit.ly/ihu221014

O "segredo industrial" tem dificultado as pesquisas acerca dos impactos das nanotecnologias na saúde do trabalhador, informa Arline Arcuri. Pesquisadora da Fundacentro, instituição ligada ao Ministério do Trabalho, Arline menciona que é difícil saber quantas e quais empresas estão desenvolvendo produtos com nanopartículas no Brasil, porque há sigilo em torno das informações e ainda falta regulamentação na área. Ela comenta que "como há um investimento alto das indústrias, as empresas não querem divulgar a forma como estão produzindo produtos com nanotecnologia". Ela lembra também o fato de não existir "uma regulamentação no âmbito da Anvisa que exija que se coloque no registro do produto a forma como ele foi produzido: se existe nanopartícula disponibilizada no meio ambiente, ou se terá algum impacto na pele da pessoa, por exemplo", salienta.

"Dilma e Aécio são o 'Estado contra a sociedade'. Duas faces de um mesmo esgotamento"

Entrevista com Giuseppe Cocco, cientista político e professor titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Publicada em 23-10-2014

Acesse pelo link: http://bit.ly/ihu231014

O segundo turno das eleições presidenciais representa uma "situação bastante paradoxal", pois o PT e seu governismo "deram uma sobrevida ao candidato da direita (que por um bom momento aparecia como tendo sido eliminado do segundo turno)", avalia Giuseppe Cocco ao comentar que o "PT preferiu arriscar a vitória da direita para não ter que enfrentar Marina Silva no segundo turno". Para ele, "o medo governista de ter que enfrentar Marina Silva em paridade de condições traduz (ou é a tradução, pouco importa em qual direção o pensamos) as dificuldades do PT de realizar um debate pela 'esquerda' e a necessidade imperiosa que ele tem de produzir a qualquer custo o binarismo que lhe proporciona o candidato tucano". E finaliza: "Parafraseando Pierre Clastres, Dilma e Aécio são o 'Estado contra a sociedade', duas faces de um mesmo esgotamento".

A complexa teia hídrica que brota do Cerrado está ameaçada

Entrevista com Altair Sales Barbosa, antropólogo e arqueólogo, professor titular da Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Publicado em 24-10-2014

Acesse pelo link: http://bit.ly/ihu241014

O problema que gera as crises de abastecimento de água que afetam o estado de São Paulo "jamais será solucionado em sua totalidade", alerta o antropólogo Altair Sales Barbosa. Segundo ele, a dificuldade de solucionar tais crises está relacionada a outros dois fenômenos: "o primeiro é a estiagem prolongada provocada por fatores que independem da ação humana, como el Niño, por exemplo. O segundo é a vazão dos rios alimentadores das represas, que não ostentam mais a quantidade de água de tempos atrás. A consequência: com a normalização da precipitação pluviométrica depois de certo tempo (uns quatro anos), os níveis das represas podem atingir a plenitude. Entretanto, com o advento de outra estiagem cíclica, a situação voltará a se repetir"

LEIA OS CADERNOS IHU

NO SITE DO IHU

WWW.IHU.UNISINOS.BR

Dossiê Peirce

Quem foi Charles Peirce?



Legenda: Fonte: Wikimedia Commons

Nascido em Cambridge, na Inglaterra em 1839, Charles Sanders Peirce foi um filósofo, cientista e matemático. Cambridge, Massachusetts - lar das Universidades de Harvard e do MIT, o Instituto de Tecnologia de Massachusetts. Foi na Escola de Engenharia e Ciências Aplicadas de Harvard que ele graduou-se em Química, área em que atuou durante quase três décadas. Na mesma univer-

sidade conheceu William James, amigo e importante pensador construtivista – com quem romperia anos mais tarde devido à controvérsias envolvendo o pragmatismo. Filho de um influente astrônomo e matemático, Peirce guiou seu trabalho por estes ramos, trabalhando em diversos institutos e entidades de pesquisa até que em 1879 foi indicado como professor de Lógica na Johns Hopkins University.

Passou a refletir, então, sobre aquilo que viria ser a máxima pragmática - um princípio regulador de lógica, ou uma ferramenta de definição de conceitos. Foi ainda a partir desse lastro como um pesquisador das ciências e da epistemologia do conhecimento que reflete, especialmente, sobre a relação com o Signo — cuja teoria geral de ação é chamada Semiose. Peirce é tido como fundador da Semiótica americana, a partir da tríade "objeto, interpretante e representâmen".

Reconhecido como um dos mais importantes pensadores do século XIX, por nomes como Karl Popper e Bertrand Russel, Peirce faleceu aos 74 anos em 1914. Inspirado no centenário de sua morte, esta edição da IHU On-Line convidou pesquisadores da obra do pensador norte-americano que estiveram presentes no evento internacional em sua homenagem - o *The 2014 Charles S. Peirce International Centennial Congress* – para discutir a sua representatividade e atualidade até os dias de hoje.

O realismo peirceano contra a semiose infinita

Fernando Andacht afirma que a ideia da proliferação arbitrária de signos dialoga mais com o construtivismo de William James do que com o pragmaticismo de Peirce

POR ANDRIOLLI COSTA / TRADUÇÃO: ANDRÉ LANGER

Dedicado à semiótica desde 1987, especialmente à obra de Charles S. Peirce, Fernando Andacht ressalta: "o movimento fundamental de Peirce é afastar sua semiótica do psicologismo, não ignorar a psicologia". O psicologismo, no caso, seriam as interpretações calcadas no subjetivo e nas construções do real propostas por William James, que levava as projeções individuais a níveis muito além do concebido por Peirce.

"James descreve a relação com o real como algo inalcançável, já que só podemos observá-lo de "relance" (glimpse), e cada vez que acreditamos apreendê-lo (grasp it), o que temos é um pobre substituto que foi 'peptonizado' e cozinhado para o nosso consumo por um pensamento prévio", cita Andacht. Ou seja, não podemos acessar o real, nem minimamente, apenas digerir um substituto do real que nós mesmos concebemos. Deste modo, é possível dizer que a visão de James se aproxima de um construcionismo radical. Já a visão de Peirce "é a metodologia para

descrever o significado de conceitos complexos, em seu modelo semiótico e realista".

Nesta entrevista, concedida por e-mail à IHU On-Line, Andacht aborda os distanciamentos entre os conceitos de Faneron e Fenômeno, critica a conhecida "semiose infinita" – que se aproximaria mais do construcionismo de James, e reflete sobre a possível dureza em seu pragmaticismo.

Fernando Andacht é licenciado em Letras pela Universidade da República Oriental do Uruguai, com mestrado em Linguística Geral pela Universidade de Ohio e doutorado em Estudos Latino-Americanos pela Universidade de Bergen, Noruega. Seu pós-doutorado, em Comunicação e Informação, ocorreu na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atualmente é professor do Departamento de Comunicação da Universidade de Ottawa, no Canadá. É autor de El Reality Show — Una perspectiva analitica de la televisão (Buenos Aires: Grupo Norma, 2003).

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Peirce introduz o conceito de "Fâneron" para se distanciar do "Fenômeno" (como em Hegel¹ e Kant²) e o de "pragmaticismo" para se afastar do "pragmatismo" de William James³. Quais as peculiarida-

1 Friedrich Hegel (Georg Wilhelm Friedrich Hegel, 1770-1831): filósofo alemão idealista. Como Aristóteles e Santo Tomás de Aquino, tentou desenvolver um sistema filosófico no qual estivessem integradas todas as contribuições de seus principais predecessores. Sobre Hegel, confira no link http://bit.ly/ihuon217 a edicão 217 da IHU On-Line, de 30-04-2007, intitulada Fenomenologia do espírito, de Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1807-2007), em comemoração aos 200 anos de lançamento dessa obra. Veja ainda a edicão 261, de 09-06-2008, Carlos Roberto Velho Cirne-Lima. Um novo modo de ler Hegel, disponível em http://bit.ly/ihuon261, e Hegel. A tradução da história pela razão, edicão 430, disponível em http://bit.ly/

ihuon430. (Nota da IHU On-Line) 2 Immanuel Kant (1724-1804): filósofo prussiano, considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, representante do Iluminismo. Kant teve um grande impacto no romantismo alemão e nas filosofias idealistas do século XIX, as quais se tornaram um ponto de partida para Hegel. Kant estabeleceu uma distinção entre os fenômenos e a coisa-em-si (que chamou noumenon), isto é, entre o que nos aparece e o que existiria em si mesmo. A coisa-em-si não poderia, segundo Kant, ser objeto de conhecimento científico, como até então pretendera a metafísica clássica. A ciência se restringiria, assim, ao mundo dos fenômenos, e seria constituída pelas formas a priori da sensibilidade (espaço e tempo) e pelas categorias do entendimento. A IHU On-Line número 93, de 22-03-2004, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra do pensador com o título Kant: razão, liberdade e ética, disponível para download em http:// bit.ly/ihuon93. Também sobre Kant foi publicado o Cadernos IHU em formação número 2, intitulado Emmanuel Kant -Razão, liberdade, lógica e ética, que pode ser acessado em http://bit.ly/ ihuem02. Confira, ainda, a edição 417 da revista IHU On-Line, de 06-05-2013, intitulada A autonomia do sujeito, hoje. Imperativos e desafios, disponível em http://bit.ly/ihuon417. (Nota da IHU On-Line)

a William James (1842-1910): teólogo, filósofo e psicólogo norte-americano. Ao lado de Charles Peirce foi um dos fundadores do pragmatismo. Escreveu livros sobre a ciência da psicologia, religião, misticismo e filosofia do pragmatismo. Sua primeira obra foi sobre a aplicação do funcionalismo à psicologia, intitulado *Princípios de psicologia (1980)*. Ao questionar a existência de Deus, a imortalidade da alma e o livre-arbítrio, ele publicou o livro *A vontade de crer e outros ensaios sobre filosofia popular (1897)*. (Nota da IHU On-Line)

des do pensamento peirceano que o levavam a esta distinção?

Fernando Andacht - Creio que o movimento fundamental de Peirce é afastar sua semiótica do psicologismo, não ignorar a psicologia, ciência que muitas vezes ele cita e comenta, mas fundar o estudo do sentido, da geracão de significado na lógica. Para isso lhe é necessário postular um estudo da experiência que, segundo a faneroscopia, pode ser analisada em três, e não mais que três, "valências" como às vezes as chama; não se deve esquecer a formação em química de Peirce em seus tempos de juventude - ou categorias universais das quais estaria composta toda experiência possível, a saber: a qualidade, o fato e a generalidade ou a lei.

Com respeito às suas críticas ao pensamento de seu amigo William James, encontrei um texto em particular, que não cita Peirce, onde se pode ler, na minha opinião, claramente a discrepância entre ambos. Trata-se de um fragmento das conferências de James entre 1906 e 1907 para um público geral, que foram publicadas depois em seu livro Pragmatism. A New Name for Some Old Ways of Thinking. Na 6ª Conferência, intitulada "Pragmatism and Humanism", James descreve a relação com o real como algo inalcançável, já que só podemos observá-lo de "relance" (glimpse), e cada vez que acreditamos apreendê--lo (grasp it), o que temos é um pobre substituto que foi "peptonizado e cozinhado para o nosso consumo por um pensamento prévio". Assim, a mediação não cumprirá, como vemos no pensamento peirceano, a tarefa vital de revelar de modo falível e crescente algo da realidade, mas que impossibilitaria essa tarefa. A visão de James me parece ser próxima do que atualmente encontramos no construcionismo radical, e a de Peirce, seu pragmaticismo, é a metodologia para descrever o significado de conceitos complexos, em seu modelo semiótico e realista.

IHU On-Line – Em que consiste pensar em uma semiose infinita? Por que esta perspectiva se afasta da compreensão de semiose proposta por Peirce?

Fernando Andacht - Em geral, desde Umberto Eco4, passando por Jacques Derrida⁵, encontrei que a ênfase muito grande posta nesta noção afasta-se do realismo semiótico de Peirce e se aproxima de um idealismo ou construcionismo, como mencionava na resposta anterior. Embora seja certo que Peirce fez afirmações como "os símbolos crescem", e há uma tendência ao aumento da complexidade nos signos dentro desse processo chamado semiose, é importante não esquecer a ancoragem na realidade, descrito pela categoria de Segurança, o real como "ataque do exterior" (outwardclash), e no Peirce da maturidade, a relevância da sua recuperação da noção escolástica (Duns Scotus⁶) de "hecceidade⁷" o aqui e agora do

5 Jacques Derrida (1930-2004): filósofo francês, criador do método chamado desconstrução. Seu trabalho é associado, com frequência, ao pós-estruturalismo e ao pós-modernismo. Entre as principais influências de Derrida encontram-se Sigmund Freud e Martin Heidegger. Entre sua extensa produção, figuram os livros Gramatologia (São Paulo: Perspectiva, 1973), A farmácia de Platão (São Paulo: Iluminuras, 1994), O animal que logo sou (São Paulo: UNESP, 2002), Papel-máquina (São Paulo: Estação Liberdade, 2004) e Força de lei (São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007). Dedicamos a Derrida a editoria Memória da IHU On-Line nº 119, de 18-10-2004, disponível em http://bit. ly/ihuon119. (Nota da IHU On-Line)

à Ordem dos Franciscanos. Estudou nas Universidades de Oxford e Paris. Foi mestre em teologia nessas duas universidades, assim como em Cambridge e Colônia. Diverge das doutrinas platônica e aristotélica, no que se refere à valorização do indivíduo, tanto do ponto de vista metafísico, ao estabelecer a inteligibilidade como uma propriedade do singular, quanto do ponto de vista ético, ao defender o livre-arbítrio. Suas principais obras são a *Opus parisiensis* e a *Opus oxoniensis*, também conhecida como *Ordinatio*. (Nota da IHU On-line)

7 Hecceidade: no pensamento de John Duns Scotus, o caráter particular, indivi-

⁴ Umberto Eco (1932): autor italiano mundialmente reputado por diversos ensaios universitários sobre semiótica, estética medieval, comunicação de massa, linguística e filosofia, dentre os quais destacam-se Apocalípticos e Integrados, A estrutura ausente e Kant e o ornitorrinco. Tornou-se famoso pelos seus romances, sobretudo O nome da rosa, adaptado para o cinema. A ilha do dia anterior; Baudolino e A misteriosa chama da Rainha Loana são outras de suas obras. (Nota da IHU On-Line)

real que faz parte da tríade semiótica: Objeto Dinâmico — o real tal como é fora de qualquer representação — o representamen ou signo, e o interpretante. Esse toque do real, do que resiste, salva a semiótica peirceana do idealismo e da proliferação arbitrária de signos. O crescimento do sentido não é arbitrário, mas tem a determinação do real e é regulado pelas tendências, pela transformação do simbólico em hábitos semióticos.

IHU On-Line – Pode-se compreender a semiótica de Peirce como uma teoria estruturalista? Se sim, como ela seria capaz de dar contas das múltiplas complexidades do século XXI?

Fernando Andacht – Não penso que se possa chamar ou descrever adequadamente este modelo triádico de estruturalista. Se pensamos somente na linguística que se desenvolve na segunda metade do século XX a partir de algumas ideias seminais do Curso de Linguística Geral de Ferdinand de Saussure (São Paulo: Cultrix, 2006)8, já percebemos um elemento fundamental que se encontra instalado no núcleo do modelo triádico e que não faz parte das noções básicas estruturalistas: o tempo. A maior contribuição, na minha opinião, do signo triádico é que a temporalidade, a geração do signo interpretante como um desenvolvimento do objeto representado através de um signo, ou representamen, opera a partir de dentro do sistema. No caso saussureano, a diacronia, por exemplo, é algo agregado, um elemento externo às definições básicas da semiologia de caráter estruturalista. Por esse motivo, creio, a teoria semiótica peirceana está sendo usada por áreas científicas tão diversas como a biologia e a inteligência artificial, seu poder de explicação - a

dual, único de um ente, que o distingue de todos os outros. (Nota da IHU On-Line) 8 Ferdinand de Saussure (1857-1913): linguista suíço, cujas elaborações teóricas propiciaram o desenvolvimento da linguística enquanto ciência e desencadearam o surgimento do estruturalismo. Além disso, o pensamento de Saussure estimulou muitos dos questionamentos que comparecem na linguística do século XX. (Nota da IHU On-Line)

geração autônoma e teleológica do sentido – possui a generalidade suficiente para ser aplicada ao campo das humanidades e das ciências naturais.

IHU On-Line – Compreendendo a relação entre mente e matéria, qual o papel ocupado pela imaginação na agência do sujeito?

Fernando Andacht - Outra virtude do pragmatismo ou pragmaticismo, como Peirce o rebatizou, é sua afinidade com a imaginação humana. Há um trabalho muito interessante de Thomas M. Alexander⁹ (1990) intitulado "Pragmatic Imagination", onde assinala como distintivo dessa corrente de pensamento norte-americana - nela inclui além de Peirce, James e Dewey¹⁰ - a importância que possui a imaginação humana. Em meus próprios trabalhos tentei refletir sobre a relevância muito grande de um conceito pouco discutido na obra semiótica de Peirce, o "fundamento (ground)", e sua relação com a categoria fenomenológica ou faneroscópica de Primeiridade. Trata-se do possibilismo que nos permite visualizar alternativas, caminhos diferentes que, caso prosperem, introduzem algo novo nas tendências ou formas regulares de compreender o mundo e a nós mesmos nele. Em um texto publicado em espanhol na Utopía y Praxis Latinoamericana 13 (40):39-65, intitulado Self y Creatividad en el Pragmatismo de C.S. Peirce: "La Incidencia del Instante Presente en la Conducta"11, pretendo explicar o trabalho imaginativo que representa uma mudança radical do modo como um ser humano se concebe a si mesmo e o seu comportamento no mundo, usando para isso como exemplo o premiado filme alemão *Das Leben der Anderen* (A vida dos outros, 2006).

IHU On-Line – Em Pierce, qual a relação entre o Self e o processo de semiose?

Fernando Andacht - Esta pergunta é muito complexa, mas posso remeter o leitor interessado no tema a vários artigos que publiquei junto com uma colega psicóloga e semiótica, Mariela Michel, onde estamos procurando desenvolver uma convergência entre as atuais teorias dialógicas do self (Hermans¹², Valsiner¹³) e as teorias do self semiótico. Esta última surge a partir da publicação do que é um verdadeiro clássico na bibliografia peirceana, a monografia de Vincent Colapietro, Peirce's approach to the self (1989). Nela, o autor recolhe, organiza e comenta passagens da obra publicada e inédita do semiótico norte-americano relativa ao self, à identidade humana. Entre as publicações feitas com Michel quisera destacar as seguintes: "Asemiotic reflection on Self-Interpretation and Identity", Theory and Psychology, 15 (1):51-75 (2005); "El turista accidental: el cine como ensavo icónico-simbólico sobre la identidad humana". In: Colección de Semiótica Latinoamericana. Semióticas del cine, pp. 23-40, 2007; "La Representación de la Identidad como Proceso Semiótico en Peirce" (Revista Designis, No.15: 91-100, 2010); "Passos para uma convergência de duas teorias dialógicas do self" (2014, a ser publicado na Revista Psicologia USP).

Se tivesse que condensar em poucas linhas o que aprendi trabalhando com a minha colega durante estes já quase 10 anos no tema self/identidade semiótica, é que uma valiosíssima contribuição da metafísica de Peirce é sua doutrina da conti-

⁹ Thomas M. Alexander: filósofo especialista em filosofia clássica americana, estética e metafísica. Atualmente é professor do Departamento de Filosofia da Southern Illinois University. (Nota da IHU

¹⁰ John Dewey (1859-1952): filósofo e pedagogo norte-americano. É reconhecido como um dos fundadores da escola filosófica de pragmatismo (juntamente com Charles Sanders Peirce e William James), um pioneiro em psicologia funcional, e representante principal do movimento da educação progressiva norte-americana durante a primeira metade do século XX. (Nota da IHU On-Line)

¹¹ Acesse o artigo em http://bit.ly/andacht2008. (Nota do entrevistado)

¹² Hubert J. M. Hermans: psicólogo holandês e professor aposentado da Catholic University of Nijmegen. É conhecido pela criação da teoria do self dialógico. (Nota da IHU On-Line)

¹³ Jaan Valsiner: professor do departamento de Psicologia da Clark University, em Massachusetts. Graduou-se na Estônia, na Universidade de Tartu e veio aos Estados Unidos na década de 1990. (Nota da IHU On-Line)

nuidade lógica ou sinequismo: esta consiste em uma forte crítica ao dualismo, essa forma de analisar as coisas que acaba por obter duas partes não relacionadas que explicam muito pouco do fenômeno considerado. Em vez disto, o sineguismo relacionado, por exemplo, ao problema do self nos diz que há uma continuidade entre os signos usados pelos humanos e sua identidade, como explica fantasticamente esse aforismo de Peirce tão citado: "assim como afirmamos que um corpo está em movimento, e não que o movimento está em um corpo, do mesmo modo, devemos dizer que nós estamos no pensamento, e não que os pensamentos estão em nós" (CP 5.289, 1868). O mesmo conceito expressa o lógico em uma referência um pouco menos conhecida na qual se vale de uma bela metáfora para expressar a continuidade ou o sinequismo entre o mundo representado por nossos signos ou os signos da natureza, e o mundo assim como é, fora dos nossos signos: "(...) tudo o que está presente a nós é uma manifestação fenomênica de nós mesmos. Isso não impede que seja também um fenômeno de algo fora de nós, assim como o arco-íris é ao mesmo tempo uma manifestação do sol e da chuva. Quando pensamos, então, nós mesmos, como somos naquele momento, aparecemos como signo" (CP 5.283, 1868).

IHU On-Line – De que formas a identidade do ser humano pode ser considerada ela própria um signo, e como a consciência deste processo pode nos levar ao reconhecimento de nós mesmos a partir do outro?

Fernando Andacht – Novamente, penso que a pergunta é muito complexa para uma entrevista e exigiria um desenvolvimento muito mais extenso, digamos um artigo inteiro. Mas posso adiantar, desenvolvendo uma proposta de Norbert Wiley¹⁴ – O Self Semiótico (Chicago: University of

Chicago Press, 1995), que se podemos diferenciar entre as identidades concretas, localizadas espacial e temporalmente como interpretações históricas de nós mesmos, o que a psicologia chamou tradicionalmente de papéis. por um lado, e, por outro, o self concebido como o processo de autointerpretação de nós mesmos que surge ao longo do tempo, enquanto estamos vivos, isto nos permite entender as possibilidades humanas abertas embora constrangidas por essas identidades com as quais nos movemos pelo mundo: sempre está disponível um possibilismo que nos abre à mudança, ao devir, embora a vida com os outros exija de nós que nos apresentemos de alguma maneira, com certa atitude, ideologia, etc. As categorias peirceanas da experiência nos permitem investigar de modo producente a dialética entre as nossas identidades e o self.

IHU On-Line – De onde emergem os processos de desumanização que levam à incapacidade de identificação de um *self semiótico* com o outro?

Fernando Andacht - No filme alemão já mencionado, A vida dos outros (Título Original: Das Leben der Anderen - Florian Henckel von Donnersmarck, 2006), o argumento apresentado é justamente a existência de um regime político, social e cultural onde há muito pouca margem, ao menos no espaço público e social, para a espontaneidade, para esse desenvolvimento que Peirce descreve de modo poético como o 'musement', uma derrapagem imaginativa que nos habilita a nos sonharmos diferentes e, eventualmente, a sermos diferentes do que somos em um dado momento das nossas vidas. Não há nada mais desumanizante, entendo, que um sistema político, cultural ou social onde haja uma hegemonia ou tirania da Terceiridade, a categoria da regra, do geral, uma senda fechada, à qual todos devem se adequar e ajustar em todos os aspectos da sua vida, sob o risco de serem condenados e castigados por exercerem a imaginação que, fatalmente, nos leva para fora desse estreito caminho predetermi-

nado. As distopias reais ou ficcionais, como aquela descrita por George Orwell¹⁵ em sua novela 1984, têm em comum a supressão implacável do possibilismo no âmbito humano, e essa decisão nos condena à região escura da lei sem saída. Também existe a vergonhosa prática de determinar que certas manifestações do humano uma raça, uma religião – não são merecedoras de estima, do respeito básico que se deve a todo ser humano por ser dessa condição. Neste caso, reprime-se parte da Secundidade, decretando de modo despótico e iniusto que cai fora do que esse estado considera normal ou admirável, e o faz mediante uma espécie de inflação ou deformação da Terceiridade, uma lei tão cruel e inexorável como a que é descrita por Franz Kafka no magistral relato "Diante da lei". Em síntese, a ruptura do equilíbrio instável e vital entre o possibilismo libérrimo da Primeiridade, a contingência fática da Secundidade, disso que simplesmente existe aí, em um momento e lugar dados, e a regularidade tendencial ou probabilista da Terceiridade acarreta entre muitas consequências funestas a desumanização, a supressão coletiva da capacidade imaginativa humana, que, evidentemente, segue existindo, mas nas sombras, escondida no mundo privado, onde aguarda o momento oportuno para irromper novamente à luz do intercâmbio humano, da livre conversação da humanidade (Oakeshott¹⁶).

¹⁴ Norbert Wiley: é professor emérito de sociologia na Universidade de Illinois, Urbana-Champaign, Illinois, e foi Visiting Scholar na Universidade da Califórnia, em Berkley. Ele é sociólogo premiado que publicou em ambos a história e sistemática da teoria. (Nota da IHU On-Line)

¹⁵ George Orwell [Eric Arthur Blair] (1903-1950): escritor e jornalista inglês. Sua obra é marcada por uma inteligência perspicaz e bem-humorada, uma consciência profunda das injustiças sociais, uma intensa oposição ao totalitarismo e uma paixão pela clareza da escrita. Apontado como simpatizante da proposta anarquista, o escritor faz uma defesa da auto-gestão ou autonomismo. A sua crenca no socialismo democrático foi abalada pelo "socialismo real" que ele denunciou em Animal Farm. Considerado talvez o melhor cronista da cultura inglesa do século XX, Orwell se dedicou a escrever ficção, artigos jornalísticos polêmicos, crítica literária e poesia. (Nota da IHU On-Line)

¹⁶ Michael Oakeshott (1901-1990): filósofo inglês e cientista político. É um conhecido pensador conservador do século XX. (Nota da IHU On-Line)

Semiose e Vida

"Os processos vitais são essencialmente semióticos. Não só a semiose acontece em toda a biosfera, como parece ser uma condição para o fenômeno da vida", afirma Anderson Vinícius Romanini

POR ANDRIOLLI COSTA

centralidade do pensamento peirceano está no conceito de signo. A semiose, sua teoria geral, é um processo dinâmico de representação e interpretação. No entanto, qual seria o papel ocupado pelo ser humano nesta estrutura lógica? Para o pesquisador Anderson Vinícius Romanini, a semiótica peirceana nada tem de antropocêntrica. "Ela parte de um realismo extremo que coloca a semiose como fonte central, e a antropossemiose como uma de suas vertentes."

Onde houver representação e interpretação, haverá semiose. Isso implica dizer que os processos vitais são essencialmente semióticos. "Não só a semiose acontece em toda a biosfera, como parece ser uma condição para o fenômeno da vida", explica ele. Cada vez que um ser vivo precisa identificar no ambiente aquilo que irá tomar como alimento, aquele com quem vai se relacionar sexualmente, aqueles que podem predar ou serem predados, estão formulando informações, que dependem de uma fenomenologia específica para cada espécie. "Podemos então dizer que onde há vida, há certamente semiose", afirma.

Nesta entrevista, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Romanini aborda ainda a compreensão da pessoa humana na filosofia peirceana, suas visões metafísicas do real e a apropriação da obra de Peirce pelos pensadores contemporâneos da área da Comunicação.

Anderson Vinícius Romanini possui graduação, mestrado e doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo – USP. Atualmente é professor doutor da USP nas disciplinas de Filosofia da Comunicação, Teoria da Comunicação (ECA) e Teorias do Signo (FAU).

Romanini é membro do Comitê Consultivo Internacional da Sociedade Charles S. Peirce, bem como do periódico *Transactions of the Charles S. Peirce Society*. É também editor científico da revista *Semeiosis – Semiótica e Transdisciplinaridade em Revista* e diretor de assuntos internacionais do Centro Internacional de Estudos Peirceanos da PUC-SP. Foi organizador, junto com Eliseo Fernandez, do livro *Peirce and Biosemiotics: a Guess at the Riddle of Life* (Heidelberg: Springer, 2013).

Confira a entrevista.

IHU On-Line – É correto pensar que nossa capacidade de lidar com signos é o que nos diferencia dos outros animais? Ou a semiose, de alguma maneira, também se manifesta em seres não humanos?

Anderson Vinícius Romanini – A palavra semiose quer dizer "ação do signo", ou seja, um processo dinâmico de representação e interpretação em geral. Onde houver representação e interpretação, haverá semiose. Como campo disciplinar, a semiótica não restringe seu objeto de estudo à cultura humana. Devemos entendê-la como uma lógica da significação e, portanto, independente de qualquer restrição quanto a classe, espécie, gênero ou qualquer outro tipo. Na ver-

dade, parece-nos cada vez mais claro que os processos vitais são essencialmente semióticos. Não só a semiose acontece em toda a biosfera, como parece ser uma condição para o fenômeno da vida.

Todo ser vivo precisa fazer distinções no ambiente para selecionar alimento, identificar eventuais parceiros sexuais ou predadores, etc. Essas distinções, que são informações, dependem de uma fenomenologia específica para cada espécie. Por exemplo, a mesma frequência luminosa emitida por uma flor pode significar "fonte de alimento" para uma espécie de inseto e "perigo de morte" para uma espécie de mamífero. Há representações e interpretações distintas, o que revela

semioses diferentes e, sempre, muito complexas, porque essas relações formam uma espécie de rede contínua de significados. Mesmo na esfera intracelular os processos vitais envolvem informação e significação. Podemos então dizer que onde há vida, há certamente semiose.

O debate aberto é sobre a realidade da semiose para processos naturais chamados de químicos e físicos. Minha posição é a de um realista extremo, que aceita a semiose como ontologicamente presente no real. Isso implicaria que nada é real fora de processos de significação, e que os signos não são criações da mente humana, mas ao contrário: as mentes humanas é que são o resultado da semiose. Essa concepção de semiose nega a psicologia como ciência que estuda a mente porque a mente é considerada um processo lógico. Ao mesmo tempo, encampa um psiquismo radical ao considerar que todo o universo pode ser a manifestação de processos análogos à mente.

IHU On-Line – Peirce ressalta que todo pensamento é um signo, assim como o próprio Homem. O que representa esta visão para a compreensão da pessoa humana em sua filosofia?

Anderson Vinícius Romanini -Peirce estava enfatizando que os signos têm uma realidade muito mais ampla do que a capacidade da mente humana de representá-los. Nós participamos de uma semiose universal. contribuímos com o crescimento e reprodução dos signos em direção ao que Peirce chamou de "razoabilidade concreta" - uma teia de significações que constitui o real. O tipo de signo mais favorável a esse crescimento é o símbolo, porque todo símbolo incorpora uma espécie de hábito, uma capacidade de representar ideias gerais e de determinar certos tipos de efeitos no futuro.

As crenças de um homem são os hábitos mentais que determinam suas atitudes no dia a dia. Elas são a encarnação de certas ideias, e a disposição que um homem tem em agir de acordo com essas ideias determina sua personalidade. O homem, assim como uma comunidade de pessoas, são essencialmente símbolos em crescimento e capazes de compartilhar um futuro comum na medida em que agem coordenadamente para atingir certos propósitos. Essa concepção enfatiza uma epistemologia social, fundada num senso comum que brota da experiência vivida por uma comunidade historicamente situada, com seus preconceitos e limitações. É o oposto do individualismo liberal, do gênio criador romântico, da filosofia racional.

A pessoa humana é o resultado de uma rede de relações entre seus pares e com os sentimentos que brotam da experiência, de seus instintos, de suas crenças e, se ele for capaz de controlar sua razão, das escolhas que faz conscientemente de forma a determinar, até certo ponto, seu futuro.

IHU On-Line – Até que ponto a semiótica peirceana é antropocêntrica?

Anderson Vinícius Romanini - A semiótica peirceana não é antropocêntrica, ao contrário. Ela parte de um realismo extremo que coloca a semiose como fonte central, e a antropossemiose como uma de suas vertentes. Ao mesmo tempo, Peirce admite que todo estudo da semiose realizada por mentes humanas terá necessariamente uma visão antropocêntrica. Há uma tensão aqui, que pode ser muito construtiva se a colocarmos no primeiro plano de nossas ciências normativas. como a estética, a ética e a lógica. Ela nos obriga a uma humildade epistemológica, como já havia exortado Kant. A diferença entre a filosofia peirceana e o transcendentalismo kantiano é que Peirce nos convida a sonhar sobre a possibilidade de uma ecossemiose universal, em que nossos juízos sintéticos a priori são explicados como uma faculdade intimamente ligada aos processos criativos da natureza, de onde brotam a própria vida e a inteligência. Ele abre uma janela para mundos possíveis, para outras formas de vida e de inteligência para além das que nossa epistemologia antropocêntrica é capaz de imaginar.

IHU On-Line – No início do século XX, a semiótica era tida como uma ciência normativa. Isto reflete certa arbitrariedade em sua proposta? O que mudou com o tempo?

Anderson Vinícius Romanini - A semiótica é uma lógica universal e, portanto, faz parte das ciências normativas que também incluem a estética e a ética. Não há arbitrariedade na definição de "normativo", apenas a explicitação de que são ciências que determinam suas próprias condições de desenvolvimento. A norma da estética é uma ideia que se apresenta como qualidade integradora de uma multiplicidade de sensações - e, portanto, aceita irresistivelmente como admirável por nossas mentes. A ética nada mais é do que o desdobramento da aceitação de uma ideia como admirável, isto é, nossas ações no mundo tendem a ser normatizadas por certos preceitos que, em última instância, se mostram em harmonia com o que aceitamos como admirável. A lógica, por fim, como semiótica geral, é uma parte da ética que reflete sobre como nossas ideias dão origem aos hábitos mentais que fundamentam nossas crenças, como podemos criticar esses hábitos medindo as consequências gerais de sua aceitação ou negação e como podemos colocálas em confronto e diálogo com outras ideias compartilhadas pela comunidade da qual participamos de forma a criar conceitos cada vez mais gerais e verdadeiros.

IHU On-Line – De que modo a lógica triádica de Peirce colabora para ir além de um pensamento dicotômico instaurado pela lógica da modernidade?

Anderson Vinícius Romanini — Peirce iniciou seus estudos com enorme apreço à filosofia de Kant¹ e dura crítica à epistemologia cartesiana. Em Kant, Peirce apreciava a síntese entre o empirismo e o racionalismo que permitia recolocar a experiência no centro do processo de conhecimento. Na sua crítica a Descartes², Peirce recusava o "co-

1 Immanuel Kant (1724-1804): filósofo prussiano, considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, representante do Iluminismo. Kant teve um grande impacto no romantismo alemão e nas filosofias idealistas do século XIX, as quais se tornaram um ponto de partida para Hegel. Kant estabeleceu uma distinção entre os fenômenos e a coisa-em-si (que chamou noumenon), isto é, entre o que nos aparece e o que existiria em si mesmo. A coisa-em-si não poderia, segundo Kant, ser objeto de conhecimento científico, como até então pretendera a metafísica clássica. A ciência se restringiria, assim, ao mundo dos fenômenos, e seria constituída pelas formas a priori da sensibilidade (espaço e tempo) e pelas categorias do entendimento. A IHU On-Line número 93, de 22-03-2004, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra do pensador com o título Kant: razão, liberdade e ética, disponível para download em http://bit.ly/ ihuon93. Também sobre Kant foi publicado o Cadernos IHU em formação número 2, intitulado Emmanuel Kant - Razão, liberdade, lógica e ética, que pode ser acessado em http://bit.ly/ihuem02. Confira, ainda, a edição 417 da revista IHU On-Line, de 06-05-2013, intitulada A autonomia do sujeito, hoje. Imperativos e desafios, disponível em http://bit.ly/ ihuon417. (Nota da IHU On-Line)

2 René Descartes (1596-1650): filósofo, físico e matemático francês. Notabilizouse sobretudo pelo seu trabalho revolucionário da Filosofia, tendo também sido famoso por ser o inventor do sistema de coordenadas cartesiano, que influenciou o desenvolvimento do cálculo moderno. Descartes, por vezes chamado o fundador da filosofia e matemática modernas, inspirou os seus contemporâneos e gerações de filósofos. Na opinião de alguns comentadores, ele iniciou a formação daquilo

gito" justamente por considerá-lo resultado de uma dúvida artificial, distante dos problemas reais. A originalidade da proposta peirceana é justamente a lógica da relação, onde o signo se coloca como um meio entre o objeto do conhecimento e as consequências da aceitação de uma crença. Como toda relação é contínua, a lógica peirceana não aceita dicotomias que levem a cortes secos entre sujeito e objeto, verdade e falsidade, corpo e espírito. O princípio epistemológico fundamental da filosofia de Peirce é o da continuidade falível, do desenvolvimento que cria complexidade, da inter-relação entre qualidades, existentes e gerais para produzir semioses cada vez mais complexas. A verdade é algo que se manifestaria num futuro condicional - e a condição é a de que houvesse uma comunidade ideal, com tempo ideal e recursos ideais para compreender toda a realidade. Como essas condições são inexistentes em qualquer momento histórico definido, elas permanecem como condição normativa, mas jamais realizada.

IHU On-Line – Em que consistem as visões metafísicas de Peirce (tiquismo, sinequismo e agapismo) e como elas se relacionam com uma epistemologia da complexidade?

Anderson Vinícius Romanini – A exemplo de Aristóteles e Kant, Peirce ergueu sua arquitetura filosófica a partir de um conjunto de três categorias simples. No seu caso, elas são apenas três: a originalidade (qualidades puras), a existência (reação e choque despropositados) e a continuidade (ideias gerais que se desenvolvem num sentido).

Quando formuladas filosoficamente, essas três categorias dão origem a três doutrinas fundamentais: o tiquismo (palavra que nasce do grego "tiche" = acaso), que explica a originalidade presente em todos os processos de semiose e que os tornam irreversíveis e irrepetíveis; o sinequismo (palavra que remete a "sineche" = contínuo), que explica o papel das causas finais, do propósito e da tendência à generalidade que se manifesta em todo o universo. O agapismo (do grego

"ágape" = amor fraterno) é a doutrina que explica justamente como uma existência de choques inconsequentes (caótica) se transforma numa classe mais geral e animada por significações.

Sem esse princípio não haveria vida, inteligência nem a ação conservativa de certas leis naturais que permitem a informação e o crescimento da razoabilidade mesmo num ambiente em constante degradação e dissolução da ordem. Nesse sentido, a filosofia peirceana antecipa importantes ideias da cosmologia contemporânea, como a da evolução das leis naturais a partir de um caos (no sentido grego de Kaos e não no da física atual de caos determinista), a do aumento de complexidade em sistemas dinâmicos sensíveis às condições iniciais (dadas na experiência, no aqui e agora – hic et nunc) e a da evolução biológica que não aceita a seleção natural como o único princípio ativo, mas abre espaço para a causação final.

IHU On-Line – Para Peirce, o amor "ágape" era condição de lei cósmica evolutiva. E apenas a partir do amor seria possível construir uma ciência voltada para o homem. De que modo tais considerações, especialmente vindas de um químico por formação, abrem as ciências "duras" para o diálogo dos afetos?

Anderson Vinícius Romanini - A lógica das relações desenvolvida por Peirce tem inspiração na química. As valências dos elementos guímicos são a naturalização do princípio das afinidades, em que certas relações se mostram reais embora habitem no tempo gramatical do condicional futuro, das probabilidades, das potencialidades. Ou seja: se e quando dois ou mais elementos reagirem, certa resultante se daria na forma de uma nova substância. Essa regularidade in futuro, mas dependente de uma reação marcada pela irreversibilidade é um bom exemplo de causação final. A mesma lógica das relações aplicada ao conhecimento leva a uma compreensão de que o individualismo é intrinsicamente mau, porque a verdade é que somos a resultante das experiências vividas no seio de uma comunidade que compartilha certas crenças – ou seja, estamos imersos no senso comum de nossa época, e nossas concepções, inclusive nossa identidade, são o resultado de uma multitude complexa de sentimentos socialmente vividos e condivididos. A estética que brota da experiência socialmente vivida é o fundamento de nossas ações éticas e, em última análise, também de nossas crencas falíveis.

IHU On-Line – De que maneira Habermas³ e outros pensadores contemporâneos se apropriam de Pierce para pensar a comunicação?

Anderson Vinícius Romanini - Há muita influência de Peirce no pensamento habermasiano, mas não naquilo que Peirce tem de mais interessante e original: sua cosmologia e seu sinequismo agapista. Habermas prefere capturar de Peirce a noção de verdade como o resultante da ação comunicativa numa comunidade (a esfera pública), dadas certas condições normativas como o princípio da sociabilidade do saber (a esfera da linguagem que ele, porém, reduz erroneamente ao do simbólico), em oposição a uma racionalidade técnica que desconsidera justamente a epistemologia afetiva defendida por Peirce. Habermas parece aceitar o realismo peirceano em que a realidade é definida como aquilo que se revelaria como verdadeiro ao final da ação comunicativa regulada por condições estritas que Peirce generaliza como o método científico: falibilismo, senso comum submetido à crítica e socialibilização por meio da linguagem. No entanto, o pensamento de Habermas se mantém excessivamente racional e vinculado a uma visão datada de democracia ocidental (um apego que é ao mesmo tempo ético e racional), o que é uma falha fatal diante da filosofia peirceana em que a estética é livre e mais fundamental do que a ética e a lógica. A sensibilidade criativa é para Peirce mais importante do que a manutenção de qualquer tipo de regime político.

a que hoje se chama de racionalismo continental (supostamente em oposição à escola que predominava nas ilhas britânicas, o empirismo), posição filosófica dos séculos XVII e XVIII na Europa. (Nota da IHU On-Line)

³ Jürgen Habermas (1929): filósofo alemão, principal estudioso da segunda geração da Escola de Frankfurt. Herdando as discussões da Escola de Frankfurt, Habermas aponta a ação comunicativa como superação da razão iluminista transformada num novo mito, o qual encobre a dominação burguesa (razão instrumental). Para ele, logos deve construir-se pela troca ideias, opiniões e informações entre os sujeitos históricos, estabelecendo-se o diálogo. Seus estudos voltam-se para o conhecimento e a ética. (Nota da IHU On-Line)

Classificar borboletas? O signo e a relação na obra de Charles S. Peirce

A pesquisadora Priscila Borges aborda a importância da compreensão complexa dos processos semióticos em relação para que a análise não se limite à catalogação de signos

POR ANDRIOLLI COSTA

Teoria Geral dos Signos, de Peirce também conhecida como semiótica - estabelece como fundamento a relação triádica entre Signo, Objeto e Interpretante. Não levar em conta o aspecto relacional dos três polos, priorizando um ou outro aspecto, dificulta a compreensão dentro da perspectiva da complexidade. Ao incorrer neste equívoco, para a pesquisadora Priscila Borges, "a análise dos signos fica parecendo um exercício classificatório, como o de classificar borboletas". E alerta: "Apesar de ser extremamente comum esse uso da semiótica, esse não me parece ser o propósito da análise. A compreensão de um processo semiótico depende de uma descrição muito mais detalhada dos aspectos do signo e de suas implicacões para o fluxo da semiose do que a análise de um único aspecto pode mostrar".

Nesta entrevista, concedida por e-mail à IHU On-Line, Borges discorre sobre o que são e como operam os signos; estabelece os nexos entre significação, cognição e experiência e aborda ainda uma metodologia de análise proposta por Peirce no final de sua vida, e

pouco explorada no campo acadêmico: as 66 classes de signos. Estes funcionariam como guias precisos para compreensão do sistema de signos. Com isto em mente, ela aponta: "Quando o método de investigação não é muito acurado, nós tentaremos a partir da nossa experiência completar as lacunas deixadas pelo método. Portanto, podemos ter investigações semióticas que servirão apenas para mostrar algo que já sabemos". E finaliza: "Nesses casos, o processo de investigação perde sua função de buscar informação e nos mostrar a realidade".

Priscila Monteiro Borges possui graduação em Comunicação social pela Universidade de Brasília, mestrado e doutorado em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Atualmente é Vice-secretária geral da International Association for Semiotics Studies, Diretora Executiva do Centro Internacional de Estudos Peirceanos e professora da Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Em Histórias das Teorias da Comunicação (São Paulo: Edições Loyola, 1999), o casal Mattelart¹ criticava a vagueza do conceito de Signo de Peirce – o que não permitia "distinguir o que é signo do que

não é". É possível, apenas a partir da obra de Peirce, extrair um conceito estabelecido de Signo? Ou estudos posteriores foram os responsáveis por estruturá-lo?

Priscila Borges – Acredito que o conceito de signo pode ser extraído, sim, da obra de Peirce. O termo foi definido inúmeras vezes por Peirce, com o intuito de deixá-lo claro. Pode não ser um conceito fácil de ser apreendido, por ser um conceito geral e não particular. O signo não é uma coisa

material que pode ser percebida pelos sentidos e para a qual é possível apontar e dizer, olhe o signo. O signo em Peirce é uma relação, e relações não podem ser vistas nem tocadas. O signo consiste em uma determinada relação triádica, na qual o signo faz a mediação entre o objeto e o interpretante. Essa relação triádica que não pode ser reduzida a duas relações diádicas. Qualquer coisa pode ser um signo contanto que esteja em uma relação triádica representando algo (o

¹ Armand Mattelart (1936): sociólogo belga radicado na França; é autor de inúmeras obras dedicadas ao estudo da mídia, da cultura de massa e da indústria cultural, além das tecnologias de comunicação. Vários destes junto a sua esposa, Michèlle Mattelart. (Nota do IHU On-Line)

objeto), para alguém, ou para outra coisa (o interpretante). Essa noção de signo é bastante ampla e reside justamente nisso a sua relevância.

IHU On-Line – Faz mais sentido pensar o que são os signos ou compreender como eles operam?

Priscila Borges - Penso que faz mais sentido compreender como eles operam, visto que o signo é definido pelas relações que ele estabelece e não por sua natureza. Mas sem compreender o que é signo para Peirce, é improvável que se dê importância à forma como eles operam. Quando a semiótica peirceana fica restrita à análise de um aspecto do signo, por exemplo à relação entre signo e objeto, não é possível entender profundamente o modo como o signo opera, e a análise dos signos fica parecendo um exercício classificatório, como o de classificar borboletas. Apesar de ser extremamente comum esse uso da semiótica, esse não me parece ser o propósito da análise. A compreensão de um processo semiótico depende de uma descrição muito mais detalhada dos aspectos do signo e de suas implicações para o fluxo da semiose do que a análise de um único aspecto pode mostrar.

IHU On-Line – Em que consiste a ideia de co-mente, em Peirce, e como ela se relaciona com a comunicação?

Priscila Borges - Co-mente foi um termo usado por Peirce para dizer que é preciso algo em comum entre a pessoa que expressa uma mensagem e aquela que a interpreta para que haja comunicação. Isso quer dizer que, se um signo for utilizado para expressar algo, ele só será interpretado como representando esse mesmo algo se aquele que expressou o signo e aquele que o interpreta comparti-Iharem alguma experiência comum com o objeto do signo. Se não houver essa experiência comum, o signo não será interpretado como representando esse objeto. Portanto, o potencial significativo do signo pode ser muito amplo, e em diferentes contextos os signos podem representar coisas diferentes. Quando falamos em comunicação, esperamos que haja compartilhamento de informação entre aquele que expressa e o que interpreta a mensagem. O signo em si não dá nenhuma garantia de que haverá esse tipo de comunicação, por isso podemos dizer que os signos também mentem. O único modo de reduzir os problemas comunicativos envolvendo diferentes interpretações de signos é garantindo que os intérpretes do signo terão experiência comum com o objeto do signo.

IHU On-Line – De que forma o processo de significação está ligado à cognição e, por sua vez, à experiência?

Priscila Borges - Peirce define semiótica como "a ciência das leis necessárias do pensamento" (Peirce c.1896: CP 1.444)². O estudo dos signos começa pela observação dos signos e de suas características mais explícitas e continua em um processo de abstração e inferências que nos leva a um sistema geral de todos os possíveis tipos de signos. Os sistemas de signos mostram um processo lógico de investigação que torna evidente o crescimento dos signos. Isso pode não ser evidente quando se trabalha com o sistema de três e dez classes de signos, mas fica bastante explícito quando adotamos o sistema de 66 classes em análises semióticas. Se compreendermos a semiótica como um processo, fica fácil perceber sua relação com a cognição. Para Peirce, a cognição é um sistema dinâmico no qual "cada cognição é logicamente determinada por uma cognição prévia" (Peirce 1868: W 2.213, EP 1.30)³ e "todas as

2 PEIRCE, Charles Sanders, c.1896. "The Logic of Mathematics; An Attempt to Develop my Categories from Within", published in CP 1.227-519. [The designation CP followed by volume and paragraph number abbreviates The Collected Papers of Charles S. Peirce (vols. 1 to 8), Vols. 1 to 6 edited by C. Hartshorne and P. Weiss, Vols. 7 and 8 edited by A. Burks. (Cambridge, MA: Harvard University Press), 1931-1958. (Nota da Entrevistada) PEIRCE, Charles Sanders. 1868. "Consequences of Four Incapacities" published in Journal of Speculative Philosophy 2 (1868): 140-57. Reprinted in EP 1.28-55, in W 2.211-42 and in CP 5.264-317. Page reference in the present essay is to the EP and W reprint. [The designation CP followed by volume and paragraph number abbreviates The Collected Papers of Charles S. Peirce (vols. 1 to 8), Vols. 1 to 6 edited by C. Hartshorne and P. Weiss, Vols. 7 and 8 edited by A. Burks. (Cambridge, MA: Harvard University Press), 1931-1958. The designation cognições existem somente no efeito que elas poderiam ter em futuras cognições" (Peirce 1873: W 3.81).

Esse processo dinâmico é bastante semelhante à infinita cadeia de signos na semiótica. De acordo com Peirce, o signo representa alguma coisa com relação a um aspecto e cria na mente da pessoa um novo signo. E assim um signo cria outro signo infinitamente. A relação entre signo e pensamento fica evidente quando Peirce diz que "nós não temos poder de pensar sem signos" (Peirce 1868: W 2.213, EP 1.30). Cognição é, nesse sentido, o fluxo de signos. Isto não quer dizer que todos os signos são signos de pensamento. Peirce enfatiza também a importância da secundidade (fato, ação, reação) em sua teoria dos signos mostrando que alguns signos são signos de experiência. O interpretante de um signo pode não ser um pensamento, mas sim uma ação ou um sentimento que se torna um novo signo dando continuidade ao fluxo dos signos.

IHU On-Line – Quais são os nexos da relação entre signo e objeto, bem como de signo e interpretante? Que tipos de signo emergem desta relação?

Priscila Borges — A relação do signo com o objeto nos permite compreender como o signo representa o objeto. Para Peirce, a relação entre signo e objeto pode ser de três modos: icônica, indicial e simbólica. Essa relação terá características icônicas, indiciais e simbólicas a depender das características do signo em si, se considerarmos o sistema de 10 classes de signos. Mas se considerarmos o sistema de 66 classes de signos, a relação entre signo e objeto depende não só das características do signo em si, mas

EP 2 followed by page number abbreviates The Essential Peirce. Selected Philosophical Writings. Vols. 1-2 (1867-1893) and 1893-1913), Vol. 1 edited by N. Houser and C. Kloesel, Vol. 2 edited by the Peirce Edition Project. (Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press), 1992-1998. The designation W followed by volume and page number abbreviates Writings of Charles Sanders Peirce: A Chronological Edition. Vols. 1 to 6. Vol. 1 edited by M. Fisch et al., Vol 2 edited by E. C. Moore et al., Vols. 3-5 edited by C. Kloesel et al., Vol 6 edited by Peirce Edition Project. (Bloomington: Indiana University Press), 1980-2000. (Nota da Entrevistada)

do modo de ser do objeto dinâmico e do objeto imediato. Segue que classificar um signo como icônico, indicial e simbólico diz muito pouco sobre o signo e não mostra o que há no signo que o possibilita representar o objeto de tal modo. Além disso, é sempre bom lembrar que, se bem observadas, poderemos encontrar relações icônicas, indiciais e simbólicas em todos os signos. Quando dizemos que o signo é indicial, na verdade estamos dizendo que a relação indicial parece predominar, mas isso não exclui as outras possíveis relações. Por isso, prefiro sempre dizer que o "signo possui relação indicial" a dizer que ele é um "índice". Enquanto a relação com o objeto nos mostra a capacidade representativa do signo, a relação do signo com o interpretante nos diz algo sobre o processo interpretativo.

A relação entre signo e interpretante mostra o potencial interpretativo do signo, mas não indica exatamente como ele será interpretado. Novamente, se considerarmos o sistema de 10 classes de signos, veremos que a relação entre signo e interpretante pode ser de três tipos: remática, dicente ou argumental. Isto quer dizer que, dependendo do modo de ser do signo em si mesmo e de qual relação ele estabelece com o objeto, será possível uma interpretação mais ou menos precisa do signo. Na relação remática o que temos é uma as-

sociação de termos, o signo me leva a pensar em um termo. Determinadas características do signo permitem associações desse signo com outros, mas essas associações são um tanto quanto imprecisas. Na relação dicente, o signo não só leva à associação vaga com outras coisas, mas leva a um interpretante mais estruturado na forma de uma proposição do tipo "A é B". Já na relação argumental, como o próprio nome diz, temos um interpretante que é não só uma proposição, mas um argumento. Isto é, alcançamos um tipo de interpretante ainda mais preciso do que os anteriores.

IHU On-Line – Quais as controvérsias que envolvem o sistema de 66 classes de signos propostos por Peirce?

Priscila Borges - São muitas as discussões a respeito das 66 classes de signos. Como esse foi um trabalho desenvolvido no final da vida de Peirce, ele não pode desenvolvê-lo a ponto de detalhar todas as classes desse sistema, como ele fez com o sistema de 10 classes. Por isso, em torno desse sistema encontramos primeiro a desconfiança de alguns como relação a sua aplicabilidade. Seria possível utilizar esse sistema para analisar signos e descobrir novas coisas a respeito dos signos? Algumas pessoas dirão que não é possível, outras que não é possível nem necessário, poucos pesquisadores no mundo trabalharam e estão trabalhando nesse sistema. Sendo uma delas, o que minhas pesquisas mostram até agora é que, sim, é possível fazer análises com o sistema de 66 classes de signos. Mas, claro, a análise é mais complexa e, por isso, precisei desenvolver um método de análise com as 66 classes que tem se mostrado muito útil para análises.

IHU On-Line — Estas classificações propostas ajudam na compreensão do Real ou são puramente metodológicas?

Priscila Borges - As classificacões, ou melhor, os sistemas de signos são métodos para investigação com o objetivo de descobrirmos a verdade, ou de pelo menos nos aproximarmos dela. Eles funcionam como guias, seguindo determinados caminhos de avaliação do signo. Quanto mais complexo o sistema de signos, mais passos o método terá, consequentemente, teremos que prestar mais atenção aos detalhes do signo. Quando o método de investigação não é muito acurado, nós tentaremos a partir da nossa experiência completar as lacunas deixadas pelo método. Portanto, podemos ter investigações semióticas que servirão apenas para mostrar algo que já sabemos. Nesses casos, o processo de investigação perde sua função de buscar informação e nos mostrar a realidade.

Leia os Cadernos Teologia Pública

NO SITE DO IHU

WWW.IHU.UNISINOS.BR

Pragmatismo e Pragmaticismo – O embate peirceano

Pesquisador da obra de Charles S. Peirce, Rodrigo Almeida explora os fundamentos para a máxima pragmática e reflete sobre suas dimensões lógica, ontológica e metafísica

POR ANDRIOLLI COSTA

m 1878, mesmo sem sequer mencionar o termo, Charles Sanders Peirce lança a semente daquilo que seria considerado o marco fundador do Pragmatismo norte-americano. Sua máxima pragmática buscava ser um princípio regulador de lógica, ou uma ferramenta de definição de conceitos. Ao longo do tempo, desenvolvendo mais a ideia, Peirce estabelece a grande contribuição deste pensamento para a teoria do conhecimento: o significado de um conceito se encontraria, exclusivamente, na concepção dos hábitos gerais de conduta que a crença na verdade do conceito, em quaisquer circunstâncias concebíveis, originaria, de modo a nunca se reduzir a casos particulares.

"Para um pragmaticista, um conceito não é uma mera abstração, mas sim uma elucidação do real, ou melhor, de relações reais, calcada na experiência dos efeitos concebíveis do conceito na conduta da vida", relata o pesquisador Rodrigo Vieira de Almeida. Ainda de acordo com ele, em Peirce, teoria e vida não podem jamais estar apartadas. Esse pensamento vai se refletir até mesmo na concepção peirceana do método científico, visto "como um corpo vivo e em contínuo crescimento, estendendo indefinidamente as amostragens experimentais que tendem no limite ideal a alcançar a expressão verdadeira do real".

Contemporâneos de Peirce, William James e John Dewey – que também passaram a ser conhecidos como pragmáticos — tinham concepções muito psicologizantes, dentro de uma perspectiva humanista da máxima pragmática, "ao passo que Peirce, decididamente antipsicologista e antinominalista, tendia mais para uma abordagem lógico-objetiva da mesma". É por isso que, a partir de 1905, Peirce propõe um novo termo para se distanciar dos outros pensadores: pragmaticismo.

Nesta entrevista, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Rodrigo Almeida esclarece a diferença entre estas duas perspectivas, discorre sobre os modos como a máxima pragmática permeia a obra peirceana em suas conhecidas categorias fenomenológicas, explora a importância de uma comunidade científica interpretativa em Peirce e o papel ocupado pela dimensão lógica, ética e estética no pragmatismo.

Rodrigo Vieira de Almeida é graduado em Letras pelas Faculdades Integradas Tibiriçá, com mestrado em Filosofia e semiótica pelo Mosteiro de São Bento de São Paulo – com a dissertação Uma propedêutica para uma reflexão sobre o conceito de imortalidade do homem na filosofia de Charles Sanders Peirce. Atualmente é doutorando em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP. Almeida é membro do Centro de Estudos de Pragmatismo da mesma universidade.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Em que consistia a máxima pragmática de Peirce? De que forma ela evoluiu ao longo dos anos em seu pensamento?

Rodrigo Almeida – A máxima do pragmatismo configura um aspecto central da filosofia de Charles Sanders Peirce¹. Ela foi enunciada pela primeira

1 Charles Sanders Peirce (1839-1914): filósofo, cientista e matemático norteamericano. Peirce concebia a Lógica dentro do campo do que ele chamava vez no seminal texto *Como tornar as nossas ideias claras* (W 3.257-276)²,

de teoria geral dos signos, ou Semiótica. (Nota da IHU On-Line)

2 Nota do entrevistado: As referências aos textos originais do autor nesta entrevista seguem o modelo de citação canônico: PEIRCE, Charles S. *The essential Peirce: selected philosophical writings.* Edited by the Peirce Edition Project. Bloomington: Indiana University Press, c1998. v.2. (volume 2, citado EP seguido do número do volume e do número da página).

____. The Writing of Charles S. Peirce:

publicado em 1878, na conhecida série

a chronological edition. v. 1 - Editor Max H. Fisch et al. Indianapolis: Indiana University Press, 1982; e v.2-8 - Editor Edward C. Moore et al. Indianapolis: Indiana University Press, 1984-2010. (citado W seguido pelo número do volume e do número da página).

_____. The Collected Papers of Charles Sanders Peirce. Disponível em: http://bit.ly/peirceihu. Acesso em: 04 outubro 2014. (volume 1-8, citado CP seguido pelo número do volume e número do parágrafo).

chamada *Ilustrações da Lógica da Ciência* (W 3.242-338), onde Peirce, entre muitas outras coisas, procurou responder a questão acerca de qual seria o critério lógico suficiente para tornar as nossas ideias claras, primeira lição que deveríamos exigir da lógica, uma vez que os critérios de distinção (ligada ao conceito de intuição) e clareza, oriundos do cartesianismo, tinham sido considerados insuficientes pelo autor.

Esse critério, que mais tarde ficaria conhecido como a máxima pragmática, posto que Peirce não usou esse termo e nenhum dos seus derivados na ocasião, fora assim enunciado: "Considere quais efeitos, que concebivelmente poderiam ter conseauências práticas, concebemos ter o objeto de nossa concepção. Então, a concepção destes efeitos é o todo de nossa concepção do objeto." (W 3.266). Sendo assim, a máxima pragmática nasceu como um princípio regulador de lógica, ou, em outros termos, como um método para determinar significados de conceitos.

No entanto, em 1878, Peirce equacionava consequências práticas com experiências sensíveis: "Nossa ideia de qualquer coisa é nossa ideia de seus efeitos sensíveis" (CP 5.401). Ou seja, a estratégia para se alcançar o significado de algo que é um conceito consistia em conceber quais são os efeitos sensíveis do objeto da nossa concepção, efeitos que fazem a diferença em nossas expectativas sobre o objeto em questão. O famoso exemplo do diamante serviu para clarificar esse ponto: dizer que um objeto, tal como um diamante, tem a propriedade de ser duro, é dizer que ele não será arranhado por outras substâncias, por isso se aplica a ele o conceito de dureza. O efeito sensível resultado da tentativa experimental de se tentar riscar o objeto concebido como duro, no caso o diamante, seria que ele permaneceria sem ser arranhado e não haveria mais nada, além disso, no conceito de dureza.

Por outro lado, embora possamos argumentar que já houvesse uma referência ao aspecto geral da máxima na enunciação de 1878, Peirce reconheceu, posteriormente, que equacionar consequências práticas "Nossa ideia de qualquer coisa é nossa ideia de seus efeitos sensíveis" – Charles Peirce

com experiências sensíveis poderia ser um tanto perigoso, caso não entendessem o ponto central que estava por detrás dessa concepção, levando um leitor apressado a julgar que o significado da máxima pragmática deveria ser buscado exclusivamente nas experiências particulares, dado que experiências sensíveis se referem sempre a particulares.

Pragmatismo e Pragmaticismo

Assim, foi exatamente para tornar mais precisa a ligação da máxima lógica do pragmatismo com a generalidade, que Peirce levou a cabo, a partir de 1903, com as suas Conferências de Harvard sobre o Pragmatismo (EP 2.133-241), passando por textos de 1905-1907 sob o título geral de Pragmaticismo (EP 2.331-433), e se estendendo até o final de sua vida, o projeto de expor aquilo que se pode chamar de uma concepção mais estrita sobre o que se deve entender como sendo a sua versão do pragmatismo, o pragmaticismo, termo cunhado pelo autor em um texto de 1905 chamado "O que é Pragmatismo" (EP 2.331), e, com isso, mostrar, também, seu total afastamento em relação a outros pensadores, que viam se chamando de pragmatistas e buscavam tornar o pragmatismo um princípio especulativo de filosofia.

Pode-se dizer que o caráter geral da reformulação proposta por Peirce da sua máxima consiste em mostrar que "o significado racional de uma palavra ou alguma outra expressão se encontra, exclusivamente, na concepção da sua influência concebível sobre a conduta da vida", de modo que "uma vez que é óbvio que algo que não resulte de um experimento

possa exercer qualquer influência direta sobre a conduta, se alauém for capaz de definir, com exatidão, todos os experimentos fenomênicos concebíveis que a afirmação ou negação de um conceito possa implicar, teria, então, a definição completa do conceito" (EP 2. 332). Isso guer dizer que, para o autor, o correto entendimento do significado de um conceito deve se iniciar pela esquematização, a partir da imaginação, das consequências práticas de uma dada representação e se dirigir, depois, ao mundo, buscando confirmação, ligando-se, assim, à experiência possível. Em outros termos, só pode haver significado concebível de experiências possíveis, sendo esse o caráter geral de todo o conceito: ele é aplicável ao contínuo de possibilidades reais e não está reduzido aos casos particulares ou às suas meras instanciações.

Aprofundemos um pouquinho mais. Para Peirce, um conceito só pode ser aplicado àquilo que possui ordem. O conceito expressa as relações de ordem dos objetos e entre os objetos. Assim, um conceito representa a permanência de relações reais. A permanência, representada no conceito, está nas coisas e não configura, assim, uma imposição da subjetividade humana aos fenômenos, como guerem os filósofos nominalistas, contra os quais Peirce tanto se opôs. Representar em um conceito as relações reais que governam um dado objeto é representar a conduta deste objeto. E, por outro lado, saber como se comporta um objeto é essencial para saber como se comportar diante deste objeto, de modo que se adquire, também, um hábito de comportamento em relação ao objeto conhecido. A conduta de qualquer objeto, bem como a conduta em relação ao objeto resultante do conhecimento, pode ser chamada de hábito. Um hábito, do ponto de vista lógico, pode ser descrito como o resultado interpretado dos significados de um conceito.

Hábitos e conceitos

Mais que isso, o próprio significado/conceito é um hábito, equivalendo a um processo de generalização, de natureza indutiva. Portanto, do ponto de vista pragmaticista, os hábitos podem ser conceituados como generalizações de condutas permanentes, ou, em outros termos, o significado de um conceito aparece nos hábitos de conduta que ele origina. Por outro lado, se o significado de um conceito é a sua influência na conduta, e se os resultados experimentais são os únicos resultados que podem afetar a conduta humana, uma concepção esquemática, que é o conceito concebível, deve equivaler a uma prescrição geral que nada mais diz exceto que, se dadas certas circunstâncias experimentais, tais e tais consequências aproximadamente se seguiriam (would-be). O pragmaticismo, assim, pode ser lido como uma máxima que prescreve que os hábitos, sempre gerais, só podem ser verificados por meio de suas consequências práticas experimentais, sempre particulares.

Sugere-se, enfim, que o pragmaticismo peirceano, tal como trazido à tona pioneiramente pela obra de Ivo Assad Ibri³ não é meramente uma máxima lógica, mas também possui uma dimensão ontológico/metafísica cujo correto entendimento exigiria familiaridade com todo o arcabouço teórico de Peirce, sobretudo ciências e doutrinas como a Fenomenologia, as Ciências Normativas, a Metafísica, o Indeterminismo Ontológico, o Evolucionismo, o Falibilismo, o Idealismo Objetivo, o Sinequismo, a Semiótica, etc.

IHU On-Line – De que forma esta visão passou a contrastar com as visões de pragmatismo defendidas por James⁴ e por Dewey⁵?

Rodrigo Almeida – Existem muitas maneiras de se abordar as diferenças entre o pragmaticismo de Peirce e o pragmatismo tal qual desenvolvido por James e Dewey. Nesta ocasião, gostaria de fazê-lo, sem nenhuma pretensão de esgotamento, pelo viés proporcionado pelo tipo radical de realismo implicado no pragmaticismo peirceano, pois este, acredito, encontra-se por detrás de todas as outras diferenças, como, por exemplo, a que se refere às divergências entre as concepções de verdade e investigação entre esses autores.

Peirce definia o real como aquilo que é independente do que uma mente ou coleção de mentes possa pensar acerca dele (por exemplo, em CP 5.457). Tal concepção já estava presente na formulação da máxima do pragmatismo em 1878 e configurava aspecto central do método científico. Vejamos, brevemente, o que isso quer dizer.

Métodos de fixação de crença

No texto Fixation of Belief, de 1877 (W 3.242-257), Peirce descreve os quatro métodos pelos quais se opera a fixação das crenças: o método da tenacidade, o método da autoridade, o método a priori e o método científico. O método da tenacidade é o método da teimosia, da recusa de adentrar numa investigação que nos leve a questionar nossos fundamentos. Segundo esse primeiro método, o que se deve fazer é simplesmente confiar inteiramente nas nossas crenças individuais já estabelecidas.

O segundo método, o da autoridade, consiste na *força* que uma organização, sociedade ou instituição opera nos indivíduos. Esse método consiste em ser a crença a opinião da autoridade. O terceiro método, o *a priori*, consiste em adotar crenças em conformidade com a *razão*. Nele estão inseridos todos os sistemas metafísicos que se fundam em algum tipo de

cido como um dos fundadores da escola filosófica de pragmatismo (juntamente com Charles Sanders Peirce e William James), um pioneiro em psicologia funcional e representante principal do movimento da educação progressiva norte-americana durante a primeira metade do século XX. (Nota da IHU On-Line)

apriorismo. Esse método, para Peirce, já representa um avanço em relação aos dois anteriores, mas acaba redundando em algo mais ou menos parecido com a autoridade, só que agora autoridade da razão.

O quarto e último método é o científico que, segundo Peirce, é o único que dá conta de satisfazer nossas dúvidas, exatamente por ser um método que se baseia em algo independente do ser humano, a saber, num princípio de permanência externa, sobre o qual o nosso pensamento não tem efeito. Nos três primeiros métodos é o entendimento humano que estabelece os termos, diferentemente do método científico, que está fundado no reconhecimento da alteridade e da realidade das relações contínuas entre as coisas no mundo.

Categorias fenomenológicas

Tal realismo adquire proporções ainda maiores no pensamento mais maduro do autor, que procurou mostrar como as suas conhecidas três categorias fenomenológicas, que receberam os nomes de primeiridade (que tipifica experiências espontâneas, livres e sem relação com nada mais, como, por exemplo, sentimentos ou qualidades), segundidade (que tipifica experiências de bruta alteridade) e terceiridade (que tipifica experiências cognitivas, relacionais, conceituais e de mediação), também representavam, do ponto de vista de uma metafísica científica, princípios ativos e operantes na natureza, a saber, Acaso, Existência e Lei, respectivamente, e que esses princípios deveriam ser objetivamente reconhecidos como reais, no sentido exposto acima⁶. A filosofia peirceana mantém, assim, a realidade das três categorias e o realismo que subjaz em suas fundações recebe o nome de realismo escolástico, devido a reconhecida influência exercida por Duns Scotus⁷ sobre esse aspecto do seu pensamento.

³ IBRI, Ivo Assad. Kósmos Noetós: a arquitetura metafísica de Charles S. Peirce. São Paulo: Perspectiva: Hólon, 1992. (Coleção Estudos; v. 130).

⁴ William James (1842-1910): teólogo, filósofo e psicólogo norte-americano. Ao lado de Charles Peirce foi um dos fundadores do pragmatismo. Escreveu livros sobre a ciência da psicologia, religião, misticismo e filosofia do pragmatismo. Sua primeira obra foi sobre a aplicação do funcionalismo à psicologia, intitulado *Princípios de psicologia (1980)*. Ao questionar a existência de Deus, a imortalidade da alma e o livre-arbítrio, ele publicou o livro *A vontade de crer e outros ensaios sobre filosofia popular (1897)*. (Nota da IHU On-Line)

⁵ John Dewey (1859-1952): filósofo e pedagogo norte-americano. É reconhe-

⁶ Ver a esse respeito (IBRI, 1992).

⁷ Duns Scotus (1265-1308): pertenceu à Ordem dos Franciscanos. Estudou nas Universidades de Oxford e Paris. Foi mestre em teologia nessas duas universidades, assim como em Cambridge e Colônia. Diverge das doutrinas platônica e aristotélica, no que se refere à valoriza-

Pois bem, gostaria de sugerir que a principal diferenca existente entre as versões do pragmatismo de James e Dewey, cada qual contendo o seu valor no âmbito do pensamento filosófico, e o pragmaticismo de Peirce consiste no fato de que, nem James e nem Dewey podiam abraçar as consequências do realismo radical de Peirce e, por isso, se voltaram para aplicações da máxima pragmática oriundas de uma visão de mundo que não considera o real como algo independente do pensamento humano. Em outros termos, James e Dewey, cada qual com seu pensamento específico, tendiam mais para um tipo de nominalismo e psicologismo nas suas interpretações da máxima pragmática, ao passo que Peirce, decididamente antipsicologista e antinominalista, tendia mais para uma abordagem lógico-objetiva da mesma. Assim, de modo geral, James considerava que as consequências práticas das nossas concepções deveriam ser tomadas como sendo particulares e que ideias abstratas devem ser, em última instância, sempre referidas às nossas experiências, práticas e ações concretas e Dewey, por sua vez, concebia o real apenas como relativo ao homem e tomava as mesmas consequências práticas das concepções expressas na máxima pragmática como instrumentos de adaptação e transformação da nossa conduta, instrumentos esses que devem ser considerados como bem--sucedidos na medida direta em que são úteis e eficazes, de modo que conhecer seria o mesmo que fazer e ser assertivo.

Parece ser evidente como ambas as posições distanciam-se, consideravelmente, do pragmaticismo peirceano que, conforme vimos, insiste, a partir do seu realismo escolástico, em tomar o hábito/conceito como invariavelmente representativo de relações gerais reais.

"A permanência do conceito não configura uma imposição da subjetividade humana aos fenômenos, como querem os filósofos nominalistas, contra os quais Peirce tanto se opôs"

IHU On-Line – O pragmatismo, como método científico, se relaciona de que maneira com a verdade e a falsidade?

Rodrigo Almeida - Para Peirce, a verdade se identificaria com a opinião final a que a comunidade de investigadores chegaria, se tempo suficiente lhes fosse dado no processo de investigação de acordo com o método científico (por exemplo, em W 3.273). De outro lado, o real seria nada mais que aquilo que qualquer homem acreditaria e acerca do que estaria preparado para agir, se suas investigações fossem levadas suficientemente longe (por exemplo, em CP 8.41). Há, assim, no interior da filosofia de Peirce, uma identificação ou correspondência, se quiserem, entre o real e a verdade. Mas, por um lado, o real é definido como aquilo que é independente do pensamento de qualquer indivíduo ou conjunto de indivíduos e, ao mesmo tempo, como aquilo acerca do que a comunidade de investigadores concordaria no longo caminho (in the long run), sendo a opinião final a que se chegaria nada menos do que a verdade acerca do objeto investigado. Haveria aqui uma contradição, ou seja, o real seria e não seria, ao mesmo tempo, dependente e não dependente do pensamento?

Há uma belíssima passagem na obra de Peirce, muito esclarecedora, que mostra que a contradição não é o caso aqui e que, por isso, merece ser citada na íntegra:

[...] de um lado, a realidade é independente, não necessariamente do pensamento em geral, mas somente do que você ou eu ou qualquer número finito de homens possa pensar acerca dela; de outro lado, embora o objeto da opinião final dependa do que a opinião é, ainda assim, o que tal opinião é não depende do que você ou eu ou qualquer homem pensa. A nossa perversidade e a de outros pode até, indefinidamente, atrasar o estabelecimento da opinião; pode até mesmo, concebivelmente, fazer com que uma proposição arbitrária seja aceita universalmente, enquanto a raça humana durar. Mesmo assim, isso não mudaria a natureza da única crença que resultaria da investigação carregada o suficientemente longe. E se, após a extinção da nossa raça, outra surgisse com as faculdades e a disposição para a investigação, aquela opinião verdadeira deve ser aquela a que chegariam (CP 5.408).

Parece-me claro a concepção de Peirce aqui exprimida, de modo que não estaria justificada a obcomumente estabelecida acerca do seu pensamento, segundo a qual não haveria lugar para a possibilidade de que haja verdades que não formem parte da opinião final da comunidade de investigadores. A resposta parece saltar a vista nesta passagem: se a verdade tomar parte ou não, ou seja, se ela for representada pelo homem ou não, não tem a menor importância. Em Peirce, não há lugar para antropocentrismos. "Uma verdade enterrada surgirá novamente", rezava o poema citado por Peirce quase ao fim dessa passagem. Sendo assim, o que seria uma opinião falsa? Apenas uma característica de uma proposição que, do ponto de vista humano,

ção do indivíduo, tanto do ponto de vista metafísico, ao estabelecer a inteligibilidade como uma propriedade do singular, quanto do ponto de vista ético, ao defender o livre-arbítrio. Suas principais obras são a *Opus parisiensis* e a *Opus oxoniensis*, também conhecida como *Ordinatio*. (Nota da IHU On-line)

se insistirmos em sua importância, é nada mais do que um reflexo do nosso falibilismo e da provisoriedade das nossas representações. O real, em termos peirceanos, permanece independente da falsidade de qualquer representação, bem como independente de qualquer representação verdadeira meramente atual. Em outros termos, mesmo a verdade enquanto opinião final não ultrapassa o campo do ideal, e é da idealidade que comungam todas as coisas, segundo o idealismo objetivo do autor. Por outro lado, esse ideal é pragmaticamente significativo, na mediada em que influencia a conduta, sendo a contraparte ontológica dessa linha de pensamento nada menos que o indeterminismo ontológico do autor.

IHU On-Line – Em Peirce, qual a importância de uma comunidade de investigadores para permitir o diálogo com a realidade?

Rodrigo Almeida – Trata-se de uma constante na obra de Peirce a concepção de ciência como configurando um corpo vivo e em crescimento (CP 6.428), constituída mais por um método autocorretivo e sempre voltado ao mundo fenomênico em busca de confirmações, do que por conclusões absolutas. Tal concepção contrasta claramente com as concepções da ciência calcadas em modelos que insistem em considerá-la como um conjunto de ideias abstratas e fixas à espera de serem conhecidas por observadores racionais e definidas por mera abstração.

Segundo Peirce, o método científico deve ser pensado como um processo essencialmente comunitário e social, ou, em outros termos, como um procedimento de caráter irrevogavelmente cooperativo e público, que permite que as idiossincrasias individuais, eventualmente causadas pelas limitações de cada um dos investigadores particulares, possam ser ultrapassadas, de modo a corrigir, indutivamente, possíveis erros durante o percurso idealmente infinito da investigação, cuja direção é a verdade e cujo objeto é o real.

Por isso, para Peirce, na própria origem da concepção de realidade encontra-se, essencialmente, a noção de uma comunidade de investigadores sem limites definidos, mas capaz de um aumento definido de conhecimento (CP 5.311), cuja atitude diante do mundo fenomênico, único lugar onde os hábitos gerais que configuram as leis da natureza podem ser confirmados pragmaticamente, deve ser sempre a de um profundo respeito, de caráter ontológico, que, de outro lado se reflete, epistemologicamente, na permanência do diálogo entre as representações e a realidade.

Isso é o que permite, em outro e convergente registro, fundar, do ponto de vista lógico, e tendo como pano de fundo o indeterminismo ontológico do autor, que professa estarem os objetos de investigação, tal como os signos que o interpretam, também inseridos em um processo evolucionário, o fato de que proposições possam capturar, mesmo em sua parcialidade, as ordens objetivas ou relações reais presentes nos objetos das investigações.

IHU On-Line — Ao propor que nossa concepção dos efeitos de um objeto corresponde ao todo de nossa concepção sobre o objeto, como Peirce revoluciona a teoria do conhecimento na modernidade?

Rodrigo Almeida - Já tivemos a oportunidade de verificar que a máxima do pragmaticismo nasceu como um princípio regulador de lógica, ou, em outros termos, como um método para determinar significados de conceitos e que, posteriormente, adquiriu importante estatuto ontológico na filosofia do autor. Tendo isso em mente, podemos agora acrescentar que a grande vantagem do pragmaticismo, sua revolução na teoria do conhecimento na modernidade, consiste no fato de relacionar o significado de um conceito diretamente ao processo de investigação, evitando, assim, imposicões externas dadas na forma de meras definições.

Isso quer dizer que o significado de um conceito, para um pragmaticista, não é uma mera abstração, mas sim uma elucidação do real, ou melhor, de relações reais, calcada na experiência dos efeitos concebíveis do conceito na conduta da vida. Ou seja, para Peirce, a relação entre a verdade e a realidade não é questão apenas de uma epistemologia, mas também de uma ontologia, de modo que, se há qualquer sentido na elucidação de um dado conceito, isso se fará sentir por meio de consequências na experiência, que, no entanto, não precisam estar reduzidas ao elemento sensório. Experiência, para Peirce, é um conceito muito mais amplo, envolvendo todo o processo de investigação, a começar pela esquematização concebível de efeitos, o que claramente o diferencia dos partidários do método verificacionista.

Assim, teoria e vida, para um pragmaticista, não podem jamais estar apartadas, mas sim estritamente unificadas, ou em outros termos, em contínua conexão. O que também se reflete na concepção peirceana do método científico como um corpo vivo e em contínuo crescimento, estendendo indefinidamente as amostragens experimentais que tendem no limite ideal a alcançar a expressão verdadeira do real.

IHU On-Line – Qual o papel ocupado pela dimensão lógica, ética e estética no pragmatismo?

Rodrigo Almeida — Perguntar-se acerca de qual é o papel ocupado pela dimensão lógica, ética e estética no pragmaticismo peirceano equivale a se perguntar de que maneira as relações com fins gerais descritos por essas ciências influenciam a conduta. A resposta para essa questão é dada na própria relação que essas três ciências mantêm entre si, a saber, uma relação de dependência. Senão, vejamos.

Em primeiro lugar, devemos reconhecer que as ações humanas são ações razoáveis, ou seja, autocontroladas. Para controlar uma ação devemos, por um lado, estar movidos por um ideal que admiramos e, por outro, devemos representar bem esse ideal, para que possamos ter claras as ações que executaremos para chegar até o nosso ideal. Assim, o papel da lógica é representar com excelência, tanto a ação como o objetivo. O objetivo, por

sua vez, é dado pela ética, e consiste na conduta que estamos preparados, deliberadamente, para adotar sob quaisquer circunstâncias. Por outro lado, "sob quaisquer circunstâncias" implica que esse fim deve possuir um caráter de fim último, imutável, sendo o fim ao qual gueremos chegar por que o admiramos. Ora, esse "admirável", por sua vez, é dado pela estética, consistindo nas qualidades, em si livres, mas tomadas como valor pelo agente. Em outras palavras. as ciências normativas devem formar um todo contínuo, que move o pensamento e a ação em direção a algo que se apresente como um bem e que, em última instância equivale, para o autor, ao crescimento da razoabilidade concreta no universo. Ao todo desse movimento relacional, Peirce chamou de estética total (CP 5.136), o que indica o primordial papel exercido pela estética na construção das Ciências Normativas: ela é a base sobre a qual se funda as outras duas, ética e lógica. Assim o bem ético seria o bem estético especialmente determinado por um elemento peculiar que se lhe acrescentou, a saber, o fato de o bem estético, o admirável em si, ser tomado como um ideal ou fim; o bem lógico, por sua vez, seria o bem moral especialmente determinado por um elemento especial que se lhe acrescentou, a saber, o fato de um bem estético, funcionando como um fim, ser bem representado e chegar a uma verdade que moverá a ação como um todo.

Ora, toda a conduta humana, do ponto de vista pragmaticista, está fundada nessa relação. Assim, o movimento que vai do admirável, passando pela descrição do objetivo e da melhor forma de alcançá-lo, até a ação em si, é a forma geral como a conduta humana se dá. Uma conduta em direção a um fim admirável que se torna repetida configura um hábito. Hábitos de conduta, por sua vez, estão também sujeitos à crítica, ou seja, ao autocontrole, sendo, assim, passíveis de modificação. Dessa forma, a modificação da conduta está também sob o escopo da descrição das Ciências Normativas.

"O pragmaticismo prescreve que os hábitos, sempre gerais, só podem ser verificados por meio de suas consequências práticas experimentais, sempre particulares"

É interessante notar que a visão das Ciências Normativas oferecida por Peirce não diz que existem regras a priori que são consideradas corretas e, partindo delas, devemos classificar se uma determinada ação está em concordância com tais regras e por isso deve ser chamada de ação eticamente correta. O movimento é na verdade oposto a esse: observam-se os fenômenos que aparecem ligados às ações, esses não sendo outros que não a conduta e hábitos humanos, e, partindo deles, vê-se que possuem formas gerais e relacionais, passíveis de serem descritas pelas ciências ditas normativas, ou seja, que descrevem (e não impõem) a forma como geralmente agimos em direção aos fins que admiramos, quaisquer que sejam eles.

Por fim, tenha o leitor em mente que esse movimento de descrição normativo-científica pode e é estendido por Peirce até o universo, não ficando restringido apenas à conduta humana; a razoabilidade concreta, o fim último e incondicional, é um movimento evolucionário do qual participam todas as coisas.

IHU On-Line – Como a continuidade manifesta pelo sinequismo colabora para uma compreensão complexa da realidade?

Rodrigo Almeida – Para Peirce, "o sinequismo é aquela tendência do pensamento filosófico que insiste na ideia de continuidade como de prima importância na filosofia e, em particular, sobre a necessidade de hipóteses envolvendo o verdadeiro contínuo" (CP 6.169). Em outros termos, o sinequismo é a doutrina que professa ser tudo o que é real, contínuo. Entender o que significa o sinequismo e como ele se relaciona com a compreensão da realidade exige, assim, entender o que significa o conceito de continuidade, pois, em última instância, o sinequismo é a extensão do que se entende por continuidade à totalidade do universo.

Brevemente, e desconsiderando, por questões de espaço, as problemáticas envolvidas na evolução deste conceito ao longo do pensamento do autor, o contínuo peirceano designa uma entidade geral, que consiste na possibilidade inesgotável de determinar um número de indivíduos maior que qualquer número já dado. Ou seja, um verdadeiro continuum, para Peirce, "é algo cujas possibilidades de determinação nenhuma multidão de individuais pode exaurir" (CP 6.170). Isto porque a continuidade é a conexão ininterrupta entre as partes e não um conjunto de partes que configuram uma pluralidade. Melhor seria dizer que o que constitui um continuum é o modo de conexão entre as partes, o que equivale a dizer que o tipo de partes conectadas é que deve ser considerado como ininterrupto no contínuo. Nessa conexão, os indivíduos deixam de possuir existência individual e ficam, por assim dizer, absolutamente fundidos. E este estar fundido é uma forma de unidade e generalidade. Por outro lado, deve-se sublinhar que o continuum é algo sobre o qual ocorrem descontinuidades, e uma descontinuidade é uma determinação, que configura uma quebra do contínuo perfeito. O contínuo é exatamente a possibilidade infinita dessas descontinuidades, que, por sua vez, carregam em seu bojo qualidades, o que unifica a teoria do contínuo com

as três categorias fenomenológicas e metafísicas do autor.

Vimos que a possibilidade de conhecimento evidenciada pelo pragmaticismo peirceano envolve a noção de permanência das coisas, de regularidade, de repetição, de ordem, enfim, de lei (no entanto, tenha o leitor em mente que nada disso deve ser pensado como envolvendo regras estritamente necessárias e imutáveis, o que equivaleria a tomar Peirce como um necessitarista, o que não poderia estar mais distante do seu pensamento), de modo que todo o conhecimento, para Peirce, é algo direcionado para o futuro na medida direta em que é geral, e quando se afirma algo, afirma-se para o futuro indefinido. Tal procedimento, ou seja, a própria possibilidade de se fazer generalizações depende e está fundada na continuidade das relacões reais. Pode-se, enfim, verificar que existe uma ligação muito forte entre continuidade e generalidade, de modo que a "continuidade é nada mais que perfeita generalidade de uma lei da relação" (CP 6.172). Portanto, sem continuidade não há conhecimento possível e, assim, o sinequismo ou teoria da continuidade é a garantia de todo o conhecimento acerca do real. Por isso, o próprio Peirce tomava essa doutrina como a pedra angular do seu pensamento (CP 8.257).

IHU On-Line – Deseja acrescentar mais alguma coisa?

Rodrigo Almeida – Sim, eu gostaria de acrescentar algumas palavras acerca da atualidade do pensamento de Peirce na contemporaneidade, por meio de um breve relato acerca de um grande evento ocorrido recentemente, entre os dias 16 e 19 de julho de 2014, na *University of Massachusetts*, Lowell, EUA, em comemoração ao Centenário da morte do autor (1839-1914), o *The 2014 Charles S. Peirce International Centennial Congress: Invigorating Philosophy for the 21st Century*.

O sugestivo subtítulo do congresso foi sugerido pelo professor Ivo Assad Ibri⁸, diretor do Centro

8 Ivo Assad Ibri: filósofo brasileiro,

"A teoria da continuidade é a garantia de todo o conhecimento acerca do real. Por isso Peirce a tomava como a pedra angular do seu pensamento"

de Estudos de Pragmatismo de São Paulo, com sede na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), vice-presidente da *Charles Sanders Peirce Society*, EUA, e também um dos organizadores do evento. O evento contou com dez conferências plenárias, proferidas pelos mais conceituados estudiosos da filosofia peirceana na contemporaneidade: Ivo Assad Ibri, Susan Haack⁹, Douglas Anderson¹⁰, Christopher Hookway¹¹, Nathan Houser¹², Cheryl Misak¹³, Nicholas Rescher¹⁴, Claudine Tiercelin¹⁵, Fernando Zala-

professor titular da PUC-SP, onde foi fundador do Centro de Estudos do Pragmatismo. (Nota da IHU On-Line) mea¹⁶ e Vincent Colapietro¹⁷. Além das sessões plenárias, o evento proporcionou aos participantes a oportunidade de ter acesso a diversas sessões de conferências menores, que contaram com contribuições de mais de duzentos estudiosos da filosofia de Peirce oriundos dos mais diversos países, tais como China, Colombia, Grécia, França, Inglaterra, Canadá, Itália, e muitos outros, além, é claro, dos Estados Unidos e do Brasil, que contou com a participação de cerca de vinte expositores.

A diversidade de temas e abordagens acerca dos principais aspectos da filosofia peirceana, considerados em conexão com os mais abrangentes escopos das mais diversas ciências, tais como a Física, a Linguística, a Biossemiótica, a História, a Matemática, a Biologia e muitas outras, mas também com outros campos do saber, como, por exemplo, as Artes Plásticas, a Literatura, a Música, etc., configuraram evidência cabal da importância do pensamento deste grande autor no que tange a problemas que ainda assolam o pensamento contemporâneo.

Também foi mais uma oportunidade de se perceber, experiencialmente, tal como exige o pragmaticismo, o alcance da concepção da ciência como uma prática viva e do papel da comunidade de investigadores em constante progresso em busca da verdade. O que permitiu, enfim, a atualização de um conselho ou, se quiser o leitor, de um convite, que se poderia dizer ter sido realmente exprimido na ocasião do evento pelo próprio Peirce, como apanágio de uma imortalidade semioticamente possível de ser alcançada por um homem: "Não bloqueie o caminho da investigação".

⁹ Susan Haack (1945): professora de Filosofia e Direito da Universidade de Miami. Seu trabalho se dirige para a lógica, filosofia da linguagem e o pragmatismo peirceano. (Nota da IHU On-Line)

¹⁰ **Douglas Anderson:** pesquisador da história da filosofia e de filosofia americana, concentrando-se em Peirce e seu pragmatismo. (Nota da IHU On-Line)

¹¹ Christopher Hookway: filósofo norte--americano, com doutorado em Cambridge. Foi presidente da *Charles S Peirce Society*. (Nota da IHU On-Line)

¹² Nathan Houser: professor aposentado da University of Waterloo, é fundador do Institute for American Thought. (Nota da IHU On-Line)

¹³ Cheryl Misak: professora de Filosofia da Universidade de Toronto. Pesquisadora de pragmatismo e história da filosofia analítica. (Nota da IHU On-Line)

¹⁴ **Nicholas Rescher:** Filósofo teuto--americano, professor da University of Pittsburgh. Diretor do *Center for Philosophy of Science*. (Nota da IHU On-Line) 15 **Claudine Tiercelin(1952)**: filósofa

francesa, pesquisadora de filosofia analítica. Atualmente é professora do Collège de France, da cadeira de Metafísica e filosofia do conhecimento. (Nota da IHU On-Line)

¹⁶ Fernando Zalamea Traba: professor titular da *Universidad Nacional de Colombia*. É conhecido por seus estudos peirceanos e lautmanianos. (Nota da IHU On-Line)

¹⁷ Vincent Colapietro: professor do Departamento de Filosofia da Pennsylvania State University. Seus estudos voltam-se para a relação entre pragmatismo e psicanálise. (Nota da IHU On-Line)

O acontecimento jornalistico a partir da semiótica de Peirce

O professor e pesquisador Ronaldo Henn analisa as reconfigurações do jornalismo contemporâneo em perspectiva com a obra de Peirce

POR ANDRIOLLI COSTA E RICARDO MACHADO

semiótica de Peirce, explica o professor e pesquisador Ronaldo Henn, não se apresenta como um modelo formal de análise de produtos de linguagem, mas como uma ferramenta epistemológica mais ampla. "É dessa perspectiva que incorporo a sua teoria nos modos como investigo os processos do jornalismo. E é na linguagem que está a materialidade do jornalismo, sobretudo na sua principal articulação: a de colocarse como uma mediação qualificada entre os acontecimentos públicos e a sociedade", explica Ronaldo, em entrevista por e-mail à IHU On-Line.

"O que reivindico para o jornalismo são modos de abordar e narrar os acontecimentos que, em algum nível, consigam restituir algo dessa radical singularidade que se perde nas convenções da linguagem jornalística e nos enquadramentos hegemônicos", ressalta. Segundo o pesquisador, parte dos sentidos construídos sobre o mundo tem como eixo nuclear o jornalismo. "Fazer com que essas possibilidades de sentido ampliem-se talvez seja uma necessidade contemporânea imposta ao jornalismo no momento em que outras formas de mediação consolidam-se", sustenta.

Ao se debruçar sobre a prática jornalística, o entrevistado argumenta que o resultado

final de muitos produtos jornalísticos, cujas interpretações parecem estar postas antes mesmo da apuração, emerge de uma "présemiotização" decorrente da engrenagem do atual sistema. "Penso que o futuro do jornalismo está na flexibilização desses processos. Coisas como o jornalismo em base de dados, construções de novas narrativas, construções coletivas e transnarrativas, incorporação de conflitos e outras dinâmicas são processos contemporâneos que podem revitalizar o jornalismo, fazendo com que supere esses modelos preestabelecidos", projeta.

Ronaldo Henn é graduado em Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo pela Unisinos, com mestrado e doutorado em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP. Professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Unisinos, coordena o projeto de pesquisa A produção do acontecimento nas redes sociais: a emergência do ciberacontecimento. Henn lançou recentemente o livro El ciberacontecimiento: producción y semiosis (Barcelona: Editorial UOC, 2014). É autor, também, de Os fluxos da notícia (São Leopoldo: Unisinos, 2002) e Pauta e notícia, uma abordagem semiótica (Canoas: Ulbra, 1996).

Confira a entrevista.

IHU On-Line – De que forma a teoria semiótica de Peirce pode colaborar para compreender o Jornalismo?

Ronaldo Henn — A semiótica de Peirce faz parte de um projeto filosófico mais ambicioso que tem, no seu horizonte, o estabelecimento dos fundamentos sobre os quais seriam erguidos os próprios processos de conhecimento, com destaque para o conhecimento científico. Por conta dis-

so, entendo sua semiótica não como um modelo formal, que se aplica para a análise de produtos de linguagem, mas como ferramenta epistemológica que ajuda na compreensão das lógicas implicadas na constituição das linguagens. É dessa perspectiva que incorporo a sua teoria nos modos como investigo os processos do jornalismo. E é na linguagem que está a materialidade do jornalismo, sobretudo na

sua principal articulação: a de colocar-se como uma mediação qualificada entre os acontecimentos públicos e a sociedade. Isso instaura alguns problemas de largada, dentre os quais, os limites e potencialidades desse lugar de mediação, que semioses esses processos tendem a disparar e com que desdobramentos, e o que os elementos constitutivos dessa mediação revelam sobre os próprios processos

constitutivos da realidade social. Por conta disso, acredito que a teoria de Peirce colabora para compreender o jornalismo porque oferece um mapa conceitual prodigioso para o entendimento dos interstícios de suas configurações pensadas em termos de acontecimento, fontes, ação dos jornalistas, enquadramentos, ação dos públicos e desdobramentos sociais.

IHU On-Line – Ao compreender a primeiridade como o acontecimento em estado puro, de que forma o jornalismo atuaria na produção de significado de determinada singularidade?

Ronaldo Henn - Peirce estabeleceu categorias fenomenológicas que correspondem às formas mais gerais de como os fenômenos acessam e processam-se na consciência. Tudo o que estaria no plano das qualidades em si mesmas, sem estarem, a rigor, encarnadas em algo, ele chamou de primeiridade. O que já é algo, na sua dimensão ainda singular, no aqui e agora, trata-se da secundidade. E quando esse algo já é traduzido em linguagem, que a forma como nós, inevitavelmente, acessamos o mundo, estamos no plano da terceiridade. Essas três categorias (que podemos, também, designar como qualidade, singularidade e generalidade) estão presentes em toda a construção filosófica de Peirce: trata-se de um pensamento essencialmente triádico. Mas elas não agem isoladamente, até porque nós, seres já formatados na consciência, estamos irremediavelmente atrelados à terceiridade e só temos lampejos ultraefêmeros do que seria um primeiro ou um segundo. Peirce dizia que suas categorias funcionam como timbres: há acentos de predominância, como, por exemplo, uma obra de arte estaria próxima da primeira categoria, enquanto um argumento, próximo da terceira. Isso não quer dizer que uma obra estética não seja concebida de um projeto codificado, o que implica numa dimensão terceira, ou que um argumento não tenha frescor estético, o que o colocaria numa dimensão primeira. É nesse sentido, inspirado em Deleuze1, que imagino um aconte"O que reivindico para o jornalismo são modos de abordar e narrar os acontecimentos que consigam restituir algo dessa radical singularidade"

cimento em estado puro: ou seja, na sua radical singularidade: mas isso é uma idealidade, porque todo o acontecimento, quando nos afeta, já é terceiro: precisa ser designado, instaura sentidos. O que reivindico para o jornalismo são modos de abordar e narrar os acontecimentos que, em algum nível, consigam restituir algo dessa radical singularidade que se perde nas convenções da linguagem jornalística e nos enquadramentos hegemônicos. Parte dos sentidos construídos sobre o mundo tem como núcleo o jornalismo: não é pouca coisa. Fazer com que essas possibilidades de sentido ampliem-se talvez seja uma necessidade contemporânea imposta ao jornalismo no momento em que outras formas de mediação consolidam-se.

IHU On-Line – Por que não é correto compreender o acontecimento simplesmente como linguagem, sendo que somente conseguimos percebê-lo a partir dela?

Ronaldo Henn – Pensar o acontecimento apenas como linguagem é negar-lhe seu vigor mais essencial: o de disparar semioses a partir da sua instauração, semioses que são inesgotáveis exatamente porque existem camadas no acontecimento que não são plenamente traduzidas, como se fugissem da linguagem, escapassem, tal como o coelho na narrativa de Alice. Entretanto, a experiência do acontecimento se dá fundamentalmente na linguagem. É através dela que ele materializa-se publicamente e os sentidos são produzidos. E é nesse jogo que, no meu entendimento, as narrativas sobre os acontecimentos ganham especial sabor e deveriam ser pensadas em potências mais complexas, como faz meu colega e amigo Fernando Resende, professor da Universidade Federal Fluminense. É desse lugar que vejo saídas para o jornalismo, no efetivo exercício da diversidade das vozes sociais e da incorporação efetiva do outro. É dessa maneira que, aquilo que escapa à linguagem no acontecimento, pode ganhar textura, vivacidade: densidades narrativas, num jogo entre tensões e fruições estéticas.

IHU On-Line – É possível pensar em graus de aproximação com o acontecimento puro? Buscar o máximo de aproximação é atributo definitivo do jornalismo?

Ronaldo Henn – Sim, é possível, e isso seria viabilizado exatamente nesse jogo narrativo de que falei antes. Existem dois aspectos importantes agui. O primeiro está naguilo que compõe a alma das prerrogativas jornalísticas, que tem a ver com precisão e credibilidade. Se pensarmos o acontecimento como um objeto semiótico e as narrativas produzidas pelo jornalismo como semioses decorrentes desse objeto transformado em signos, teleologicamente existe um motor que faz essas semioses andarem no sentido do desvendamento pleno desse objeto: convenções, enquadramentos, interesses de diversas ordens, enfim, há uma série de entraves que inviabilizam essas semioses plenas (que, na verdade, nunca sairão da categoria da possibilidade). Mas é exatamente porque o objeto não está no signo, mas é representado por ele, que partes não narradas ainda podem ser acessadas ao longo do tempo: e isso vale tanto para o jornalismo como para a história. O outro aspecto a des-

¹ Gilles Deleuze (1925-1995): filósofo francês. Assim como Foucault, foi um dos

estudiosos de Kant, mas tem em Bérgson, Nietzsche e Espinosa poderosas interseções. Professor da Universidade de Paris VIII, Vincennes, Deleuze atualizou ideias como as de devir, acontecimentos, singularidades, conceitos que nos impelem a transformar a nós mesmos, incitando-nos a produzir espaços de criação e de produção de acontecimentos outros. (Nota da IHU On-Line)

tacar é que se pode narrar o acontecimento de diferentes formas, e isso traz a narrativa jornalística para um plano estético, com potência de revelar camadas não dizíveis dos acontecimentos: aproximar-se da sua primeiridade, de um plano sensível, do seu estado puro ou bruto. Narrativas como as de Eliane Brum², por exemplo, são exercícios com esse porte.

IHU On-Line — Quais os riscos que estão implicados no distanciamento do acontecimento a partir da instauração de uma semiose infinita (ou absoluta)?

Ronaldo Henn – A rigor, a semiose infinita não geraria uma distância do acontecimento, na medida em que ela significaria sua plena explicação. O que pode produzir distanciamento do acontecimento é sua rápida codificação num regime de sentidos já dado, sem qualquer possibilidade de outras vozes serem incorporadas ou tensionadas. É esse o verdadeiro limite do jornalismo: as temporalidades reduzem a ampliação dos dados, checagem, diversificação de fontes. Encerra prematuramente a semiose.

IHU On-Line – Em que a chamada "morte do acontecimento" afeta o próprio contrato comunicativo estabelecido com o jornalismo contemporâneo?

Ronaldo Henn — Essa ideia de "morte do acontecimento" vem de um autor português chamado José Augusto Bragança de Miranda³ que, inspirado em Deleuze, fala que o acontecimento humano seria uma resposta ao acontecimento absoluto, associado à morte. Quando Peirce fala em "interpretante final", que seria o ponto definitivo da semiose, penso que isso seria uma espécie de morte: como se todos os sentidos fossem dados numa

"Penso que o futuro do jornalismo está na flexibilização desses processos"

entropia máxima. O que acontece no plano cotidiano é algo às avessas disso: são sentidos que se esvaem muito rapidamente, mas vinculados a um sentido geral já posto e indiscutível, seja ele o da "ordem mundial", do mercado globalizado, dos fundamentalismos de qualquer matriz. E é isso que Baudrillard⁴ chama de "greve dos acontecimentos": como se não fosse mais possível singularidades e estivéssemos condenados a uma terceiridade definitiva. Mas, exatamente porque os acontecimentos pululam em outras camadas, que essa cena não se cumpre por inteiro e está sempre à beira de ser sacudida pela emergência das singularidades.

IHU On-Line – De que forma o habitus estabelecido pela profissão de jornalista leva a um olhar já semiotizado do acontecimento – que o enquadra em modelos já preestabelecidos de cobertura jornalística?

Ronaldo Henn – Isso é da cultura profissional e também das exigências do mercado. Trata-se de uma profissão totalmente vinculada ao tempo e à velocidade dos processos. Por questão de uma economia informativa, no sentido da Teoria da Informação, é necessário uma decifração rápida do acontecimento e gerar planos muito eficazes de cobertura no menor tempo possível. Essa pré-semiotização é funcional na engrenagem do sistema, mas também altamente restritiva. Penso que o futuro do jornalismo está na flexibilização desses processos.

Coisas como o jornalismo em base de dados, construções de novas narrativas, construções coletivas e transnarrativas, incorporação de conflitos e outras dinâmicas são processos contemporâneos que podem revitalizar o jornalismo, fazendo com que supere esses modelos preestabelecidos.

IHU On-Line – De quais modos a leitura dos estudos de Peirce se atualiza no contexto dos ciberacontecimentos?

Ronaldo Henn – Nos processos industriais do jornalismo, as semioses disparadas pelas narrativas do acontecimento pautavam-se por uma certa linearidade: transformação do objeto semiótico (acontecimento) em signo (narrativa jornalística) com produção de interpretantes (repercussão, afetação, agendamento). Essa lógica está na explosão. Os processos de comunicação on-line e as redes sociais digitais, que é o ambiente de eclosão disso que venho chamando de ciberacontecimento, tornam mais complexas essas semioses. O monopólio do processo de representação (geração de signos: notícias, reportagens) transtorna-se com a proliferação instantânea das semioses em redes digitais.

Isso culmina com as formas atuais de produção do acontecimento, que se instala em outra relação de mediação entre signos e objetos desconcertando as formas tradicionais de jornalismo. E os processos em rede podem render metodologias para que possamos visualizar essas semioses: elas materializam-se e são capturáveis.

Leia mais...

- Midiático por natureza A construção do ciberacontecimento. Entrevista com Ronaldo Henn publicada na edição 447, de 30-06-2014, disponível em http://bit.ly/1Dlup8S.
- "As redes de relacionamento podem constituir, elas próprias, os acontecimentos". Entrevista com Ronaldo Henn publicada na edição 400, de 27-08-2012, disponível em http:// bit.ly/1rt5iyo.

² Eliane Brum: jornalista e escritora brasileira. (Nota da IHU On-Line)

³ José Augusto Bragança de Miranda (1953): é um investigador, ensaista e, professor universitário português. Licenciado em Sociologia, desde 1982, obteve o doutoramento em Comunicação Social, pela Universidade Nova de Lisboa, em 2001. É professor da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, onde iniciou funções em 1995. Tem obra publicada nas áreas de comunicação e cultura, cibercultura e estudo dos media. (Nota da IHU On-Line)

⁴ Jean Baudrillard (1929-2007): filósofo e sociólogo. Um dos importantes pensadores ocidentais da atualidade, é autor de vários livros, entre os quais destacamos: A troca impossível (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002), A ilusão vital (Civilização Brasileira, 2001) e A sociedade do consumo (Lisboa: Edições 70, 2000). (Nota da IHU On-Line)

A representatividade brasileira nos estudos peirceanos

Eleito presidente da Sociedade Charles Peirce, Ivo A. Ibri reflete sobre a importância do reconhecimento do Brasil no cenário pragmático mundial

POR ANDRIOLLI COSTA

undador do Centro de Estudos do Pragmatismo do Programa de Estudos Pós-graduados em Filosofia da PUC-SP, o professor Ivo A. Ibri foi eleito este ano presidente da Charles S. Peirce Society (EUA), cargo que assumirá a partir de 2015. Nesta entrevista, concedida por e-mail à IHU On-Line, ele faz um balanço da representatividade brasileira nos estudos peirceanos e o pensamento que norteia o Centro de Pragmatismo.

Ivo A. Ibri possui graduação em Engenharia Civil pela Universidade de São Paulo – USP, mestrado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica – PUC-SP e doutorado em Filosofia também pela USP. Atualmente é professor titular da PUC-SP e da Faculdade de São Bento. É editor responsável das revistas Cognitio – Revista de Filosofia e Cognitio--Estudos. Coordena desde 1998 os Encontros Internacionais sobre Pragmatismo, realizados anualmente. A partir de 2009, passou a integrar o corpo de consultores do Peirce Edition Project, da Universidade de Indiana, EUA, que edita a obra cronológica de Charles S. Peirce.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Datada do final do século XIX e início do XX, de que formas a obra de Charles S. Peirce permanece atual na contemporaneidade?

Ivo A. Ibri – Trata-se de uma filosofia antidogmática, falibilista, que incorpora a incerteza congênita a todo conhecimento e o faz com forte construção ontológica suportada por uma Fenomenologia, pela Semiótica e pelo Pragmatismo. O sistema teórico legado por Peirce tem um caráter heurístico aberto, que permite pensar de modo novo as múltiplas áreas da filosofia e da cultura em geral.

IHU On-Line – De que modo o pensamento peirciano norteia os trabalhos do Centro de Estudos do Pragmatismo, da PUC-SP?

Ivo A. Ibri – Ele é o principal eixo das pesquisas desenvolvidas no Centro, não obstante outros autores que dialogam com Peirce e o pragmatismo clássico também são estudados. Temos três linhas de pesquisa associadas à Lógica, Ética e Estética em seus nexos com o pragmatismo.

IHU On-Line – Qual a importância da dimensão ontológica e metafísica para a compreensão do pragmatismo?

Ivo A. Ibri – É fundamental entender essa dimensão que enriquece sobremaneira o pensamento peirceano e promove um entendimento mais profundo de sua opção realista de filosofia, em seu sentido escolástico.

IHU On-Line – A primeira edição do livro *Kósmos Noetós* (São Paulo: Perspectiva, 1992) tem mais de 20 anos. Desde então, algo mudou do modo como você compreende a filosofia de Peirce?

Ivo A. Ibri – As diretrizes básicas do meu entendimento da obra de Peirce estão naquele livro, que em breve receberá edição atualizada, pois está a algum tempo esgotado. Evidentemente, muitos pontos foram aprofundados e desdobrados, conforme busco mostrar nos ensaios subsequentes que venho publicando.

IHU On-Line – Você foi eleito presidente da *The Charles Sanders Peirce Society* para 2015, posto que Lucia Santaella¹ ocupou em 2007. Isso indica que, nos últimos anos, as contribuições brasileiras para os estudos peirceanos têm tido maior relevância para a comunidade científica?

Ivo A. Ibri — Creio que a repercussão internacional do trabalho do Centro de Estudos de Pragmatismo, que promove os Encontros Internacionais de Pragmatismo e edita as revistas *Cognitio* e *Cognitio-Estudos*, tem sido reconhecida, a par da participação brasileira em congressos e eventos no exterior. A eleição para o honroso cargo de presidente da Peir-

ce Society reflete de algum modo esse reconhecimento.

IHU On-Line – Quais são as principais contribuições brasileiras para os estudos de Peirce?

Ivo A. Ibri – Nossa interpretação da obra de Peirce tem sido diferenciada pelo seu amplo diálogo com a história da filosofia e pelo esforço de manter uma visão sistêmica de sua obra. Essa abordagem proporciona perceber muitas nuanças de seu pensamento que não se encontram desenvolvidas em sua obra escrita, mas que atuam como 'sementes' para se pensar novas ideias em filosofia.

IHU On-Line – Deseja acrescentar mais alguma coisa?

Ivo A. Ibri – Creio que a obra de Peirce, pelo seu amplo e profundo espectro teórico, se internacionalizou definitivamente e, de gênese, estava destinado a extravasar os limites da cultura norte-americana que lhe deu berco. O recente congresso realizado na universidade de Lowell, EUA, que celebrou os cem anos da morte de Peirce, mostrou esse caráter internacional com a presença de pesquisadores de todos os continentes, representando centros importantes de pesquisa e apresentando uma gama muito vasta de estudos de sua obra. A propósito, a presença brasileira nesse congresso foi bastante acentuada e representativa das linhas de pesquisa em Semiótica e Pragmatismo que aqui desenvolvemos.



¹ Lucia Santaella (1944): professora titular da PUC de São Paulo, é uma das principais divulgadoras da semiótica peirceana no Brasil. (Nota da IHU On-Line)

Publicação em destaque



Cadernos IHU em formação 47º edição

Alimento e Nutrição no Contexto dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio

Nesta 47ª edição, o Cadernos IHU em formação reúne entrevistas, notícias e artigos realizados a partir da realização e dos debates propostos no XV Simpósio Internacional IHU. Alimento e Nutrição no contexto dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio - ODMs. O trabalho que norteou o evento - e esta publicação - foi o de ressaltar a importância da garantia do alimento que fundamenta a própria paz, já que alimentar o corpo, a alma e o espírito é uma questão de cidadania planetária e razão primeira do progresso e do desenvolvimento. Integrados na cadeia alimentar que constitui a ri-

queza e a originalidade do planeta em que fomos dados à luz, cabe a todos o trabalho de zelar e cuidar das fontes da vida e de sua sociobiodiversidade.

Esta e outras edições dos Cadernos IHU podem ser adquiridas diretamente no Instituto Humanitas Unisinos – IHU ou solicitadas pelo endereço humanitas@unisinos.br. Informações pelo telefone 55 (51) 3590 8213. Você também pode baixar esta edição gratuitamente em http://bit.ly/ihuem47.

Retrovisor

Releia algumas das edições já publicadas da IHU On-Line.



Biologia sintética. O redesenho da vida e a criação de novas formas de existência

Edição 429 – Ano XIII – 15-10-2013 Disponível em http://bit.ly/IHUon429

Os três semestres que antecederam a realização do XIV Simpósio Internacional IHU: Revoluções tecnocientíficas, culturas, indivíduos e sociedades. A modelagem da vida, do conhecimento e dos processos produtivos na tecnociência contemporânea foram de intenso debate em torno da questão de fundo. Em outubro de 2013, o Projeto Biologia Sintética foi amplamente debatido com dois pesquisadores que trabalham no Centro de Ciencias Humanas y Sociales — CSIC, em Madri, Jordi Maiso Blasco e José Antonio Zamora Zaragoza, respectivamente. Ainda contribuem para o debate os professores e pesquisadores José Manuel de Cózar-Escalante, Antonio Diéguez-Lucena, Paul Rabinow e Gaymon Bennett e Carlos Maria Romeo-Casabona, que desenvolvem estudos sobre bioética, nanotecnologias e os dilemas do pós-humanismo.

A financeirização do mundo e sua crise. Uma leitura a partir de Marx

Edição 278 – Ano VIII – 21-10-2008 Disponível em http://bit.ly/IHUon278

Diante de uma sociedade cujos processos tecnocientíficos corroboram uma ideia de financeirização de tudo, onde, inclusive as sementes, bens universais passam a se tornar propriedade e os processos biopolíticos pautados pelo regime financeiro, a IHU On-Line apresenta a discussão sobre a mais grave e complexa crise do capitalismo depois de 1929, a que o mundo viveu a partir de outubro de 2008. Um ciclo maior do capitalismo, iniciado há quase 80 anos, parece estar no fim.





Tema de capa Timera de capa

Mais inovação tecnológica e... piores condições de trabalho. Um paradoxo!

Edição 188 - Ano VI - 26-07-2006 Disponível em http://bit.ly/IHUon188

"Há quinze anos, a média de cana cortada era de seis ou sete toneladas por trabalhador por dia. Hoje se contratam trabalhadores que cortam, no mínimo, dez toneladas de cana por dia. Intensificou-se o ritmo, a jornada de trabalho. Ou seja, para que o trabalhador seja competitivo com a máquina, a referência dele passou a ser a máquina. Ele tem que cortar tão

eficientemente quanto a máquina, e por um salário cada vez menor. Aí temos um processo contraditório, no qual aparece a inovação tecnológica e, ao mesmo tempo, a piora das condições de trabalho. É um paradoxo." A constatação é do Prof. Dr. José Roberto Novaes, da UFRJ em entrevista que inspira o título da capa da edição 188 da IHU On-Line.

500 Anos da Reforma: Luteranismo e Cultura nas Américas

IHU IDEIAS

500 Anos da Reforma: Luteranismo e Cultura nas Américas Vítor Westhelle - EST e LSTC



Conferencista: Vítor Westhelle – Escola Superior de Teologia – EST e Lutheran School of Theology at Chicago Horário: 17h30min | Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU



A realidade complexa da tecnologia

Cadernos IHU ideias, em sua 216ª edição, traz o artigo A realidade complexa da tecnologia, sob autoria de Alberto Cupani, professor da Universidade Federal de Santa Catarina.

Como tudo quanto é real, a tecnologia é certamente uma entidade complexa. A sua complexidade é evidente nas diferentes definições que foram propostas para caracterizá-la e na pluralidade dos seus aspectos, que incluem objetos de uma certa classe, formas específicas de conhecimento, atividades igualmente específicas e uma atitude humana peculiar perante o mundo. A tecnologia é também complexa por causa da sua ambiguidade: em seu progresso, em sua relação com a Natureza e a sociedade e em suas consequências morais e políticas. Por último, mas não menos importante, a tecnologia pode ser referida a diferentes modos de definir o homem. Tamanha complexidade é um desafio para nossa capacidade de lidar com a tecnologia na vida quotidiana. Este artigo buscar debater esses assuntos.

Leia mais nesta edição na página 70 ou acesse o texto na íntegra no link http://bit.ly/ihuid216.

XVI Simpósio Internacional IHU - 10 a 13 de novembro de 2014

O próximo Simpósio Internacional do IHU, de 10 a 13 de novembro, está com inscrições abertas a quem deseja participar do evento. A proposta é discutir as questões que levaram à supressão da Ordem dos Jesuítas em 1773 e as condições e consequências de sua restauração oficial, em 1814. O papel da Ordem 200 anos depois de sua restauração e sua inserção social também são temas em debate.

Mais informações em http://bit.ly/XVISimp.



twitter.com/_ihu





bit.ly/ihuon



youtube.com/ihucomunica